

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E
INSTITUCIONAL

Priscila Pavan Detoni

**“SEGUIR BARRAGEM”: (RE - DES) CONSTRUÇÕES DAS
MASCULINIDADES NUM CANTEIRO DE OBRAS DE UMA USINA
HIDRELÉTRICA.**

Porto Alegre

2010

Priscila Pavan Detoni

**“SEGUIR BARRAGEM”: (RE - DES) CONSTRUÇÕES DAS
MASCULINIDADES NUM CANTEIRO DE OBRAS DE UMA USINA
HIDRELÉTRICA.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social e Institucional. Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Dr. Henrique Caetano Nardi

Porto Alegre

2010

Priscila Pavan Detoni

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação “SEGUIR BARRAGEM”: (RE - DES) CONSTRUÇÕES DAS MASCULINIDADES NUM CANTEIRO DE OBRAS DE UMA USINA HIDRELÉTRICA, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Dissertação defendida e aprovada em: __/__/__

Comissão Examinadora:

Benedito Medrado - UFPE

Fernando Seffner – PPGEDU - UFRGS

Nair Iracema Silveira dos Santos – PPGPSI – UFRGS

Paula Sandrine Machado – UFRGS

Àqueles/as que (re - des) constroem, ao mesmo que vão se
(re - des) construindo.

Agradecimentos

Agradeço a todos/as aqueles/as que me ajudaram a (re - des) construir esta trajetória. Principalmente os/as seguidores/seguidoras de barragens que me receberam no seu canteiro de obras para a realização desta pesquisa, em especial aos entrevistados e ao pessoal da Psicologia.

À toda minha grande família, que apesar das distâncias sempre se fez/faz presente. Em especial, ao meu Dindo e Tio Janey, por ter seguido algumas barragens e incentivado a possibilidade deste estudo. À minha mãe e ao meu pai pelo apoio quase incondicional nas coisas que faço e pelo investimento psico financeiro, mesmo quando extrapolados os orçamentos de pesquisa, junto ao auxílio da bolsa. À minha irmã Luana e ao meu irmão Felipe, pelo afeto, e, pelas intermináveis perguntas e brincadeiras.

Aos/às meus/minhas amigos/amigas que fizeram/fazem de Erechim a minha capital da amizade, que foi ponto de encontro obrigatório para renovação e reflexão nas minhas idas e vindas do campo, e para casa (Itatiba do Sul), inclusive nos encontros de rodoviária em horários diversos e temperaturas inóspitas: Mônica Copatti, Elisandra Roldo, Rodrigo Kemel (estas três criaturas que trabalham/trabalharam no/com o concreto da construção civil e na rede elétrica foram inspirações fundamentais), Angela Cenzi, Simone e Samile Skrzypek, Augusto Fassina, Geniana Zinkiewicz, Rita de Cássia Gobbo, Eliana Santin, Paulo Massiero, Rosângela Machado Moreira, Pâmela Bortolazza, Graciela Ody, Glauca Zardo.

À Giana Borela e ao Rangel Paiva, por me acolherem em Porto Alegre.

À Karine Vanessa Perez, por ter me emprestado a borracha no dia da prova para o ingresso no mestrado e depois deste reencontro fazer parte deste caminhar.

À Daiana Carming e à Larissa Quartiero, pelo suporte emocional e pela intensidade dos encontros, o que não me deixou perder o ânimo neste percurso.

Às Hiper-Rizomáticas e às suas extensões, conexões, redes por tornarem o mestrado mais doce com as negas malucas da Thiele Müller Castro, mais despojado com as passagens na praça da Paula Marques, mais interativo e enredado com a multiplicidade da Grace Tanikato, mais dinâmico com as articulações (inclusive gestuais) da Michele Cervo, e mais simples e fantástico com as exclamações/interrogações da Daiane Maus Marques. À Carla Bottega, Vânia Mello, Grazi Lopes, Cris Veeck, Juliana Prediger, Bianca Stock, Leda Rúbia, e às/aos que se juntaram as caravanas de viagens, estudos, apresentações de trabalhos...

Ao pessoal do grupo de pesquisa – Daiane, E(Lia)na Quartiero, Luciana Fogaça, Izaque Ribeiro, Lissandra Soares, Manoela Carpenedo - por terem indicado leituras, sugerido ideias e escutarem partes da narrativa desta dissertação com entusiasmo.

Ao meu orientador Henrique, pela paciência, disponibilidade e dedicação; desde o momento em que ingressei no programa de mestrado, seguindo durante o estágio docente, nas aulas, nas orientações e na escrita.

Ao Professor Fernando Seffner e à Professora Jaqueline Tittoni por terem contribuído durante a qualificação do projeto e em suas/seus aulas/seminários.

Às Professoras Nair Silveira e Paula Sandrine por se interessarem por esta pesquisa e aceitarem prontamente compor a banca, conjuntamente com os Professores Fernando e Benedito Medrado.

Aos/às colegas e professores/as deste mestrado e de outros programas de pós-graduação da UFRGS que circulei pelos contornos da pesquisa.

E ao incentivo, que seguiu por e-mail, MSN e telefone de quem fez parte das minhas primeiras (re - des) construções – os/às meus/minhas colegas e aos/às professores/as da época da graduação – principalmente ao Aldo David Meneghetti e à Charlotte Beatriz Spode.

“Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido [a] na idéia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o [a] senhor [a] sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda que é um ponto muito mais embaixo, bem diverso do que primeiro se pensou.”
(Grande Sertões: Veredas, GUIMARÃES ROSA, 1993)

*Não escrevo por ofício,
Mas pela (des) continuidade
De tentar ir ordenando as idéias,
Ou/e (des) ordenando.
Vou comunicando,
E assim (me) modificando
Nesta vida em que "Fare e disfare è tutto lavorare"¹.*

¹ "Fare e disfare è tutto lavorare", em português é "Fazer e desfazer é tudo trabalhar." Esta frase ouvi uma série de vezes da minha avó Emília Tozzo Detoni (I. M.), em especial quando eu não queria refazer ou desfazer alguma coisa. Contudo, poucas coisas são possíveis de serem feitas sem se (des) ou (re) façam.

Resumo

Esta pesquisa propõe descrever e problematizar o contexto da construção das performances masculinas de trabalhadores que ficaram alojados em um canteiro de obras para a construção de uma usina hidrelétrica no oeste catarinense, no Sul do Brasil. Teoricamente, este estudo está situado no campo de conhecimento da Psicologia Social e Institucional na sua vertente pós-estruturalista, a qual entende os sujeitos como produtos de determinadas construções sociais. O estudo é baseado centralmente em Michel Foucault e Judith Butler. A metodologia foi guiada pela abordagem etnográfica e análise das formações discursivas. O corpus foi constituído basicamente por observações de campo e entrevistas. A pesquisa buscou descrever como são (re – des) construídas estas subjetividades masculinas, desde o processo de mobilização para a vinda e instalação destes trabalhadores, a composição da cidade temporária instalada no canteiro de obras até o processo de desmobilização. Este processo fala da itinerância destes homens interpelados como *barrageiros*. As análises compuseram-se por elementos que tomam eixos os elementos fundamentais da edificação destas masculinidades – a atividade sexual; a relação com a prostituição; o trabalho pesado e arriscado ligado à construção civil; a convivência nos alojamentos; a relação com as famílias; a corporalidade, e as relações de amizade/solidariedade que se constroem no processo de *seguir barragens*. A partir deste estudo, vislumbraram-se diferentes modos de ser homem, apesar de existirem modelos hegemônicos de masculinidades conectados à matriz heteronormativa, os quais entram em tensão e se reformulam de acordo com os marcadores sociais em questão (origem, escolaridade, idade), a época, o local e as relações que se estabelecem dentro da continuidade e da estabilidade que se constrói na itinerância dos/as seguidores/as de barragens.

Palavras-chaves: Masculinidades. Relações de Gênero. Sexualidade. Trabalhadores. Construção Civil. Usina Hidrelétrica.

Abstract

This research aims at describing and discussing the context of the construction of the performances of male workers who were housed in a building site for the construction of a hydroelectric power plant in western Santa Catarina, southern Brazil. Theoretically, this study is situated in the field of knowledge of Social and Institutional Psychology in its post-structuralist stream, which takes individuals as products of certain social constructs. This study is based mainly on Michel Foucault and Judith Butler. The methodology was guided by the ethnographic approach and by the analysis of discursive formations. The body was formed mostly by field observations and interviews. The research sought to describe how there are (re - de) constructed these masculine subjectivities, from the mobilization process for the arrival and installation of these workers, the composition of the city temporarily installed at the works site, up to the demobilization process. All this process talks about the itinerancy of these men who are interpellated as *barrageiros* (“the men of the dams”). The analyses were composed of elements that take as axes the key elements in building these masculinities – the sexual activity, the relationship with prostitution, the hard and risky work linked to civil construction, the common living in the accommodations, the relationship with the family, the corporeality, and the relations of friendship/solidarity that are built in the process of *following dams*. From this study, there were devised different ways of being a man, despite the existence of hegemonic patterns of masculinities connected to the heteronormative matrix, which come into tension and are revised according to the social markers in question (origin, educational level, age), the time, the place and the relationships established within the continuity and stability that are built along the itinerancy of these men following the dams.

Keys - words: Masculinities. Gender Relations. Sexuality. Workers. Civil Construction. Hydroelectric Power Plant.

SUMÁRIO

Apresentação.....	11
1) “Mobilização” - Chegando ao Campo – “É aqui mesmo?”	15
1.1) A Barragem – “A Obra Faraônica” – Cidade Temporária de Homens.....	19
1.2) Os Barrageiros - Sujeitos da Pesquisa.....	33
1.3) A entrada em um canteiro de obras – A Psicologia no Canteiro de Obras.....	44
2) Operadores e Sinaleiros – “Os sinaleiros são os olhos do operador.”.....	51
2.1) Sinaleiros – a escolha metodológica e as técnicas de pesquisa...52	
2.2) Operadores Conceituais.....	58
2.2.1) Modos e Processos de Subjetivação.....	58
2.2.2) Relações de Gênero e Sexualidade.....	61
2.2.3) Masculinidades Plurais.....	66
2.2.4) Trabalho, Subjetividades, Masculinidades.....	70
3) A Massa - Blocos de concreto, vigas e compensados.....	74
3.1) Sexualidade – “Qual é o homem que não deseja ter um sexo!?” ...80	
3.2) “Foiás” – As áreas de lazer e/ou de perdição.....	90
3.3) “Fichar e seguir barragem” – Trabalho Duro.....	99
3.4) Vida de alojado – trabalhar e morar no mesmo lugar.....	108
3.5) Relações Familiares? “papel de marido, pai, companheiro”	118
3.6) Performances do Corpo Masculino em/na Construção.....	125
4) “Desmobilização” – “Para onde ir?” – (Re - des) considerações possíveis.131	
5) Referências Bibliográficas.....	136
6) Apêndices.....	148

Apresentação

Esta dissertação busca descrever e problematizar o contexto da construção das performances masculinas de trabalhadores que ficam alojados em um canteiro de obras para a construção de uma usina hidrelétrica no oeste catarinense, no Sul do Brasil. Butler (1997) entende o gênero como performático, isto é, a forma como somos interpelados/as define-se pelas atribuições que nos fazem existir enquanto sujeitos a partir da norma que define o gênero como binário – feminino ou masculino.

Objetiva-se, com esta pesquisa, conhecer melhor os aspectos particulares dos processos de construção das masculinidades de tais trabalhadores. Para isso, procuro partir de uma idéia plural de masculinidades com base em Welzer-Lang (2001, 2004), o qual toma como referência os estudos antropológicos de Godelier (1992) para pensar a “casa dos homens”² como um lugar restrito à construção do masculino, que o faz dominante (BOURDIEU, 1999) e, por tanto, diferente do outro - do feminino.

A proposta deste estudo se desenvolve no campo de conhecimento da Psicologia Social e Institucional a partir das pesquisas pós-estruturalistas, as quais entendem os sujeitos como produtos de determinadas construções sociais. Portanto, concebemos as relações de gênero como processos que configuram estas construções no interior do dispositivo da sexualidade. O dispositivo da sexualidade se apresenta como um mecanismo de poder, o qual se conforma e se compõe dos discursos, das instituições e dos regulamentos aliados à esfera governamental para que o exercício da sexualidade aconteça de determinada forma (FOUCAULT, 1988).

Pretendo percorrer este campo de estudo com base nas teorizações de Michel Foucault e Judith Butler. Estes autores colocam em questão a

² A metáfora “casa dos homens” é usada por Welzer-Lang (2001) para mostrar as complexidades da socialização masculina em diferentes culturas. Nessa “casa dos homens”, descrita nos estudos de Godelier (1992), na Nova Guiné, mantém-se o segredo da felação e do valor de ingestão do esperma de um homem mais velho como forma de aprender a ser homem.

naturalização da matriz binária e heterossexual que produz a inteligibilidade de nossa autoconstituição como sujeitos, o que estabelece as delimitações dos posicionamentos de práticas e discursos que dualizam homens/mulheres, masculinidades/feminilidades, heterossexualidades/homossexualidades na sociedade ocidental.

Portanto, faz-se necessário pensar nas performances da masculinidade e na produção de corpos generificados que têm sido produzidos dentro dos jogos de verdade de nossa época (BUTLER, 2003, 2004), a partir do dispositivo da sexualidade (FOUCAULT, 1988), o qual agencia os processos de subjetivação como um conjunto de práticas que produz indivíduos, discursos, identidades de gênero e sexuais. A emergência do dispositivo da sexualidade produziu o enquadramento de práticas que se conectam a uma identidade, o que cria condições de possibilidade para que estes homens trabalhadores façam experiências de si e se enunciem dentro de uma cidade de homens, ou seja, de sujeitos produzidos numa experiência localizada e histórica.

Ao propor o conceito plural de masculinidades pretendo seguir uma postura epistemológica que percebe a existência de diferentes formas de ser homem, na lógica de manutenção, produção e reprodução das assimetrias do poder hegemônico masculino ainda conservado na sociedade (CAREAGA e SIERRA, 2006). Afinal, como Connell (1995, 2003, 2006) indicou, não existe uma masculinidade, mas masculinidades. No entanto, estas masculinidades são posicionadas de forma hierárquica e ainda hegemonicamente definidas a partir de uma matriz naturalizada como biológica (RODRÍGUEZ, 2006). Laqueur (2001), com o objetivo de desnaturalizar essa “verdade”, retomou as concepções da medicina galênica, para a qual o homem e a mulher eram vistos como componentes biológicos de uma mesma formação: respectivamente, um teria o órgão para fora e o outro, para dentro – o que permite pensar que um ocupa o espaço público e o outro, o privado. Ao partimos do pressuposto de que existem masculinidades e feminilidades, cabe perguntar: Como se inscrevem socialmente? Quais performances as tornam inteligíveis? Quais hierarquias definem os vetores da normalização e da patologização no interior das relações de gênero?

Segundo Cypriano (2008), há uma posição paradoxal ocupada pelos homens dentro da(s) militância(s) e das teorias feministas, as quais são precursoras (ou pelo menos um dos pontos de partida) dos estudos das masculinidades, sendo recente a presença masculina nos estudos de gênero, um universo que, inicialmente, foi imaginado como exclusivamente pertencente às mulheres. Como consequência, diversos pesquisadores (WELZER-LANG, 2004; CLÍMACO, 2008) apontam para a escassez de estudos referentes ao tema.

Assim, buscando colaborar para este campo, minha intenção é pesquisar como ocorrem esses processos da construção da subjetividade em relação às masculinidades, em um campo em que os trabalhadores ficam alojados dentro de um canteiro de obras, basicamente, de homens organizados conforme a sua identificação pelo sexo, o qual é definido pela genitália externa e pela documentação. A análise dos enunciados que emergem neste local foram analisados a partir do material produzido nas entrevistas e no diário de campo.

A particularidade deste estudo reside no fato de o campo de pesquisa ser a construção de uma hidrelétrica em que há um processo de formação de uma cidade temporária, onde se monta um canteiro de obras para mais de dois mil homens habitarem.

Cabe, também, pensar na implicação da pesquisadora, pois, como afirma Welzer-Lang (2004), os homens pesquisadores têm dificuldades em escrever sobre as diversas masculinidades, em especial por dois motivos: por acharem que só existe um modo de ser homem e também porque, ao descreverem determinadas masculinidades, estariam traindo os segredos da dominação masculina no que se refere à sua posição no interior das relações de gênero. A partir disso, cabe a reflexão sobre os efeitos de ser mulher pesquisadora descrevendo, perguntando, escrevendo, enfim, pesquisando sobre homens e do lugar do corpo da pesquisadora. Desde a entrada no campo me deparei com questionamentos sobre como poderia abordar os homens desta cidade e qual seria o conteúdo das entrevistas, junto à interrogação e/ou afirmação do que poderia ser relatado a uma mulher/pesquisadora/psicóloga. Seria este relato diferente caso fosse um

homem/pesquisador/de outra área, apesar de compor um mesmo campo de pesquisa. Conclui que mesmo que fosse distinta, esta seria a minha análise e que este elemento estaria ali como um analisador de uma pesquisa específica em um contexto específico, mas sem pretensão alguma de generalização ou universalização da análise aqui produzida.

1) “Mobilização” - Chegando ao Campo – “É aqui mesmo?”

O campo não é, necessariamente, inaugurado no contato direto com os sujeitos de pesquisa. Este contato é iniciado quando se vai delineando o objeto através dos suportes metodológicos e conceituais que serão utilizados como ferramentas para o estudo, além da mobilização feita por cada pesquisador/pesquisadora. Mobilização é também o termo utilizado na obra para indicar o percurso feito para que se monte um canteiro de obras. Partindo do contexto da mobilização como parte do processo que traz o aparato material e humano para a construção de uma usina hidrelétrica, pretendo contar sobre a minha própria mobilização, como pesquisadora, ou seja, as marcas de minha chegada neste campo de pesquisa.

Ao entrar em um campo de pesquisa, posicionando-me no lugar de pesquisadora, assumo um lugar incerto, um terreno de alguém que constrói um problema de pesquisa a partir de certas concepções e nomeia um objeto. Sabendo que este objeto não está dado, parto da idéia de um campo construído - uma interlocução ativa entre as figuras sujeito/objeto de pesquisa, e de escolhas teóricas que dão suporte ao estudo. Foucault (1995, 2006) tem como questão básica determinar a que condições o sujeito está submetido, qual a posição que ocupa para se tornar sujeito legítimo de um determinado conhecimento, ou seja, trata-se de compreender os modos de subjetivação. Afinal, em que condições alguma coisa pode se tornar um objeto possível do conhecimento? Como pode ocorrer a problematização³ do objeto do conhecimento? O que faz com que um objeto seja considerado legítimo ou não no interior dos jogos de verdade da ciência? Qual o processo que me conduziu a escolher como objeto de pesquisa a construção das performances masculinas de trabalhadores que ficam alojados em um canteiro de obras de uma usina hidrelétrica?

³ Termo que se banalizou, contudo retoma-se o sentido atribuído por Michel Foucault e Robert Castel. Para Foucault (2006), problematizar diz respeito a refletir sobre as práticas discursivas do que pode ou não ser legitimado dentro dos jogos de verdade. E para Castel (1998) problematizar é colocar em evidência, datar e periodizar as transformações do objeto que se pretende compreender a partir da pesquisa.

Tomo o processo de estranhamento⁴ como ponto de partida. Esboçarei o percurso que fiz para pensar neste objeto e neste campo de pesquisa. Provindo de estudos com intersecção da Psicologia Social e Psicologia do Trabalho durante a graduação, pretendi continuar no tema, lançando-me num desafio de aprendizado no que diz respeito à forma como o trabalho agencia os modos de subjetivação ao produzir as identidades de gênero, as práticas sexuais e, especialmente, no caso deste estudo, a construção das masculinidades.

O processo de elaboração da questão deu-se em minha trajetória a partir de uma pesquisa de clima organizacional⁵ desenvolvida por colegas de supervisão de um estágio em Psicologia do Trabalho e Organizacional durante a graduação, feita com trabalhadores da construção civil atuando em hidrelétricas. Os resultados apresentados no relatório da referida pesquisa (COPATTI; ROLDO; SPODE, 2007) apontam para uma maior insatisfação com o trabalho e com as condições gerais dos homens alojados em relação aos que tinham moradia independente da empresa. Nas discussões com as colegas de estágio percebi que seria pertinente fazer uma discussão das relações de gênero para melhor entendimento das relações de trabalho.

Seria necessário, portanto, um estudo específico das condições de trabalho, de habitação e de construção da(s) masculinidade(s) para maior entendimento do que ocorre, provavelmente, em outros locais de construções de hidrelétricas, pois são escassos os estudos que descrevem tais contextos. Dessa forma, é relevante pensar sobre essas experiências através dos estudos de gênero e da sexualidade na forma como nos ajudam a compreender os processos de subjetivação.

Meu primeiro passo na busca de dar conta de minha intenção de pesquisa foi entrar em contato com as pessoas que eu conhecia ligadas à

⁴ Partindo do método etnográfico, no qual, segundo Fonseca (1998), o processo de estranhamento pode ser compreendido como o fato de ir a campo com as questões em aberto para possibilitar uma aproximação sem predefini-lo. Mesmo que sempre tenhamos alguma referência sobre o campo, devemos colocar estas impressões em suspensão.

⁵ O objetivo da Pesquisa de Clima Organizacional é mensurar o nível de satisfação dos colaboradores com relação aos aspectos do ambiente organizacional e a maneira como as pessoas interagem umas com as outras (BISPO, 2006).

construção destas obras, além de buscar informações e endereços contidos na internet e jornais para acessar os telefones dos profissionais da Psicologia que trabalham nestes locais, uma vez que, através das referidas colegas psicólogas e de um familiar que prestava serviços para a desapropriação dos terrenos onde seriam construídas barragens, obtive a informação da existência de setores de Psicologia em canteiros de obra para a construção de barragens.

Consegui os contatos de três canteiros de obras de barragens. Comecei pelo contato do mais próximo geograficamente dentro da minha itinerância, ou seja, das cidades próximas de onde morava, estudava e ainda tenho familiares e/ou conhecidos. Telefonei para o psicólogo de uma construtora, o qual recebeu a proposta e solicitou um projeto a ser apresentado para a empresa prevendo como seria desenvolvida a pesquisa. Depois de ter enviado este projeto sobre a dissertação, marquei um encontro para discutir a viabilidade da pesquisa.

Num primeiro momento não sabia como e onde exatamente psicólogos/psicólogas trabalhavam junto às construtoras, nem imaginava como um setor de Psicologia poderia ser instalado dentro de um canteiro de obras. Antes de marcar a negociação para minha entrada efetiva em campo, pensei que iriam me receber no escritório que a construtora tinha na cidade mais próxima, mas já me avisaram para ir direto ao canteiro de obras.

Quando cheguei ao canteiro de obras me perguntei se era ali mesmo, o que eu estava fazendo ali e como estava ali. Apesar de ter me guiado pelas placas de indicação, percorri uma estrada bordeada por casas esparsas e propriedades de pequenos agricultores. A primeira visão que tive do canteiro de obras foi de umas casas feitas metade de concreto e outra metade de madeira compensada e com mesas de sinuca nas suas varandas. Escutei a música alta das bandas Calipso e Aviões do Forró, vi algumas mulheres sentadas na frente tomando sol, a maioria com fisionomia nordestina e vestidas com bermudas curtas. Eu pensei - será que estou no lugar certo? Logo vi um homem que andava por ali embriagado e em seguida vi mais uma placa da construtora da obra - mais 100 metros adiante e eu estava na frente da guarita de entrada às 10 horas da manhã de uma sexta-feira em outubro de 2008.

Depois da autorização da segurança, entrei na obra com um mapa (Apêndice 1) para me guiar no canteiro de obras, visto que, ainda perdida, não tinha a dimensão da construção de uma usina hidrelétrica. Já tive uma visão panorâmica de outra obra, mas é diferente olhar de um mirante e estar dentro de uma obra com capacetes de proteção e conhecendo a “cidade temporária” que se monta em torno da própria construção.

Entrando no canteiro de obras, percebi que as construções dentro da obra parecem ser feitas do mesmo material que algumas casas observadas antes da chegada na guarita. Durante a exposição da proposta de pesquisa, conversei com um psicólogo e duas psicólogas que trabalhavam na obra. Eles perguntaram sobre o projeto e se eu tinha visto as casas de prostituição na entrada e então falaram que quando ocorre a mobilização (que se constitui na vinda dos trabalhadores primeiramente para a construção dos alojamentos e da estrutura da cidade temporária), conjuntamente se dá a construção das casas de prostituição pelos próprios trabalhadores, sendo que as casas de prostituição costuma ir acompanhando a construção de barragens, com seu respectivo contingente de mulheres ligadas a esta prestação de serviços.

Depois de ter sido aceita minha proposta de estudo, recebi a autorização para retornar à obra e circular com os transportes por eles oferecidos. Seguindo as normas de segurança e de identificação da construtora, recebi então um capacete e um crachá de visitante. Assim, já na segunda ida a campo, pude me deslocar da cidade até o canteiro da obra com o ônibus dos trabalhadores do setor administrativo. Percebi que, na maioria das vezes, no ônibus, os primeiros bancos eram ocupados por mulheres, e os seguintes por homens, sendo que eu já sabia que esta era uma regra de outras transportadoras que se ocupam de empresas que empregam majoritariamente homens. De dentro do ônibus, percebi que antes das sete da manhã não tinha movimento de pessoas na frente da guarita de entrada, diferentemente do primeiro dia. Meu olhar enquanto pesquisadora esteve voltado para uma impressão inicial que marca as relações de gênero naquele lugar, ou seja, a entrada nesta casa de homens (o canteiro de obras) é marcado pelas casas de mulheres, como se o acesso àquela forma de construção de masculinidades tivesse de ser primeiro identificado pela forma como se anunciam as práticas

eróticas; assim, apesar de ser um lugar onde muitos homens convivem, as práticas sexuais se dão no exterior do canteiro e não no seu interior (entre os homens). É uma masculinidade que se sustenta a partir da relação com as mulheres (depois veremos como se dividem estas masculinidades sustentadas a partir da relação com distintas mulheres, isto é: prostitutas, namoradas e/ou esposas).

Basicamente, foi desta forma que tive acesso a este canteiro de obras. Mas descrevo a seguir como se organiza esta cidade temporária de homens e também de uma parcela de mulheres, apresentando estes/as trabalhadores/as – os chamados barrageiros (no masculino, pois não se costuma falar de barrageiras), além de discorrer sobre a minha inserção neste canteiro de obras ter se dado através do setor de Psicologia.

1.1) A Barragem – “A Obra Faraônica” – Cidade Temporária de Homens.

Para pesquisar as construções das masculinidades de trabalhadores alojados em um canteiro de obras, buscando conhecer e problematizar as construções das performances masculinas, faz-se necessário o entendimento e a descrição do contexto das especificidades deste local. Um canteiro de obras de uma usina hidrelétrica não é somente uma estrutura que se forma diretamente em função do campo de trabalho, o qual é em especial da construção civil, mas sim uma cidade temporária onde os trabalhadores ficam alojados para que se viabilize este tipo de construção. A proporção de trabalhadores/as é de cerca de 90% de homens para 10% de mulheres. Cabe, portanto, buscar entender como se organiza e se “governa” a conduta destes/as trabalhadores/as, e para isto faço uso do conceito de governamentalidade de Foucault, em especial nesta sessão.

Foucault (2008) tomou três exemplos para pensar a operacionalização da governamentalidade⁶ – a cidade, a escassez alimentar e a epidemia, sendo que estes três fenômenos se vinculam à cidade como lugar de mercado, de revolta e de foco de doenças. Desta forma, a cidade precisa estar no âmago dos mecanismos de segurança, e para dar conta da população são incorporadas tecnologias advindas do pastorado, o que se converte no arranjo governo-população-economia-política (FOUCAULT, 2008).

A composição da cidade é uma forma de tentar estabelecer inteligibilidade entre as coisas, sendo que o Estado elege a polícia como legítima representação da força para que a ordem urbana seja respeitada (FOUCAULT, 2008). A proposta da organização desta cidade temporária é dar conta das necessidades da população reconhecida principalmente por suas condições biológicas – como viabilizar condições aos trabalhadores neste período de construção de uma usina hidrelétrica. Assim, a forma como são organizados estes espaços arquitetônicos produzem determinadas relações (WIGLEY, 1996).

Foucault (2008) aborda como se organizam as cidades e os dispositivos que regulam as organizações urbanas, o que tomo como subsídio para pensar como se organiza esta cidade temporária de homens trabalhadores num canteiro de obras de uma usina hidrelétrica. O autor parte das cidades francesas para pensar como se constituem as cidades. Então, as prioridades na construção das cidades foram:

Primeira:

[...] a higiene, o arejamento, eliminar todas aquelas espécies de bolsões em que se acumulavam os miasmas mórbidos nos bairros demasiado apertados, em que as moradias eram demasiado apinhadas. (FOUCAULT, 2008, p. 24).

Segunda: [...] garantir o comércio no interior da cidade (FOUCAULT, 2008, p. 24).

⁶ A governamentalidade examina as práticas de governo e as complexas relações produzidas nas esferas social, política e cultural (FIMYAR, 2008). O que é uma questão central no curso Segurança, Território, População (FOUCAULT, 2008).

Terceira: possibilitar o tráfego:

[...] articular essa rede de ruas com as estradas externas de modo que as mercadorias de fora pudessem chegar ou ser enviadas, mas isso sem abandonar as necessidades do controle aduaneiro. (FOUCAULT, 2008, p. 24).

Quarta: garantir a segurança:

[...] o que era um dos problemas importantes no século XVIII -, possibilitar a vigilância, a partir do momento em que a supressão das muralhas, tornada necessária pelo desenvolvimento econômico, fazia que não fosse mais possível fechar a cidade de noite ou vigiar com rigor as idas e vindas durante o dia; por conseguinte, a insegurança das cidades tinha aumentado devido ao afluxo de todas as populações flutuantes, mendigos, vagabundos, delinqüentes, criminosos, ladrões, assassinos, etc., que podiam vir, como se sabe, do campo. (FOUCAULT, 2008, p. 24).

Percebo que a organização da cidade temporária feita no canteiro de obras mantém estes quatro princípios. Conforme um dos engenheiros da construtora, esta cidade se monta como se fosse preparada para dar conta de uma guerrilha, pois, olhando de cima, sua constituição tem seus limites e objetivos claramente definidos. Ou seja, esta cidade está munida de cuidados para manter a saúde e a produtividade dos/as seus/as moradores/trabalhadores/as, evitando as epidemias, os riscos e as doenças, possibilitando a circulação e a segurança daquela população, e garantindo o fluxo de circulação de trabalho. Mesmo que haja circulação direta de mercadorias e formas de escoamento de produção agrícola, esta cidade precisa ser abastecida com uma série de produtos para poder existir, o que vai desde o maquinário para a execução das atividades de trabalho até a alimentação.

A construção deste canteiro de obras, com aproximadamente 533 hectares, iniciou-se em dezembro de 2006 e foi concluída em março de 2007, onde primeiramente foram adquiridas 67 propriedades pelo consórcio⁷ da usina

⁷ O consórcio desta usina hidrelétrica é responsável pela contratação de uma construtora, de fornecedores de peças e de uma equipe que desenvolva os projetos para execução da obra. Assim sendo, cabe ao consórcio a administração, a responsabilidade central do empreendimento e o recebimento da geração de lucros durante o funcionamento da

hidrelétrica. Em seguida, fez-se a terraplanagem, a construção de escritórios e alojamentos com infra-estrutura para a moradia e administração dos trabalhadores⁸. A expectativa em relação à construção da usina hidrelétrica é entregar a primeira turbina em janeiro de 2010 – o que já foi atingido, com a conclusão de toda a obra prevista para fevereiro de 2011, cumprindo-se o prazo de 48 meses para a sua realização. Isto significa que este é o tempo máximo de existência desta cidade, por isso utilizo o termo “temporária”.

O canteiro de obras em questão tem uma construtora central responsável pelo serviço de recursos humanos e fiscalização, não obstante também demande serviços terceirizados, e esta é contratada pelo consórcio que administra a usina hidrelétrica desde a desapropriação das terras até a geração de energia. Esta construtora responsável deve obedecer às normas empresariais, ambientais e sociais de um canteiro de obras, e também da constituição de uma cidade temporária que se monta. A norma mais destacada pela construtora é a norma empresarial Organização Internacional para Padronização - ISO 14001, que versa sobre a preservação ambiental, além de garantir um selo de qualidade para a empresa. Suas exigências implicam na reconstituição das áreas onde funciona a cidade temporária e das áreas de trabalho, as quais não estão dentro da área que será atingida pelo represamento da água, que será de 82 Km². Por isso, o próprio canteiro de obras conta com um viveiro de mudas nativas para o reflorestamento, que já começa a ser realizado quando se concluem partes da construção.

Obedecer a ordens (sejam normas ou regras) configura a organização dos espaços urbanos conforme Foucault (2008). E eu acrescentaria os não urbanos, como as áreas rurais – como aquela em que se funda esta cidade, a qual não costuma ser um lugar típico. A construção de um canteiro de obras

distribuição de energia produzida pela hidrelétrica. O meu acesso, enquanto pesquisadora se deu via autorização da construtora da obra, a qual é responsável pelo canteiro de obras e pela execução da construção propriamente dita.

⁸ Todos os dados específicos do canteiro de obras desta usina hidrelétrica em questão foram extraídos dos sites que notificaram e noticiaram esta obra, além das anotações de informações coletadas no diário de campo. Contudo, não faço referência direta aos sites que usei como subsídio, pois na publicação do trabalho não utilizarei o nome da construtora responsável pela obra conforme combinações prévias.

segue uma série de normas dentro do território nacional, estadual e municipal onde se localiza. Além das normas atribuídas à construtora no que tange às questões, em especial, da construção civil, existem os selos de qualidade regulados por constantes auditorias, as quais concedem a chamada credibilidade empresarial nos quesitos segurança, moradia, circulação e qualidade de condições oferecidas aos/às trabalhadores/as.

O canteiro de obras foi instalado entre dois municípios de pequeno porte: um no Rio Grande do Sul e outro em Santa Catarina. A instalação dos alojamentos e dos serviços estão situados na margem direita do rio, ou seja, no estado de Santa Catarina, não obstante o coração da obra, que é a casa de força⁹, fique na margem esquerda, no Rio Grande do Sul. O município que dá acesso à entrada da obra está situado no estado de Santa Catarina, uma vez que este estado teria (segundo relatos) uma melhor aceitabilidade destas obras, por contribuírem com o rendimento local.

Este município em Santa Catarina possuía, segundo o último censo, uma população de cerca de 6.000 pessoas antes da chegada da obra, sendo que a obra possui 3.500 trabalhadores diretos e 5.000 indiretos, muitos trazendo as famílias para acompanhar serviços terceirizados da obra que ficam nos municípios vizinhos. A partir disso, constata-se que a população local praticamente dobrou, mesmo que uma parte dela não esteja residindo neste município.

A economia deste município girava em torno da agricultura para subsistência e do turismo decorrente de balneários de águas termais. A partir da instalação desta cidade temporária, houve uma drástica modificação na circulação de pessoas, o que repercutiu na economia, resultando no aumento dos preços dos produtos e serviços oferecidos como, por exemplo, produtos alimentícios, aluguéis e diárias de hotéis. Além disso, proporcionou um decréscimo da população que vinha à cidade em função do turismo. Desta

⁹ O coração da obra seria onde está se construindo a casa de forças da obra, onde vai captar a produção de energia da água. A metáfora do coração da obra no lado esquerdo como se aquela obra, chamada de faraônica por um dos trabalhadores entrevistados, fosse tomando corpo, a partir dos vários corpos que a compõem e vão sendo (re - des) construídos por esta construção.

forma, a estrutura destinada aos turistas foi sendo ocupada pelos/as trabalhadores/as diretos e indiretos da obra, tanto os hotéis como as casas e apartamentos para aluguel de temporada - sem contar os mais de 2.000 trabalhadores/as alojados/as no canteiro de obras.

Quando do início da mobilização desta obra, houve um aumento do policiamento local, onde o estado¹⁰ e os municípios em questão receberam auxílio do consórcio e do governo para garantia da segurança com vistas ao crescimento temporário da população. O que consta nas notícias sobre o investimento no policiamento é que este seria para a proteção da população local, e não para os/as trabalhadores/as que se mudariam para a construção da usina hidrelétrica – os barrageiros¹¹. Este tipo de divulgação anuncia um suposto caráter perigoso destes trabalhadores, contribuindo para sua estigmatização. Contudo, indago se esta proteção não estaria voltada para a segurança do empreendimento enquanto consórcio e construtora (máquinas e proteção contra eventuais protestos contra a barragem – como no caso do Movimento dos Atingidos por Barragens - MAB). Afinal, a polícia ainda mantém o papel de representar o Estado e organizar as populações urbanas, conforme já apontaram os cursos de Foucault (2002, 2008).

Além da polícia oficial, a construtora conta com as tecnologias advindas dos dispositivos disciplinares e de segurança para assegurar seu território e sua população. Uma mostra disto é a revista feita nos visitantes e também, alternadamente nos próprios trabalhadores. Esta revista é feita na entrada e/ou na saída do canteiro de obras para que não entrem pessoas sem autorização (existe uma prescrição de segurança devido aos índices de acidentes) e/ou

¹⁰ Quando utilizo a palavra “estado”, com inicial minúscula estou me referindo aos estados da república federativa do Brasil, como - Santa Catarina e Rio Grande do Sul, por exemplo. E quando utilizo a palavra “Estado”, com inicial maiúscula, refiro-me aos estudos foucaultianos sobre o Estado e o desenvolvimento das artes de governar.

¹¹ Estes homens trabalhadores são conhecidos e nominados como “barrageiros” – nome atribuído aos construtores de usinas hidrelétricas. Os “barrageiros” ocupam uma denominação “marginal” que traz um sentido pejorativo na sua interpelação. Estes reúnem um conjunto de estigmas em torno destes trabalhadores, como que se todos tivessem as mesmas características - não só de trabalhar no canteiro de obras de usinas hidrelétricas, mas o fato decorrente da sua instabilidade diante da condição de vida proposta pela característica deste trabalho. Este tipo de trabalho age como marca vinculada ao não compromisso e não cuidado com o lugar em que moram temporariamente.

peças carregando consigo materiais não permitidos aos/às trabalhadores/as – como objetos cortantes, drogas e bebidas alcoólicas, bem como, para a empresa garantir a sua segurança do seu patrimônio. O não cumprimento das normas do local enseja uma série de advertências e punições diretas e indiretas, que supostamente mantêm a harmonia entre os trabalhadores alojados e não alojados, conforme relato de um dos vigias da empresa.

Desta forma, as relações de poder vão ser colocadas no cálculo de custo. Mas, conforme Foucault (2008), não devemos nos restringir a pensar no custo financeiro, devemos pensar no custo social de cada época, mesmo que uma divisão binária se apresente como econômica até nossos dias. Esta divisão advém dos dispositivos disciplinares que separam os criminosos dos inocentes, os leprosos dos não leprosos, se instaurando tanto no tratamento das epidemias quanto na disciplina dos corpos (FOUCAULT, 2008).

Através dos estudos das relações de gênero, podemos ver claramente a generificação que os corpos recebem desde o início da sua construção, como se a separação e as performances que se materializam como o feminino e o masculino fossem produtos da natureza (BUTLER, 2004). A cidade configura-se num destes territórios guiados pelos dispositivos disciplinares articulados como dispositivos de segurança, pois ao mesmo tempo em que separam e classificam os indivíduos, eles propõem um autocontrole, um responsabilizar-se por si e por sua circulação.

Assim sendo, a cidade temporária de homens está circunscrita pelas divisões de tarefas, onde as atividades laborais de força e segurança se destinariam mais aos homens; e a manutenção, como organização e limpeza desta cidade temporária, caberiam mais às mulheres.

É importante salientar, conforme já afirmamos, que a organização das cidades está ligada ao dispositivo disciplinar.

[...] nesse esquema simples, encontramos exatamente o tratamento disciplinar das multiplicidades no espaço vazio e fechado, no interior do qual vão ser construídas multiplicidades artificiais organizadas de acordo com o triplice princípio da hierarquização, da comunicação exata das relações de poder e dos efeitos funcionais específicos dessa distribuição, por exemplo, assegurar o

comércio, assegurar a moradia, etc. [...] “capitalizar” um território. Neste, vai se tratar de arquitetar um espaço. A disciplina é da ordem de edifício (edifício no sentido lato). (FOUCAULT, 2008, p. 23).

Foucault (2007) pensou as edificações, como das escolas e dos hospitais, como discursos, pois logo identificamos tais construções, e elas tomam para si uma composição de enunciados da mesma forma que a arquitetura de uma cidade e o que a compõe predispõe a análises. Afinal:

Desconstruir a arquitetura é repensar de que forma se compreendem e representam as edificações. Isto requer levar a cabo outras indagações complexas e paralelas dentro de todas as instituições que organizam e protegem esta compreensão tradicional da arquitetura em nossa cultura, [...] (WIGLEY, 1996, p.157).

Todo o processo de construção implica também em uma desconstrução ou reconstrução do seu espaço, tanto físico quanto cultural, como é o caso das modificações produzidas desde as escavações rochosas até a mobilização de trabalhadores/as para constituir uma usina hidrelétrica. O aumento da população nos municípios mais próximos à obra gerou uma demanda e uma circulação maior tanto de pessoas quanto de produtos de compra e venda. Além de uma demanda produzida em outros quesitos, como saúde, segurança, educação (mesmo que existam algumas instalações dentro do canteiro de obras, na cidade temporária, para auxiliar e suprir parte destas demandas).

As tecnologias da governamentalidade devem se ocupar da população, e é preciso uma política de saúde para controlar a mortalidade, prevenir as epidemias, intervir nas condições de vida (alimentação, moradia, organização da cidade) e na perspectiva da biopolítica (FOUCAULT, 2008).

Buscando estas condições de vida, apresentarei como é composto o canteiro de obras. Conforme, já apresentado no mapa (Apêndice 1), encontramos as distintas áreas e as regras de como se deve circular neste lugar (com calçados fechados, capacete, e com atenção às indicações de segurança). Cabe observar que esta cidade não é fixa, foi-se modificando no decorrer do tempo em que estive em campo.

O canteiro de obras compreende uma área administrativa e escritórios de engenharia (Apêndice 2)¹², uma área de treinamento (onde está o setor de psicologia (Apêndice 3) e segurança do trabalho (Apêndice 4 e Apêndice 5), um ambulatório médico, um posto odontológico (Apêndice 6), uma escola de Educação de Jovens e Adultos – EJA (Apêndice 7), uma escola de solda e de carpintaria, além dos locais das equipes de trabalho, que vão se organizando conforme suas atividades. Compreende também o espaço para os materiais que utilizam, contando ademais com um local para a produção de um jornal próprio sobre as notícias deste canteiro de obras. E, um espaço para a preservação ambiental que conta com um viveiro de mudas nativas, galpão para a reciclagem de lixo e saneamento.

Todos os trabalhadores têm um encarregado como responsável pelo seu setor, e o encarregado fica subordinado ao supervisor que, por sua vez, delega as funções de organização administrativa e de planejamento da obra. Isso estabelece uma relação hierárquica entre os trabalhadores dentro do canteiro de obras. Uma parte dos trabalhadores recebe por horas trabalhadas – os horistas – considerados os peões da obra, ficam sob o comando dos encarregados – que recebem um salário fixo no mês – e, portanto, estão na categoria dos mensalistas. Esta distinção na forma de contratação estabelece outra hierarquia interna.

O canteiro também conta com dois refeitórios – um na margem esquerda e outro na margem direita do rio (Apêndice 8). Os refeitórios são equipados conforme as normas de higiene e segurança. Nestes locais trabalham nutricionistas, cozinheiras/os e outros, responsáveis por servir cerca de 7 mil refeições diariamente. Na frente do refeitório da margem direita, existe uma rodoviária, onde ficam os ônibus para os 5 municípios próximos à obra, que são utilizados por quem vai e volta todo dia, sendo que existe pelo menos um ônibus para cada destino nas trocas de turno. Além disso, existe um ônibus que vai diariamente à cidade e funciona como referência regional, caso os/as trabalhadores/as necessitem. O/A pagamento/permissão para o uso dos

¹² Os Apêndices que seguem da numeração 2 ao 18, apresentam as fotos tiradas pela pesquisadora, as mesmas são meramente ilustrativas dos locais descritos deste canteiro de obras.

transportes (terceirizados pela construtora) se dá via identificação e autorização da empresa (identificação pelos crachás). Enquanto pesquisadora, recebi esta autorização para circular com os transportes dentro do canteiro de obras. Existem áreas impróprias para a circulação de pedestres dentro do canteiro, razão pela qual, durante o horário do almoço, os ônibus se dirigem aos postos de trabalho de cada equipe conforme seu horário para levá-las até o refeitório.

O canteiro de obras possui 21 blocos de alojamentos (Apêndice 9), onde ficam os trabalhadores horistas – os chamados “peões”, 2 blocos de alojamentos de trabalhadores mensalistas - na maioria encarregados, e alojamentos separados, onde ficam (algumas) mulheres trabalhadoras. Cada bloco ou pavilhão dos alojamentos possui 18 quartos, o que excede ao número de trabalhadores que estão na obra, porque são colocados quartos-reserva para o caso de a construtora receber trabalhadores que prestem serviços terceirizados ou necessitar temporariamente de novas contratações em casos de dispensa, acidentes ou adoecimento de trabalhadores, ou até mesmo de conflito entre estes.

Os quartos são equipados da seguinte maneira: três beliches, seis armários de aço, dois chuveiros aquecidos por caldeira, dois vasos sanitários, uma pia, um espelho (Apêndice 10). Nos quartos dos horistas, com dois banheiros, alojam-se 6 pessoas, enquanto que nos dos mensalistas alojam-se de duas a quatro pessoas (Apêndice 11). A limpeza dos quartos dos trabalhadores horistas é de responsabilidade deles, contrariamente aos dos mensalistas, para os quais existem zeladoras que realizam não só a limpeza dos corredores, mas também dos seus quartos.

Para entrar em um alojamento, os trabalhadores, e também algumas trabalhadoras, fazem um cadastro, recebem, e se responsabilizam por, um colchão, um travesseiro, lençóis, uma coberta e duas toalhas (Apêndice 12). Cada trabalhador pode mudar até 3 vezes de quarto, o que vai sendo registrado em seu cadastro. Caso ultrapasse este número de mudanças durante o período de uma obra, o trabalhador é considerado como ‘não adaptado’ às condições de moradia prestadas pela empresa, o que pode acarretar na proposta de transferência para outra obra ou na demissão por

justa causa, por não ter cumprido com as normas que ficaram combinadas desde sua admissão.

O trabalhador não adaptado, segundo o que foi relatado nas entrevistas, e que pretendo melhor explicar adiante, é aquele que perturba os outros no alojamento, o “bagunceiro”, que faz barulho excessivo, ouve música alta ou chega alcoolizado, e/ou ainda fuma dentro do quarto. Também pode ser o trabalhador que namora dentro do canteiro de obras, tanto as mulheres da obras como os homens (relacionamentos homoafetivos), o que não seria permitido. Contudo, os motivos que parecem realmente culminar na demissão são os decorrentes de brigas entre os trabalhadores, tanto com agressões físicas quanto e/ou verbais, e que acabam tumultuando o local. Em vista disso, os trabalhadores com os quais conversei relataram evitar discussões que culminem em brigas e chamem a atenção (o que resultaria em sua demissão).

Neste canteiro de obras não existe uma área para os familiares dos trabalhadores alojados; entretanto, sempre existe uma área específica para os alojamentos exclusivos dos homens, pois eles ainda representam a maioria no ramo da construção civil e nem todos são acompanhados pela família. Este canteiro não conta com uma vila para os trabalhadores e suas famílias, visto que esta não é uma obra de grande porte, e, sendo assim, os trabalhadores contam com a infra-estrutura dos alojamentos do canteiro de obras, chamados de alojamentos internos e com casas alugadas nos municípios mais próximos com o auxílio da construtora – os alojamentos externos, nos quais as famílias podem se instalar.¹³

Próximo aos alojamentos internos dos trabalhadores, o canteiro conta ainda com uma área de prestação de serviços e com uma área de lazer. Na área de lazer não é permitida a circulação de mulheres, contudo, enquanto pesquisadora, pude circular com o aval e o acompanhamento da responsável pelos alojamentos que, no caso, também era uma mulher. O que me leva a questionar as demarcações e inscrições que vão sendo “generificadas” e transgredidas neste lugar.

¹³ As entrevistas e as observações deste estudo estiveram direcionadas aos trabalhadores que ficam nos alojamentos internos, ou seja, dentro do canteiro de obras.

A área de prestação de serviços conta com cabines telefônicas (Apêndice 13), lavanderia (Apêndice 14), lanchonete/mercado (Apêndice 15), *lanhouse*, salão de beleza (Apêndice 17), e agência bancária. As cabines telefônicas ou postos telefônicos próximos aos alojamentos favorecem o contato dos trabalhadores com as suas famílias, que, na maioria dos casos, estão distantes, sendo que eles ganham descontos nas ligações telefônicas. Além de tanques instalados nas varandas dos blocos de alojamentos, os trabalhadores contam com uma lavanderia industrial, na qual têm suas roupas de trabalho lavadas por conta da empresa e podem também lavar as demais mediante pagamento (utilizam o crachá como 'cartão de crédito', com desconto na folha de pagamento). A lanchonete se situa dentro do canteiro de obras e próxima aos alojamentos. Lá se vende artigos variados, principalmente produtos alimentícios e de higiene, também adquiridos com o uso do crachá e respectivo desconto na folha de pagamento. A *lanhouse* é também utilizada para cursos de informática, conforme os trabalhadores vão se inscrevendo para seu horário de folga. Os trabalhadores dispõem também de um salão de beleza, em especial para corte de cabelo, o qual não é muito visível: só consegui visualizá-lo na terceira ida a campo (o que fala do lugar dos cuidados com uma estética pessoal que não seja aquela dos macacões de trabalho e das marcas de virilidade associadas). Os cabeleireiros são dois operadores de guindaste que já tiveram como profissão a de cabeleireiro, de forma que nas horas de folga das atividades ligadas à operação de máquinas eles exercem esta outra atividade. A agência bancária e os caixas eletrônicos estão instalados nestas proximidades, entre o setor administrativo da obra e os alojamentos.

A área de lazer possui três salas de televisão, sendo uma com televisão aberta, outra com parabólica e outra com canais a cabo; além de uma sala de cinema, onde o filme costuma ser escolhido semanalmente pelos trabalhadores através de uma caixa de sugestões. Estas salas também são utilizadas para a realização de missas e cultos semanais. Em termos esportivos, eles contam com uma quadra de futebol de areia, uma quadra multi-esportiva (basquete, futebol, vôlei) (Apêndice 17), mesas de tênis de mesa e mesas de sinuca (Apêndice 18).

Existe um prolongamento da área de lazer que são as casas de prostituição, situadas no entorno da obra, e que são tomadas pelos trabalhadores entrevistados como constituintes daquele lugar como masculino, o que será melhor abordado adiante. Mas, pensando a cidade, por que existem “coisas”, “pessoas” que precisam estar no seu entorno, na sua margem?

A cidade precisa de normas, e para Foucault (2008) a disciplina se institui entre o normal e o anormal.

A norma está em jogo no interior das normalidades diferenciais. O normal é que é primeiro, e a norma se deduz dele, ou é a partir desse estudo das normalidades que a norma se fixa e desempenha seu papel operatório. Logo, eu digo que não se trata mais de uma normatização, mas sim, no sentido estrito, de uma normalização (FOUCAULT, 2008, p. 83).

A entrada de mulheres nos canteiros de obra vem acontecendo recentemente e é ainda marcada pela divisão sexual do trabalho. Sua entrada se enquadra, portanto, no que é tomado como natural e/ou normal. Elas devem ficar do lado de fora, no contorno desta cidade, ou, se trabalhadoras da obra (estrito senso), fora da área interna de lazer que é predominantemente de homens, pois este é um lugar de homossociabilidade masculina. Apesar de ser uma das obras que mais tem mulheres, conforme salientam os trabalhadores locais, a interação deve ser vigiada e é considerada como potencialmente perigosa.

As mulheres e mesmo alguns homens que não correspondem ao que socialmente é esperado, ficam do lado de fora. Ficam do lado de fora ou na borda desta cidade temporária de homens. Não só as trabalhadoras do sexo, mas também as cozinheiras, faxineiras, soldadoras, sinaleiras, administradoras, enfermeiras, psicólogas, engenheiras, motoristas, entre outras profissionais que também compõem esta cidade¹⁴. Seu trabalho e os acessos aos locais da construção civil são guiados/construídos por discursividades

¹⁴ A maioria destas mulheres trabalhadoras não fica nos alojamentos internos (dentro do canteiro de obras), a maioria delas moram nas cidades próximas da obra, e vão e voltam todo dia para trabalhar. Segundo informações obtidas no campo está é uma das primeiras obras que têm mulher nos alojamentos internos.

generificadas que inscrevem os lugares e as condições de possibilidades de cada sujeito existir dentro de cada cidade, mesmo não existindo uma posição fixa destes lugares.

Seguindo esta lógica, Sevá (2008) pondera que as usinas em fase de construção e de projeto vão desencadeando situações inéditas em cada local e para cada grupo humano que ali reside, trabalha e convive com as obras e com as usinas. O autor afirma:

Essas usinas se tornaram objeto de interesse único dentro do vasto campo do conhecimento humano; tais obras e tudo o que mobilizam, materialmente e simbolicamente, podem também ser registradas na história das civilizações como uma das maiores experimentações feitas pela nossa espécie e o seu "gênio", **no ímpeto de domar as forças maiores, as da natureza**. Experiências vividas por milhões de pessoas, e cujas complicações continuam se revelando a cada dia e estão ainda longe de terem se desenvolvido plenamente (SEVÁ, 2008, p. 44). (Grifos meus).

Grifo este imaginário do 'domar as forças da natureza' como um empreendimento que se insere nas clássicas polaridades (masculino-razão-cultura/feminino-emoção-natureza). A obra é, portanto, masculina, e as mulheres que ali estão se ocupam prioritariamente dos cuidados da casa dos homens e seu acesso às áreas de homossociabilidade são restritos. Um dos entrevistados da pesquisa fala da barragem como "Obra Faraônica", o que justifica o seu lugar de trabalho e de moradia e adiciona valor simbólico a esta grande empreitada dos homens (o domínio da natureza), assim, acredito que seja fundamental pensar nas implicações sociais e humanas destas construções e na forma como as relações de gênero as estruturam.

1.2) Os Barrageiros - Sujeitos da Pesquisa

“Quem não é um acaso na vida?” (LISPECTOR, 1998, p.18).¹⁵

Quem chega a um canteiro de obras de uma usina hidrelétrica? De que forma? Estas são questões centrais tanto para os/as trabalhadores/as, quanto para os/as visitantes que chegam a um canteiro de obras. Afinal, desde o primeiro contato com o campo sempre emerge esta pergunta junto à história de vida de quem participa desta construção. Embora existam semelhanças nas trajetórias desta gente que segue as barragens ou que em uma delas se encontra pela primeira vez, estas pessoas não são só meros frutos do acaso, mas podem ser acaso, podendo, entretanto, também o ser, diante da fusão de gente composta neste momento e neste lugar. Na análise corremos o risco em se falar de trajetórias de uma forma homogênea, o que pode mutilar a complexidade das singularidades, entretanto buscaremos sempre que possível, apontar para a diversidade de composição do grupo, não sendo homens somente os que foram entrevistados, mas todos os sujeitos que compuseram o campo durante as observações. Concordamos que “Os valores atribuídos ao trabalho e às condições de inserção no mercado de trabalho interferem nos processos de subjetivação.” (NARDI, 2006, p. 133), e por esta razão pensamos simultaneamente o que busca igualar, normalizando, e o que distingue, singularizando.

Desde os filhos de trabalhadores que nasceram numa vila de operários e continuam ali trabalhando, até os que foram sendo indicados por um conhecido, parente e/ou amigo na construtora, ou viram um anúncio de trabalho, a história da maioria destes/as trabalhadores/as converge num ponto comum – a necessidade de trabalhar para sobreviver. E esta necessidade não é mais apenas uma prerrogativa exclusiva dos homens, mas também das mulheres que tiveram sua inserção na construção civil.

¹⁵ Esta questão é do livro *A Hora da Estrela*, que traça a história da personagem central – Macabéia – uma nordestina que vem para o Rio de Janeiro em busca de oportunidades. Mesmo sendo uma mulher utilizei a frase para fazer alusão ao deslocamento destes homens, onde a maioria deles frutos de acasos e da produção de descasos acabam também saindo do Nordeste do Brasil.

O espaço de interação neste lugar é predominante masculino (os homens representam 90% do contingente, somente 10% sendo mulheres e destas somente 12 ficam no alojamento, todas as outras moram nas cidades vizinhas). Como já afirmamos, o canteiro de obras possui cerca de 2.000 homens alojados, totalizando 3.500 trabalhadores/as diretos/as, e 5.000 indiretos/as, que vão e voltam diariamente de ônibus das regiões próximas, sendo o trabalho dividido em três turnos de oito horas. O número de trabalhadores/as costuma variar: nas três vezes em que estive no campo houve uma variação significativa. Em outubro de 2008 estavam alojados quase 2.000 homens e 12 mulheres; no início de 2009 foram realizadas mais de 500 contratações; e na segunda semana de fevereiro de 2009 constavam 2.247 trabalhadores alojados. Na última semana de julho de 2009, com muitas atividades já concluídas, e também em razão dos rigores do inverno da região Sul, o número de alojados caiu para cerca de 1.600, com manutenção do número de mulheres alojadas.

O ápice da construção desta usina aconteceu no primeiro semestre de 2009, o que fez com que o número de trabalhadores fosse maior e depois decrescesse. Apesar de o tempo médio para a construção de uma barragem de pequeno porte como esta ser de 4 anos, uma parcela destes trabalhadores são contratados por um período menor para dar conta de demandas específicas e depois costumam ser indicados ou transferidos para outra obra.

A maioria das pessoas que vem para trabalhar na obra é trazida por ônibus agenciados por um recrutador da construtora no nordeste ou através do SINE (Sistema Nacional de Empregos), em especial dos estados do Piauí e do Maranhão, onde o nível de desemprego e as condições socioeconômicas impulsionam a busca de sustento em outras regiões. Por isso, estes nordestinos representam 60% do total dos trabalhadores/as desta obra, mesmo ela estando localizada na região Sul do Brasil, no oeste de Santa Catarina.

A precarização das condições de vida faz com que famílias inteiras tomem um movimento itinerante de ir seguindo estas obras, o que é chamado pelos trabalhadores de – “*Seguir barragem*”. Finda uma obra, eles seguem para outra, geralmente de uma usina hidrelétrica ou de outro ramo da construção civil.

Além disso, existe uma lógica de que os nordestinos procuram e permanecem neste tipo de trabalho pesado por que “aguentariam mais”, por trazerem em sua história de vida uma série de dificuldades que fariam com que fossem supostamente mais resistentes. Esta assertiva não se compõe de uma simples seqüência de acasos, pois é feita a partir da observação de que mesmo quem trabalha nas roças do sul muitas vezes não consegue aguentar o trabalho duro da maioria das atividades realizadas em uma construção como esta. Suportar o trabalho duro mostra-se também um atributo ligado à virilidade, o que faz com que este trabalho seja reconhecido como majoritariamente de homens, tanto que são denominados no masculino, como barrageiros. Então, se estabelece uma categorização pelo sexo, outra pela região de origem de cada um, e algumas mais conforme o posto de trabalho, o que apresentarei em seguida.

Ouvi dos/as trabalhadores/as das áreas administrativa e de saúde e segurança da obra que não seria indicada a existência de mulheres nos alojamentos, pois elas têm restrições de circulação nas áreas e nem sempre as cumprem. E, também que a simples presença das mulheres no local e qualquer exposição que fizessem dos seus corpos ensejaria e justificaria um dos motivos de piadinhas ou assédio moral/sexual, afinal ali é hegemônico “dos homens”.

Um dos entrevistados disse que as mulheres também precisavam trabalhar, conforme também indicaram as observações de campo, numa das quais vi, por exemplo, duas mulheres motoristas e algumas outras soldadoras dentro da obra, o que difere das profissões mais instituídas como femininas, como enfermeiras, cozinheiras e psicólogas. Isso reflete uma mudança: a saída das mulheres do trabalho doméstico, privado, para o trabalho público, em empresas, e até mesmo na construção civil. Contudo, a divisão sexual do trabalho ainda está marcada nas funções que se atribuem às mulheres e aos homens na realização das suas atividades (KERGOAT, 1996; HOLZMANN, 2006). Até mesmo dentro da obra as mulheres reproduziram algumas funções do lar, como o cuidado com a limpeza, a alimentação, e a saúde, enquanto que as atividades que exigem mais força física e coragem continuam a ser atribuídas aos homens, mesmo que estas posições venham sofrendo tensionamentos e reformulações.

O perfil da maioria dos/as trabalhadores/as se caracteriza por ser de homens de baixa escolaridade, a maioria casados e egressos da região nortenordeste do Brasil, como já relatamos. Eles costumam se organizar nos alojamentos conforme a afinidade e por se conhecerem de outras obras, mas o fator mais importante para tal organização ainda se refere a seus estados (locais) de origem. A partir daí, pode-se perceber como as divisões territoriais organizam as populações e subjetivam estes trabalhadores, ainda que eles estejam literalmente fora dos lugares delimitados pelas regiões e estados do País.

Ocupar um lugar itinerante que por vezes se configura numa posição “marginal” da constituição desta população de trabalhadores/as, o que traz no seu cerne um sentido pejorativo, em que as pessoas que constroem este tipo de obra são interpeladas – “os barrageiros”. A nomenclatura de chamar estes construtores de barrageiros, segundo uma família nordestina que acompanha as obras da construtora há 30 anos, é um costume da Região Sul, pois como poderiam eles ser só barrageiros, se também construíram pontes e reconstruíram cidades, tanto no Brasil como em outros países. Se por um lado eles aceitam a designação barrageiros, por outro a tratam com deboche, como forma de rechaçar os estigmas colados a esta insígnia e de lidar com a pejorativização que os identifica naquele lugar.

Desta maneira, a denominação “barrageiros” também traz em si um caráter performático (BUTLER, 1993, 1997), pois amalgama um conjunto de estigmas em torno destes trabalhadores, como se todos tivessem as mesmas características que não só o trabalho na obra, mas também a instabilidade da sua condição de vida marcada pela característica do trabalho pesado/braçal e o não compromisso e cuidado com o lugar que temporariamente habitam.

Quando na região próxima à obra acontece algum ato de vandalismo e/ou violência, os moradores locais atribuem toda desordem aos barrageiros. Tudo que acontece supostamente de ruim eles se olham e dizem rindo: “*Quem fez isto? Os barrageiros! Foi os barrageiros, por que é sempre os barrageiros. Só pode ter sido um daqueles barrageiros.*” (*Diário de Campo*).

As atribuições negativas contidas na designação destes trabalhadores fazem com que eles tomem um a defesa do outro perante pessoas que não são de seu grupo e até ironizem esta condição marginal. Ao mesmo tempo, incitam-os à conquista de novos espaços, como os que reivindicaram na saúde pública durante o tempo em que acompanhei diretamente o campo de pesquisa.

O estigma em relação aos “barrageiros” produz o difícil acesso deles às Unidades Básicas de Saúde do Sistema Único de Saúde (SUS) dos municípios locais, bem como ao recebimento de medicamentos e preservativos. Este processo de exclusão é decorrente de um entendimento equivocado da chamada “regionalização” do SUS, o qual teria como prioridade a população local e não a itinerante. Tudo isso converge para aumentar a vulnerabilidade do ser “barrageiro”, como se eles não fizessem parte da população. Afinal, sua origem não é de nenhum dos municípios do contorno da obra e estes corpos/estas vidas são tratados/as como passageiros/as, pois seu destino é “seguir barragem”.

E, escolhe-se quem deve ser privilegiado com a saúde/a vida: os poderes reguladores de uma estrutura binária (oposição entre o corpo social e quem trabalha pelo Estado) perpassam a sociedade e reinstalam a contra-história que deu origem ao racismo (FOUCAULT, 2002). Os discursos biológicos/racistas propõem a necessidade de se defender a sociedade contra os perigos de uma raça mais fraca, por isso elimina e segrega, como forma de normalizar a sociedade. Os barrageiros, ao mesmo tempo em que são úteis enquanto força de trabalho, não recebem a legitimidade plena de cidadania perante o Estado por não estarem situados dentro de um lugar circunscrito.

Pertenceriam estes sujeitos ao acaso? Seriam necessárias políticas públicas específicas para que “os barrageiros” se tornarem pelo menos uma “população especial”, como outras que existem, e necessariamente precisam existir, dentro das normas de Estado, para reivindicar os seus direitos (como as minorias sexuais e/ou raciais)? Ou seja, o que é preciso fazer para que “os barrageiros” sejam considerados população cidadã, para que seus direitos tenham legitimidade?

Não somente os considerados peões da construção civil ou os homens tomam o atributo de barrageiros para si; também os/as profissionais que seguem o itinerário das barragens o fazem, como podemos corroborar com a existência de comunidades em sites de relacionamentos com títulos - inclusive dando um espaço ao feminino na linguagem - como: "*Sou barrageiro; Sou barrageiro(a) sim, e daí!*"¹⁶

Conforme algumas histórias de seguidores/as de barragens, quando uma pessoa da família vem trabalhar dentro do canteiro de obras, logo vai trazendo e indicando conhecidos e parentes. Independentemente de serem profissionais preparados ou não, a maioria deles passa a ser instruída informalmente e/ou formalmente no local a respeito da atividade que vai exercer.

Isto se torna possível pela forma como se estabelecem as hierarquias entre os trabalhadores: eles começam como ajudantes, depois passam a ocupar o lugar de pedreiros, e com alguns anos de experiência se tornam mestres de obras responsáveis por uma equipe de trabalho, o que faz com que tenham um papel decisivo na escolha das pessoas que com ele trabalham. Este fato aponta para uma relação intrínseca entre os relacionamentos pessoais e as relações de trabalho.

Os que ingressam na obra geralmente são designados peões, os quais ficam sob a chefia de um encarregado, e este, por sua vez, é coordenado por um supervisor, que geralmente possui conhecimentos técnicos específicos de cada função. Os peões recebem seu pagamento conforme as horas trabalhadas - por isso são os horistas - e ficam nos alojamentos a eles destinados. Os encarregados e os trabalhadores que lidam com maquinário mais específico (operadores) geralmente recebem por mês e têm privilégios no lugar dos alojamentos. Também podem ser chamados fora do seu horário de trabalho para tomar uma decisão ou resolver algum problema em relação à

¹⁶ Essas comunidades expressam como essa nomenclatura vem se incorporando a estes/as trabalhadores/as. Dos sites: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=5149157>, <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=2412991>.

equipe ou às atividades, precisando assim estar alertas ao que acontece durante as vinte e quatro horas de funcionamento desta obra.

Esta obra funciona durante 24 horas, divididas em três turnos de trabalho, dentro de um regime de 8 horas por dia de trabalho, ou, mais precisamente, 7 horas e 50 minutos. Nem todas as atividades funcionam à noite porque ficam inviabilizadas as explosões de rochas e a medição topográfica, por exemplo. As atividades administrativas, de treinamento e de psicologia costumam funcionar das 7 da manhã às 17 horas. A escola funciona na parte da tarde e da noite. A *lanhouse*, as salas de televisão e a área de lazer funcionam das 7 da manhã à meia noite. E os serviços como ambulatório médico, segurança, alimentação e fabricação de concreto funcionam durante as 24 horas, revezando-se para tal três equipes.

O peão tem como ascender na carreira, enquanto o supervisor dificilmente vai mudar de lugar. Se de um lado tem quem obedece a comandos, é preciso alguém que saiba mandar, e que de alguma forma já tenha experienciado/vivenciado aquilo. Assim, a maioria dos encarregados e supervisores já passaram pelo lugar de peão.

A maneira como vão sendo construídas estas camadas de hierarquia remetem a pensar no que Hegel (1997) afirmou na dialética do senhor e do escravo. A partir disso, podemos pensar nas relações de poder de Foucault (2007), em que é necessária a liberdade para que o poder possa ser exercido. Foucault (2008) nomeia o poder como uma série de fenômenos:

Os mecanismos de poder são parte intrínseca de todas essas relações, são circularmente o efeito e a causa delas, mesmo que, é claro, entre os diferentes mecanismos de poder que podemos encontrar nas relações de produção, nas relações familiares, nas relações sexuais, seja possível encontrar coordenações laterais, subordinações hierárquicas, isomorfismos, identidades ou analogias técnicas, efeitos encadeados que permitem percorrer de uma maneira ao mesmo tempo lógica, coerente e válida o conjunto dos mecanismos de poder e apreendê-los no que podem ter de específico num momento dado, durante um período dado, num campo dado (FOUCAULT, 2008, p.4-5).

A relação dialética “dominante-dominado” não daria conta de explicar as características que separam os homens nesta cidade. Nem mesmo existe uma

diferença salarial significativa entre peões e encarregados, não obstante o fato de ser encarregado preconizar uma estabilidade maior no percurso de seguir estas obras. Como entrevistei somente um trabalhador que era do alojamento dos mensalistas, ele relatou que não necessariamente os mensalistas ganham mais que os horistas, pois depende do número de horas extras que estes trabalhadores fazem. A renda deles costuma ser de 850 a 2.000 reais conforme a periculosidade da função que exercem e do risco a que se submetem, bem como das horas extras que fazem e da escolaridade que possuem.

Cada atividade de trabalho está registrada no Programa de Prevenção de Riscos Ambientais - PPRA que tem como objetivo proteger a saúde e a integridade dos trabalhadores. Também está na matriz de competências da empresa a descrição da atividade a ser desempenhada, as habilidades e a escolarização exigida. Os trabalhadores quando recém-contratados usam um crachá verde, e depois de 60 dias usam um crachá amarelo, o que diz da hierarquia de tempo de obra. Esta marca, no relato dos agentes de segurança, deve ser usada para diminuir os acidentes de trabalho.

Muitos trabalhadores não trazem sua documentação quando se instalam no canteiro de obras, e a maioria não tem registro/comprovação da sua escolaridade. Acabam então prestando uma prova, uma testagem padrão, a partir da qual é avaliado o nível de escolaridade. Para incrementar a escolaridade são oferecidos os cursos da Educação de Jovens e Adultos – EJA - na obra. Este encaminhamento é feito pelo setor de Psicologia, uma vez que existe a exigência de níveis de escolaridade mínimos¹⁷ para o desempenho de cada função, por exemplo, para exercer a função de encarregado é necessário ter o ensino médio. Quando a escolaridade não é suficiente eles acabam executando funções de auxiliares. Nestes últimos anos ocorreu o fato ter mais vagas do que candidatos no ramo da construção civil.

Os trabalhadores entrevistados foram convidados a participar da pesquisa durante um tempo cedido no início ou no final de suas aulas, onde

¹⁷ A escolaridade mínima exigida para todos os cargos é que se tenha completado a 2ª série do Ensino Fundamental, ou seja, que os/as trabalhadores/as saibam ler para identificar as instruções e as indicações dentro do canteiro de obra. Contudo, muitos trabalhadores não são nem alfabetizados, então, eles fazem um termo de compromisso se responsabilizando em estudar para manter o emprego.

expliquei brevemente os objetivos e a questão central desta pesquisa. As aulas ocorriam no período da tarde e da noite conforme as trocas de turnos de trabalho. A escola situa-se ao lado do setor de Psicologia na obra, então, conforme podiam, os trabalhadores interessados se dirigiam ao setor de Psicologia e eu realizava as entrevistas em uma das salas cedidas ou numa sala dentro da própria escola.

Cada turno da escola tinha quatro turmas, duas para o ensino fundamental incompleto e duas para o ensino médio incompleto. Na turma do turno da tarde, duas mulheres estavam presentes na aula, mesmo que o convite tenha sido feito sem especificar o sexo, as trabalhadoras não se disponibilizaram a conceder entrevistas, o que pode falar de uma certa dificuldade de estar neste ambiente masculino, ou o fato de as mesmas não se sentirem 'autorizadas' para sobre a temática neste lugar¹⁸. Aceitaram serem entrevistados 16 trabalhadores, contudo um deles quis que a entrevista não fosse gravada, então suas contribuições constam somente no diário de campo. Assim 15 trabalhadores alojados tiveram suas entrevistas gravadas e transcritas mediante o termo de consentimento livre e esclarecido - TCLE.

Organizei na tabela a seguir informações sobre os sujeitos desta pesquisa, de acordo com a ordem cronológica em que aconteceram as entrevistas, nomeando-os na seqüência de ocorrência das mesmas - E1, E2, e assim por diante, até o último entrevistado.

Tabela de trabalhadores entrevistados¹⁹:

Entrevistados	Atividade de Trabalho	Idade	Escolaridade	Estado Civil	Tempo de trabalho em barragens	Tempo nesta obra	Região/ Estado de Origem
E1	Pedreiro	22	Ensino Médio Incompleto	Solteiro/ Namorando	1 ano e meio	1 ano e meio	Santa Catarina
E2	Torneiro Mecânico	56	Ensino Médio	Casado	30 anos	2 anos	Piauí

¹⁸ Contudo, consideramos que um estudo com estas mulheres seria importante para dimensionar as questões das relações de gênero em canteiros de obras, o que não foi viabilizado nesta pesquisa.

¹⁹ A Tabela segue na próxima página.

			Incompleto				
E3	Lubrificador	22	Ensino Fundamental Incompleto	Casado	1 ano e meio	1 ano e meio	Paraná
E4	Segurança	34	Ensino Fundamental Incompleto	União Consensual ²⁰	2 anos	2 anos	Paraná
E5	Mecânico Industrial	54	Ensino Médio Incompleto	Separado	16 anos	3 anos	Rio Grande do Sul
E6	Operador da central de ar comprimido	55	Ensino Fundamental Incompleto	Casado	2 anos	1 ano	São Paulo
E7	Mecânico Industrial/ Área Civil	31	Ensino Fundamental Incompleto	Casado	4 anos	11 meses	Maranhão
E8	Encanador Industrial/ Setor industrial	37	Ensino Fundamental Incompleto	Solteiro	9 anos	1 ano e 2 meses	Piauí
E9	Eletricista da manutenção	43	Ensino Médio Incompleto	Casado	1 ano e 6 meses	1 ano e 6 meses	Santa Catarina
E10	Encarregado Auxiliar técnico	38	Ensino Médio Incompleto	Casado	5 anos	1 ano	Bahia
E11	Oficial de Montagem	47	Ensino Médio Incompleto	Casado	7 anos	1 ano e 9 meses	Paraná
E12	Pintor	29	Ensino Médio Incompleto	Solteiro	1 ano e 2 meses	1 ano e 2 meses	Bahia
E13	Mecânico/ Área Civil	42	Ensino Fundamental Incompleto	Casado	6 anos	3 anos	Bahia
E14	Carpinteiro	26	Alfabetização	União Consensual	5 anos	9 meses	Maranhão
E15	Pedreiro/ Vertedouro	33	Alfabetização	Solteiro	2 anos	4 meses	Maranhão

Todos os entrevistados permanecem alojados no canteiro de obras, têm idades que vão de 22 até 56 anos de idade, o que demarca que são de diferentes gerações, além da diferença de 1 a 30 anos de experiência em

²⁰ O termo união consensual foi um termo utilizado pelos próprios entrevistados quando se tratava de uma união estável que não era o casamento, mas funcionava como tal.

canteiros de obras, e um tempo de alojamento nesta obra que vai de 4 meses até 3 anos (tempo máximo desta obra quando foram realizadas as entrevistas). A maioria dos entrevistados são casados ou possuem uma “união consensual”, ou seja, mantêm uma família que mora em outro local.

Foram entrevistados: 3 trabalhadores do estado do Maranhão, 3 da Bahia, 3 do Paraná, 2 do Piauí, 2 de Santa Catarina, 1 do Rio Grande do Sul e 1 de São Paulo. Dois deles estão no processo de alfabetização oferecido pela escola do EJA, seis frequentam o Ensino Fundamental e sete frequentam o Ensino Médio. A continuidade da escolarização é valorizada e também possibilita que eles possam mudar de cargo, passando a receber maiores salários junto à atribuição de atividades diferentes. Alguns deles comentaram terem feito alguns anos de escola, mas ficaram parados por muito tempo, o que fez com que necessitassem retomar a escolarização, além do fato de não terem toda a comprovação documental.

A exigência de ter documentos retrata que só podemos existir, só somos considerados sujeitos na norma conforme a nossa época, como apontam os estudos de Butler (1997, 2003, 2004, 2009) e Foucault (1988, 2006). Primeiramente, ter um nome, geralmente designado como feminino ou masculino, para ter uma identidade como sujeito. Em segundo lugar, ter uma naturalidade (um local de nascimento). Em terceiro, ter uma atividade profissional. Estes componentes se inscrevem na identidade, no cadastro de pessoa física - CPF no nosso País e na carteira de trabalho. Mas para trabalhar, faz-se necessário comprovar conhecimento através da escolaridade, sem contar uma série de documentos produzidos pela avaliação feita na entrada destes/as trabalhadores/as neste canteiro de obras.

Os documentos nos dão um número e nos conferem um lugar de sujeito, da mesma forma como os blocos e os quartos dos alojados também possuem números, bem como seus crachás identificatórios. Pensando nisto e pelo reconhecimento através dos marcadores sociais contidos na documentação e na ficha destes trabalhadores, resolvi numerar e não nomear os entrevistados durante as análises dos enunciados sobre as construções das performances masculinas. Tendo a ressalva de que numerar não é desqualificar e nem não

ter proximidade com os sujeitos da pesquisa, mas tentar apontar para uma forma de existência.

1.3) A entrada em um canteiro de obras: A Psicologia no Canteiro de Obras

Por se tratar de um estudo sobre masculinidades numa cidade de homens hipoteticamente pensei que um dos marcadores que mais entraria em questão seria a inscrição de gênero - o fato de uma pesquisadora mulher escolher este percurso, o que também entrou em questão. Mas, logo no primeiro contato de negociação para a realização da pesquisa, percebi que marcadores como a minha escolaridade (a profissão – psicóloga, o lugar da pesquisa dentro de um programa de pós-graduação dentro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS) somada à localização regional da pesquisadora revelada após a pergunta - *“Dá onde tu é? Tu é mesmo de Porto Alegre?” (Diário de campo)*, dizem sobre um lugar que poderia abrir ou barrar esta pesquisa.

O primeiro contato obtido, tanto por telefone quanto presencialmente, no canteiro da obra, se deu com profissionais da Psicologia. Um psicólogo e duas psicólogas trabalhavam neste canteiro de obras. Desta forma, vi que enquanto pesquisadora corria o risco de reafirmar o lugar de psicóloga, utilizando os espaços que compõe o trabalho da Psicologia na obra e me apresentando como tal, motivo pelo qual, precisaria conhecer as práticas *psi* neste lugar para me aproximar da forma como possivelmente minhas perguntas seriam codificadas pelos trabalhadores. Afinal, as observações e a direção das respostas para a questão central deste estudo também são produzidas pelo que se espera ouvir e ao que se pode falar/ouvir dentro de uma profissão. Por isso, em diferentes entrevistas, a palavra “normal” foi recorrente, durante a descrição de cenas do cotidiano ou comportamentos que falavam sobre as masculinidades, trabalho, sexualidade, família e, em especial, relações de gênero. Como se coubesse à minha função enquanto profissional,

pesquisadora pontuar o que era normal ou não. Mas eu não respondia, geralmente devolvia a questão pedindo: Normal para quem? Normal onde? Que normal é este? E parecia que este normal era o óbvio, ou aquilo que se espera dentro de uma norma, dentro do que se espera dentro de um regime moral. Como no exemplo: “(...) *Pra mim é normal. O serviço tu faz de qualquer jeito, com barragem, sem barragem, qualquer tipo de construção. Pra mim é normal, né?*” (Entrevistado 7).

Foucault (2006) considera que só podemos existir dentro da norma, e, por mais que possamos transgredi-la/transformá-la, sempre somos sujeitos a regimes que constituem uma moral. Por exemplo, temos o código de ética profissional e resoluções que guiam os procedimentos de pesquisa, mas só a forma refletida deste pode produzir o que Foucault (2006) designa como ética, ou seja, a reflexão a respeito da norma e da moral. Esta tensão entre moral e ética diz respeito ao papel que exercem os/as psicólogos/as que são vistos como aqueles que podem conduzir as pessoas às escolhas corretas e a uma vida sã, as quais reproduziriam a norma, e assim se constrói o normal e o anormal, como o sadio e o doente/o louco.

Os/as psicólogos/as trabalhadores/as deste canteiro de obras resumiram sua atividade de trabalho como diferente de algumas práticas ensinadas na academia e apresentadas nos códigos profissionais (Conselho Federal de Psicologia – CFP e Conselho Regional de Psicologia – CRP). Ao trabalhar num canteiro de obras, estes profissionais se depararam com uma realidade para a qual não foram preparados/as para lidar, o que fica explícito na frase de uma das psicólogas: “*A academia não prepara para lidar com peão, para trabalhar na obra.*” (Diário de campo).

Dentro deste não preparo, emerge a questão de como intervir com estes/as trabalhadores/as de diferentes lugares, culturas e costumes. As diferenças conectadas aos marcadores sociais - como gênero, raça, regionalização, classe social - geralmente não são discutidas dentro da graduação de Psicologia e vão se estabelecendo práticas uniformes para abordar os sujeitos.

A partir das particularidades do trabalho da Psicologia num canteiro de obras, os profissionais que encontrei se mostraram dando continuidade à sua formação e também buscando articulação com outros profissionais de dentro da obra e da rede pública de saúde. Suas intervenções costumam ser focais, auxiliando no processo de organização desde a construção da cidade temporária, em especial no recrutamento, na seleção e no treinamento de trabalhadores/as, para iniciar e dar continuidade às demandas desta construção. Fazem também, mediações de conflitos nas áreas de trabalho e moradia, prevenção e acompanhamentos de acidentes de trabalho, além de encaminharem e organizarem o processo de escolarização dos/as trabalhadores/as no próprio canteiro de obras.

Tanto na entrada quanto na saída da obra os/as trabalhadores/as passam pelo setor de Psicologia, na entrada para fazer a avaliação psicológica, depois de já terem passado pela avaliação médica e avaliação prática no trabalho; e na saída para fazer a entrevista de desligamento. Então, de alguma forma, o setor de Psicologia faz parte do que dá ou nega o aval tanto na entrada quanto na saída dentro do canteiro de obras. A Psicologia, historicamente, tomou das ciências naturais as instâncias de regulação e adaptação dos sujeitos ao campo social, concebidas através da divisão das ciências e da normalização das disciplinas do final do século XIX (FOUCAULT, 1999). Desta forma, coube aos profissionais *psi* designar o/a trabalhador/a conforme o trabalho; e isso continua presente nos enunciados que constituem a Psicologia.

Existem, ademais, empecilhos para que o setor de Psicologia avalie todas as entradas e saídas de trabalhadores/trabalhadoras. Isso se dá por que a maioria das contratações/fichamentos acontecem em decorrência das indicações por pessoas que já trabalham dentro da obra, sendo que uma das posições do setor de Psicologia é tentar evitar as indicações absurdas, podendo analisar os cargos e as suas atribuições.

As seleções e as contratações, chamadas de “fichamento” pelos/as trabalhadores/as, ocorrem no canteiro de obras. Passada a seleção inicial dos/as novos/as trabalhadores/as, eles/as fazem o treinamento de integração da empresa, onde obtêm conhecimento das regras locais. Entre estas regras

está o uso dos Equipamentos de Proteção Individual (EPI's), que inclui o uso de capacete e de sapatos fechados o tempo inteiro. Além disso, cada setor tem suas especificidades no uso de equipamentos e cuidados, adicionalmente aos cuidados consigo e com o alojamento.

Os/as psicólogos/psicólogas referenciaram, desde um primeiro momento, as casas de prostituição no contorno do canteiro de obras. Como aquele lugar é a cidade dos homens, precisa supostamente de mulheres à sua volta, conforme a lógica heteronormativa e, desta forma, a prostituição existe ali e em outras obras, mas precisa ser organizada, como, por exemplo, estar do lado de fora.

A partir deste contexto social, os profissionais *psi* falaram sentir falta de uma assistente social trabalhando em conjunto com eles. Pelo fato de o setor de Psicologia precisar assumir este papel, além dos recursos humanos e cuidados preventivos com os/as trabalhadores/as. Constam assumirem o papel da assistência social, tanto quando encaminham denúncias se suspeitam que existam menores envolvidos/as na prostituição, bem como quando acompanham as famílias dos/as trabalhadores/as diante de dificuldades sociais, como adaptação com a região e com o enfiamento da itinerância e do preconceito produzido junto a ela. Destacaram os impedimentos em trabalhar com promoção e prevenção de saúde, ligados em especial à sexualidade destes homens trabalhadores, pela relutância em se aliarem aos serviços da saúde pública, produzido pelo estigma em torno da itinerância destes trabalhadores.

O que cabe/caberia à atuação *psi* dentro de um canteiro de obras? Como seria possível articular práticas que existem dentro dos códigos profissionais e, metas empresariais dentro de uma demanda intensa de trabalho, em que são realizadas entre 20 e 30 avaliações/seleções de entrada e 10 a 20 entrevistas de desligamento por dia. Percebi, na semana em que acompanhei o trabalho no setor, em fevereiro de 2009, que passaram cerca de 50 trabalhadores/trabalhadoras por dia pelo Setor de Psicologia, basicamente para avaliação psicológica para seleção e entrevista de desligamento, período no qual foi contratada mais uma psicóloga.

Acompanhando o setor de Psicologia, percebi os movimentos de itinerância dos/as trabalhadores/as, que, à medida em que concluem uma tarefa específica dentro da obra, vão se mudando para outras construções que precisam de determinado serviço. Caso não sigam este itinerário de trabalho, muitos voltam para as suas regiões de origem à espera de outro trabalho ou da construção de uma nova obra.

As seleções feitas pelos/as psicólogos/as costumam contar com testes que avaliam a escolaridade, já que muitas vezes os trabalhadores não trazem consigo seus históricos escolares. Isso se faz necessário, pois, conforme as normas trabalhistas, a escolaridade é um dos componentes que pode inserir ou excluir em determinadas atividades de trabalho que estão prescritas dentro das ocupações profissionais. Os testes admissionais também contam com a avaliação psicológica, por meio de testes de personalidade, atenção, e inteligência.

Acompanhei algumas entrevistas de desligamento, as quais costumam ocorrer durante o meio dia, para fechar com as trocas de turno. Todas as entrevistas de desligamento que eu acompanhei eram de trabalhadores analfabetos ou em processo de alfabetização que não conseguiam preencher sozinhos a ficha de avaliação. Em tal ficha consta a data de entrada e de saída do funcionário, o cargo, o setor, a escolaridade e o seu encarregado (chefe do setor que responde por cada setor), e nela é pedido que avaliem os seguintes aspectos – departamento pessoal, refeitório, alojamento, ambulatório médico, segurança do trabalho, treinamento, encarregado, local de trabalho (recursos físicos, materiais e tecnológicos), salário - com as alternativas excelente, muito bom, bom, regular, ruim. Inclui ainda perguntas sobre qual o motivo do desligamento e se o mesmo voltaria a trabalhar na empresa. Este espaço da entrevista de desligamento funciona como um retorno para empresa.

Durante as entrevistas de desligamento que acompanhei, percebo o setor de Psicologia vinculado aos trabalhadores, pois quando os trabalhadores se mudam para outra obra, dizem para uma das psicólogas - *“Tô indo pra*

[*Obra Tal*]²¹, *quem sabe a gente se vê lá*” (*Diário de campo*). Posso acrescentar que tanto no encaminhamento quanto na escola, como na inserção, modificação e saída de um contexto de trabalho, as práticas desenvolvidas pela Psicologia produzem verdades sobre os próprios sujeitos no que diz respeito às suas atividades, às suas capacidades e às suas atribuições no trabalho e nas relações sociais.

A Psicologia constrói modelos profissionais em diferentes campos de trabalho e localizações geográficas, não por acaso a placa que nomina o setor de Psicologia diz “*Treinamento: desenvolvimento de talentos humanos*” (*Diário de campo*). Existe uma política empresarial em não mais falar em recursos humanos, mas gestão de pessoas, mesmo que ainda vá se repetindo a lógica de separação que contém o cerne da fundação da Psicologia enquanto disciplina.

E, mesmo que exista um psicólogo trabalhando nesta cidade em uma das salas, a plaquinha nominava “*Psicóloga*”, afinal, esta profissão, que imita as funções privadas, como o cuidado, a organização, a atenção e às emoções, diz sobre elementos que constituem o que é diferente dos homens, e, portanto é destinada às atividades femininas.

Enquanto mulher/psicóloga/pesquisadora fui viabilizando um espaço para que uma pesquisa com base nos estudos de gênero e sexualidade pudessem transitar entre os diferentes espaços da obra, que vão desde os ônibus que trazem os trabalhadores/as dos municípios vizinhos, até os setores de departamento pessoal, ambulatório médico, escola, refeitório e alojamentos. Espaços estes marcados pela existência, ainda, da divisão sexual no trabalho, que diz respeito à separação e distribuição das atividades de produção entre homens e mulheres.

A esfera do feminino restringiu-se ao privado e do masculino ao público (KEGOAT, 1996; HOLZMANN, 2006). Argumentos de ordem biológica foram e ainda são utilizados para considerar este processo de divisão do trabalho como natural; os estereótipos de como ser homem e mulher são construídos

²¹ Conforme combinações éticas, não refiro o nome da Obra.

culturalmente. Quando se fala numa seleção de trabalho, presume-se desde o início que as mulheres têm medo de altura, e por isso não podem ser contratadas diretamente na realização deste tipo de atividade. Penso numa marca cultural expressa na cultura do desafio ao risco que foi disposto aos homens, o que lhes possibilita poder ocupar este lugar, muito mais do que recusá-lo. O que faz com que durante este meu acompanhamento de um ano na obra tenham tido 3 psicólogas para 1 psicólogo, tal como parece ser o fluxo da formação da nossa profissão.

No conjunto da economia ou no interior das empresas, configuram-se setores das atividades que ocupam predominantemente mulheres, em oposição a outros tipos como apropriados apenas para os homens, distinção que ainda é muitas vezes, sustentada em argumentos alusivos às características naturais de um ou de outro sexo. (HOLZMANN, 2006, p.102)

Argumentos estes de que naturalizam a inserção e oportunidades diferentes para homens e mulheres. Assim, os cargos de chefia ou aqueles que envolvem maiores riscos ainda são cargos atribuídos, essencialmente, aos homens.

2) Sinaleiros e Operadores – “Os sinaleiros são os olhos do operador.”

“Os sinaleiros são os olhos do operador.” - Esta foi a resposta que recebi de uma das psicólogas da construtora quando perguntei o que eram sinaleiros no canteiro de obras de uma usina hidrelétrica. Graças a estas explicações agregadas às observações que fiz, fui entendendo que os operadores de guindastes ou máquinas de grande porte precisam de trabalhadores/as – os/as sinaleiros/as – que indiquem para que direção devem/podem operar a máquina, via comunicação de sinais, celulares e rádios.

Neste momento fiquei pensando nos meus sinaleiros e operadores de pesquisa: o que eu podia ver? “Qualquer olhar sempre será filtrado pelas lentes da linguagem, do gênero, da classe social, da raça e da etnicidade.” (DENZIN e LINCOLN, 2006, p. 33).

O que eu podia entender daquele lugar? Como daria conta de compreender e problematizar a forma como ocorrem os processos de subjetivação no que se refere à performatividade da(s) construção(ões) da(s) masculinidade(s) num lugar de homens trabalhadores que permanecem em alojamentos no canteiro de obras de uma hidrelétrica situada no oeste catarinense?

O que possibilita determinado olhar no meu campo de pesquisa são os operadores conceituais e a metodologia etnográfica e arqui-genealógica como escolha sinalizadora deste estudo. Se eu tivesse optado por outra perspectiva de suporte para esta pesquisa meu objeto certamente não seria o mesmo - não flexionaria a existência e a manutenção destas “atribuições” escolhidas e nominadas como masculinidades. Afinal, o que é o objeto da pesquisa? Do que é feita esta pesquisa? Quem faz a pesquisa? A pesquisa modifica o/a pesquisador/a?

Esta pesquisa, se empreendida por outro/a pesquisador/a, ou por outros sinaleiros metodológicos e operadores conceituais, não seria a mesma, pois ela depende de como os operadores e o olhar a processam. Existe nesta

perspectiva uma não separação essencialista entre o teórico, o político, o pessoal (MOREIRA, 2008).

Para Louro (2004; 2007) a forma de conhecer é muitas vezes mais importante do que o próprio conhecimento, pois todo o conhecimento é político e precisa indagar sobre a produção de verdades. Os jogos de verdade trazem a análise discursiva de como a história vem sendo contada como verdade em diferentes épocas e narrativas. O que vai modificando os próprios objetos desta análise, o que propõe uma forma de saber-poder que explica a produção, ou seja, a condição de possibilidade para emergência de um determinado conhecimento em determinada época (FOUCAULT, 2002, 2006).

Penso que os meus sinaleiros foram as direções apontadas para que meus olhos, ouvidos e conhecimentos pudessem se apropriar das cenas que descrevi do campo, bem como das falas dos trabalhadores alojados via minha inscrição operacional de pesquisadora situada dentro dos estudos da Psicologia Social. Pesquisa esta que é sinalizada por uma perspectiva metodológica arqui-genealógica (REVEL, 2005) e guiada por operadores conceituais dos estudos sobre subjetivação, sexualidades, masculinidades, relações de gênero e trabalho. Sinaleiros e operadores que demarcam e extrapolam o alcance da minha visão.²²

2.1) Sinaleiros – a escolha metodológica e as técnicas de pesquisa

Como a pesquisa busca entender os processos de subjetivação no que tange à construção/afirmação das masculinidades de trabalhadores que vivem em alojamentos em um canteiro de obras de uma usina hidrelétrica situada no oeste catarinense, utilizei-me da observação de campo, diário de campo e entrevistas semi-dirigidas para constituir meu corpus da pesquisa. Através de

²² Pensei aqui sobre o alcance da visão, baseado no documentário: JARDIM, João; CARVALHO, Walter. Janela da Alma, Brasil, 73 min, 2002.

três idas à campo (outubro de 2008, fevereiro e julho de 2009), onde eu residia na cidade mais próxima do canteiro de obras, indo e votando com os/as trabalhadores/as diariamente.

Para integrar o corpus da pesquisa junto à proposta de um estudo de base arqui-genealógica, como já foi dito, foram feitas entrevistas semi-dirigidas com os trabalhadores conforme roteiro prévio²³, sendo que tais entrevistas foram gravadas e transcritas (mediante TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido²⁴ pós TCI – Termo de Concordância Institucional²⁵) e subseqüentemente aprovadas pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia. Como já descrito anteriormente, por sugestão dos/as psicólogos/as da empresa, apresentei a proposta aos trabalhadores na escola (EJA).

As primeiras 8 entrevistas e as duas últimas foram realizadas em uma sala do setor de Psicologia; da nona à décima terceira foram conduzidas em uma sala de aula da escola que não estava sendo ocupada no período noturno, pois o setor de Psicologia não estava em funcionamento naquele horário. Ambas as salas garantiram isolamento acústico para a realização das entrevistas, além de dispor de ar condicionado.

As falas dos entrevistados dizem sobre um lugar possível de enunciação destes sujeitos, e as mesmas podem ser atravessadas por enunciados de mais de uma formação discursiva. Conforme Foucault (2005), a análise dos enunciados e das formações discursivas ocorrem correlativamente, onde a regularidade dos enunciados vai sendo definida dentro da própria formação discursiva. As formações discursivas podem explicar como são configurados os regimes de verdades (NARDI, 2006).

As formações discursivas não são completamente homogêneas, existe um constante atravessamento de enunciados em diferentes formações discursivas. A heterogeneidade é característica das práticas discursivas que se aliam ou se

²³ Segue no Apêndice 19 o roteiro prévio das entrevistas feitas aos trabalhadores alojados no canteiro de obras na construção de uma usina hidrelétrica no oeste catarinense.

²⁴ No Apêndice 20 encontra-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.

²⁵ No Apêndice 21 encontra-se o Termo de Concordância Institucional - TCI.

defrontam em um estado de permanente disputa em uma formação social específica e em um contexto histórico determinado (NARDI, 2006, p.76-77).

Conforme já afirmamos, a análise segue os princípios da genealogia para compreender as condições de possibilidade de emergência dos discursos, e utiliza a ferramenta da arqueologia para análise dos enunciados que emergiram no campo de pesquisa, pois:

A genealogia é um método que busca a construção histórica do feixe comum de questões que permite compreender as condições políticas que configuram o contemporâneo. A história do presente é composta de outras regras que aquelas empregadas pela história do passado, pois ela não implica em uma compilação exaustiva de todo o material disponível, mas em uma escolha focalizando o objeto de investigação. (NARDI, 2006, p. 34).

Segundo Foucault (2007), cabe ao genealogista constituir um saber histórico que privilegie os saberes locais e singulares normalmente considerados ilegítimos. Na busca das discontinuidades, o genealogista busca entender como os saberes e as práticas que compõem o sujeito do presente foram construídos. Assim, a genealogia procura o estranhamento daquilo que aparentemente é familiar, por isso trabalha com sujeitos que surgem em decorrência da formação histórica.

A partir de Foucault (1984), entende-se que jamais a/o pesquisador/a está diante de um objeto real e concreto, mas sim de um objeto real de conhecimento – o construído. Por isso, a genealogia não busca a origem, mas sim a desnaturalização dos objetos de forma a mostrar como os mesmos são historicamente constituídos. Para investigar, a/o pesquisador/a precisa se defrontar com um estranhamento, e não já saber o que vai encontrar. Precisa problematizar (FOUCAULT, 1984). Problematizar, para Foucault (2006), é refletir sobre as práticas discursivas, buscando compreender o que pode ou não ser legitimado nos jogos de verdade de cada época/espço.

Nesta direção, cabe à genealogia não buscar no passado somente os acontecimentos individuais, mas sim a condição de possibilidade para que eles

aconteçam – o que faz dessa metodologia uma possibilidade de visualização dos discursos e das práticas que se legitimam em cada época (FOUCAULT, 2007). Para evidenciar essas questões, cabe afirmar que, neste estudo, parte-se do pressuposto que a constituição da subjetividade está intimamente ligada ao dispositivo da sexualidade.

Os enunciados inscritos no dispositivo da sexualidade partem das formações discursivas de campos relacionados à medicina, à psicologia, à biologia (FISCHER, 2001) e, poderíamos acrescentar, à economia, ao direito, e à administração, dentre outros. O enunciado em si, assim como o discurso, não constitui uma unidade. Ele se encontra na transversalidade das frases, proposições e atos de linguagem: é sempre um acontecimento. Por isso:

Descrever um enunciado [...] é dar conta dessas especificidades, é apreendê-lo como acontecimento, como algo que irrompe num certo tempo, num certo lugar. O que permitirá situar um emaranhado de enunciados numa certa organização é justamente o fato de eles pertencerem a uma formação discursiva (FISCHER, 2001, p. 202).

Portanto, a análise do enunciado se estabelece junto à da formação discursiva (FOUCAULT, 2005). A genealogia vai sustentar esse estudo para pensar como se constroem as possibilidades de emergência das formações discursivas. Uma formação discursiva é um conjunto de enunciados unidos por uma lógica que dá sentido ao discurso ao estabelecer a coerência e legitimidade deste (NARDI, 2006). A emergência dos enunciados depende das condições de regras e das condições de espaço e tempo que permitiram o surgimento de tais formações discursivas; daquilo que é possível dizer, ver, e analisar ao se objetivar o sujeito em estudo.

É necessário, portanto, pensar os sujeitos da pesquisa como constituídos no social, na medida em que é no social que ocorrem as formas de objetivação. Considera-se, contudo, que os modos de objetivação e subjetivação estão interligados, pois sujeito e objeto não podem ser vistos como separados; se muda o conhecimento, muda também o sujeito (FOUCAULT, 2006).

A análise das relações entre a constituição do sujeito e a verdade define a escolha do método, pois, para Foucault (2006), os jogos de verdade são impostos de fora para o sujeito, de acordo com a causalidade necessária ou as determinações estruturais, as quais abrem o campo de experiência do sujeito e do objeto que são produzidos em condições simultâneas. Por isso, um princípio do método é dirigir-se às práticas e abordar por que viés elas são feitas e concebidas, de um pensar e de um agir que dão inteligibilidade ao sujeito.

A arqueologia é a descrição do arquivo, trata os discursos enquanto produções históricas, apontando para uma economia discursiva. A ela preocupam os enunciados, não no que eles podem ter de verdadeiros ou falsos, mas como eles produzem verdades, bem como sujeitos e objetos (FILHO, 2005). Desta forma, a arqueologia dá visibilidade às noções de rupturas e descontinuidades nos acontecimentos e na produção de verdades (FOUCAULT, 2005).

Isso permite pensar nas condições para determinada produção de conhecimento, suas implicações éticas e políticas, as quais produzem práticas e sujeitos. Foucault (2005) toma o método arqueológico para buscar as formações discursivas, não desvinculando da proposta seguinte – a genealógica que trata da periodização dos acontecimentos.

Desta forma, podemos entender, conforme Nardi, Tittoni e Ramminger (2005), que os discursos não são em si subjetivos: eles, de fato, subjetivam, conforme a forma como o indivíduo toma para si determinado discurso, considerado legítimo e verdadeiro. Sendo assim, descreverei como se articulam os enunciados em torno do campo de pesquisa dos estudos da construção das masculinidades de trabalhadores em um canteiro de obras.

Além disso, nas observações de campo, utilizo o diário de campo, em que faço uma análise do campo que trata de inúmeras particularidades ainda pouco descritas. Utilizo, então, a etnográfica, advinda da antropologia, sendo essa uma técnica investigativa que busca a relação entre pesquisador/a e objeto de estudo (BEAUD e WEBER, 2007; FONSECA, 1998). Os processos do método etnográfico compreendem as seguintes etapas: estranhamento (ir a campo com questões abertas para maior aproximação com a realidade);

sistematização (descrição da situação do campo); desconstrução (implica na “quebra” de preconceitos do/a próprio/a pesquisador/a); e comparação (comparar a produção literária com aquilo que é visualizado no campo). Por fim, as etapas são finalizadas pela sistematização do material que foi encontrado, o que pode auxiliar em uma pesquisa de base arqui-genealógica que busque questionar os jogos de verdade e as posições de onde fala o/a pesquisador/a.

A observação etnográfica da aproximação com o campo - antes, durante e após a realização das entrevistas - se mostrou fundamental para construir as análises.

Descrever o campo de pesquisa é realizar um percurso pelas dificuldades e pelo fascínio do contato com um objeto que, no caso das ciências humanas, é da mesma “natureza” do pesquisador (NARDI, 2006, p. 84).

Denzin e Lincoln (2006) citam que o processo interativo da pesquisa é influenciado pelos cenários das histórias pessoais, das biografias, dos gêneros, das classes sociais, das raças, das etnicidades, tanto dos sujeitos da pesquisa quanto do/a pesquisador/a. Durante as observações e as entrevistas, percebi que o fato de ser mulher poderia causar estranhamento ali. Mas ser branca, psicóloga, mestranda e, principalmente, gaúcha do interior, apresentaram-se como marcadores importantes, em especial no que tange à localização regional. Assim sendo, a pergunta inicial em qualquer lugar por onde eu circulasse no canteiro de obras era: *“Da onde tu é?”*. Quando eu respondia, logo as pessoas também se identificavam pela sua região, seguindo pelo que faziam na construção desta barragem e pelo seu percurso por estas obras, estabelecendo assim uma relação que acolheu não só esta pesquisa como também a pesquisadora.

2.2) Operadores Conceituais

As masculinidades só podem ser entendidas dentro das relações de gênero e da sexualidade. Então, a partir da construção do campo de pesquisa, escolhemos operadores conceituais de uma vertente dos estudos pós-estruturalistas dentro da teoria feminista, principalmente inspirada nos estudos de Michel Foucault e Judith Butler. Estes autores questionam como o sujeito veio/vêm tornar-se inteligível. Uma das formas de o sujeito ganhar legitimidade está situada no sexo como lócus da verdade sobre o sujeito (FOUCAULT, 1988), da mesma maneira que os corpos só podem existir se generificados. Além disso, este gênero deve estar em conformidade com o sexo, a sexualidade, o desejo e o corpo (BUTLER, 2003, 2009).

Para guiar as análises a partir do conteúdo das entrevistas e das observações de campo, faz-se necessário expor os seguintes operadores: modos e processos de subjetivação, relações de gênero, dispositivo da sexualidade, masculinidades, corpo, sexualidade, identidade e trabalho. Estes operadores conceituais situam e auxiliam o trabalho da construção do campo.

2.2.1) Modos e Processos de Subjetivação

Para pensar empiricamente os efeitos das formas de trabalho e habitação, focando a construção das masculinidades nos processos de subjetivação, indispensável se faz o entendimento de tais processos.

Subjetividade remete ao que é próprio do sujeito. Etimologicamente, do latim, *subjetum*, e do grego, *hypostasis/hypokeimeno* (MEISSNER, 1999). Para Nardi (2006), essas duas origens partem de aspectos observáveis da existência, tomando subjetividade como um conceito operativo, uma categoria analítica que permite a compreensão da dinâmica e da estrutura social a partir da indissociabilidade do individual e do coletivo.

Segundo Guattari e Rolnik (1996), a produção da subjetividade é matéria-prima para qualquer produção. O que é produzido em uma sociedade tem sentido para determinado sujeito e para a sua cultura – enquanto para outra é apenas um mero objeto estranho. Dessa forma, concebe-se uma sociedade que subjetiva de maneira capitalística, incorporando no trabalhador o desejo de tomar para si a produção, a qual é parte não só do aspecto material, mas de uma constituição que forma o operário desde a sua gênese; tanto que a existência, para esses autores, deve ser compreendida a partir dos modos de subjetivação.

Foucault (1995, 2006) explicita que a subjetivação e a objetivação não são independentes, têm uma ligação recíproca que se origina nos jogos de verdade no que diz respeito às veridicações de uma determinada época. A constituição do sujeito ocorre no interior da norma que faz dele objeto do conhecimento. A autoconstituição do sujeito é produzida a partir dos procedimentos pelos quais o sujeito é levado a observar-se, analisar-se e reconhecer-se como um campo possível do conhecimento, fazendo ali – no interior dos jogos de verdade – a experiência de si.

Foucault (1984, 1995) refere três eixos de formas de objetivação do sujeito que dão ao ser humano a condição de sujeito, a saber: a construção do conhecimento através dos métodos de investigação sobre quem é o sujeito - as formas de conhecê-lo através dos saberes científicos; as práticas divisórias que enquadram os sujeitos em normas e regras; e as formas como os indivíduos se reconhecem enquanto sujeitos de uma época histórica.

O sujeito, ao mesmo tempo em que se subjetiva ao fazer a experiência de si, também é subjetivado conforme as condições externas de possibilidade de seu tempo e de cultura, fato que questiona uma suposta autonomia e liberdade dentro da responsabilização individual pela situação de cada indivíduo (TITTONI, 2007). Para Lemke (2001), a constituição do sujeito no sistema neoliberal tende a se individualizar com a responsabilização do indivíduo, mesmo que o Estado regule as relações. O autor segue mencionando que a criação do Estado neoliberal submeteu o social ao econômico, o que faz com que a relação custo/benefício e a configuração política sejam situadas na ordem do econômico e da competitividade.

Pensar as relações capital/trabalho distintamente de uma perspectiva marxista implica pensar o poder não como estrutura, mas como uma relação de forças múltiplas que existe nas diversas instituições; logo, onde existe poder existe resistência (FOUCAULT, 2006). O poder implica dispositivos que veiculam as formas de subjetivação de conhecimento através de técnicas de saber e procedimentos de poder (TITTONI, 2007).

Assim sendo, tanto o gênero como a sexualidade - como elementos que constituem a subjetividade - são construídos socialmente conforme a cultura em que o indivíduo está inserido (FOUCAULT, 1985). E, tomando-se as especificidades deste estudo, pretende-se nortear a análise pela compreensão dos processos de subjetivação no que diz respeito à construção das masculinidades. Por essa razão, partir-se-á de um olhar sobre as diversidades existentes nas masculinidades e as formas como elas são construídas. Conforme Rodríguez (2006), os campos do gênero e da masculinidade têm percorrido âmbitos intimamente relacionados, em que a masculinidade, de certa forma, continua a ser estudada como um contraponto da feminilidade. Assim, o autor busca um suporte teórico para as diversas interpretações possíveis e inter-relacionadas da masculinidade: a) uma perspectiva natural e biológica da qual emanam as expressões possíveis no social; b) uma perspectiva de caráter positivista, na qual a descrição do comportamento materializa o que é ser homem; c) uma perspectiva de um plano normativo daquilo que se espera de um homem; d) a perspectiva do caráter semiótico, das multiplicidades das possibilidades de significação do masculino. Esta última perspectiva, perpassada pelas outras, conforme os estudos de Connell (1995, 2003, 2006), vêm contribuindo para desconstruir a perspectiva do homem universal.

Portanto, as masculinidades são constituídas por diversos processos que atravessam os sujeitos, o que faz com que entendamos a subjetividade como uma forma de construção e produção da experiência de si. Foucault (1999) analisa como as práticas sociais constituem os domínios de saber que fazem emergir sujeitos e formas de sujeição conforme as práticas. Revel (2005) e Nardi (2006) distinguem modos e processos de subjetivação. Os modos de subjetivação dizem respeito a como o sujeito é formado pelos processos de

objetivação, sendo o sujeito objeto de conhecimento e discurso; e os processos de subjetivação expressam o seu reconhecimento enquanto sujeito através da relação consigo mesmo (REVEL, 2005). Nardi (2006) mostra a relação intrínseca entre os modos e os processos de subjetivação, uma vez que os modos de subjetivação estão associados aos regimes de verdade e às normas às quais o sujeito é exposto conforme a época. Já os processos de subjetivação referem-se à maneira singular como cada indivíduo se apropria dos regimes de verdades, dos discursos, e de como faz a experiência de si.

2.2.2) Relações de Gênero e Sexualidades

Pesquisar sobre masculinidades é percorrer os estudos de relações de gênero e sexualidades, pensando na forma como o sujeito se constituiu nas relações de poder (SEFFNER, 2003). A discussão sobre masculinidades não vem substituir ou questionar a importância do conceito de gênero. Vem, na verdade, chamar a atenção para o fato de que não existe só uma masculinidade, afinal de contas, gênero é muito mais do que as interações face a face entre homens e mulheres, conforme afirma Connell (2003).

Em vez de tentarmos definir a masculinidade como um objeto (um caráter de tipo natural, uma conduta-padrão, uma norma), necessitamos nos centrar nos processos e relações por meio dos quais homens e mulheres levam vidas envolvidas no gênero. A masculinidade [...] é ao mesmo tempo, a posição nas relações de gênero, as práticas pelas quais os homens e as mulheres se comprometem com essa posição de gênero e os efeitos destas práticas na experiência corporal, na personalidade e na cultura (PORTELA, MEDRADO, NASCIMENTO, 2004, p. 23).

O conceito de gênero teve base nas relações sociais fundadas sobre as diferenças produzidas entre os sexos e um modo de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1995). Os estudos sobre as relações de gênero enfatizam a necessidade de pesquisas sobre homens e masculinidades (MEDRADO, 1997; LYRA, 1997; MEDRADO e LYRA, 2008; PORTELLA, MEDRADO e NASCIMENTO, 2004), impulsionadas, tanto politicamente quanto

academicamente, a partir dos estudos sobre mulheres e homossexuais que, questionando práticas e valores, fizeram uma reavaliação do lugar do homem no que refere à sexualidade e à reprodução, ampliando a visão de que existiria um modo genérico de ser homem.

Foucault (1988) apresentou a sexualidade como um dispositivo de poder, que ganhou força principalmente no século XVIII, a partir de técnicas de controle das práticas sociais. Dessa forma, a sexualidade passou a fazer parte da normatização da vida cotidiana através da prescrição de um modelo de família e da criação de regras que impediam manifestações de uma sexualidade fora dos padrões estabelecidos.

Para Foucault (1988), só se pode compreender o sexo a partir do dispositivo da sexualidade. Na época vitoriana, a norma sexual era pautada pelo casamento monogâmico entre adultos, pois as outras formas de acesso ao prazer eram consideradas desviantes. A organização desse modelo teve, em seus primórdios, a ação da confissão, originada na lógica cristã de vigilância do pecado e da presença de um *expert* (o sacerdote) que analisava a “pureza” da alma. A partir da disseminação do fazer falar – como ferramenta que a ciência (direito, medicina e psicologia) passa a utilizar como acesso à “verdade” sobre o sujeito – exerceu-se uma técnica de controle, na qual a vida sexual passou a ser um tema com a necessidade de ser exposto.

A entonação dos discursos enfatizava a liberação da sexualidade, mas não uma libertação dela, dentro de uma óptica normalizante da sociedade. Como se o único problema em relação à sexualidade estivesse ligado à repressão. Nesta direção, Butler (2003) questionou as teorias que se construíram em torno da relação dos sujeitos que estabelecem uma linearidade entre o sexo, o gênero e o desejo. Para a autora, a construção da “identidade social” define-se por um gênero que se torna inteligível a partir da norma da heterossexualidade compulsória, tomando a noção binária como parâmetro para a construção da identidade.

Butler (2003) busca fazer uma genealogia do gênero para explicar como os sujeitos são produzidos nas práticas de exclusão que não aparecem na estrutura jurídica ou política. A autora indagou se o sexo é natural, anatômico,

cromossômico ou hormonal, se tem uma história e qual a sua gênese. Afinal, nas palavras da autora:

“Sexo” é um termo que se aplica ao conjunto da população, de modo que é difícil se referir ao meu “sexo” tal como se ele fosse radicalmente singular. Se não é, em termos gerais, então, nunca apenas o “meu sexo” ou o “seu sexo” que está em questão, mas o modo pelo qual a categoria de “sexo” excede suas apropriações pessoais; assim, seria aparentemente impossível perceber o sexo fora dessa matriz cultural e compreender essa matriz cultural fora das possíveis vantagens que ela possa oferecer (BUTLER, 2009, p. 115).

Na verdade, o gênero e a sexualidade são concebidos na construção social, o que fica explícito nas citações de Michel Foucault (1988): “A manifestação da sexualidade [...] estabeleceu essa noção de sexo.”; e de Monique Wittig (1992): “A categoria do sexo é a categoria política que funda a sociedade heterossexual.”

Wittig (1992) trouxe contribuições no sentido de desconstruir concepções dadas, afirmando que o sexo foi submetido ao natural, ao biológico, ao hormonal, ao genético, como se não tivesse conseqüências ontológicas ligadas à formação da sociedade. Criou-se uma posição antagônica onde a verdade sobre as diferenças dos sexos não depende de uma análise histórica. Ou seja, como se um sexo estivesse oposto ao outro – entre o feminino e o masculino, entre o homem e a mulher – para uma garantia de lugares.

O conhecimento do próprio corpo diz sobre uma concepção de verdade que se cria sobre si e do lugar que os corpos ocupam ao atravessar as épocas e as categorias que são criadas para eles. O gênero é o primeiro registro de inteligibilidade de um corpo (BUTLER, 2001) e da forma como ele pode ser performado (BUTLER, 1997). O corpo é mais que um dado natural e biológico, a noção de história do corpo é conflituosa (GOELLNER, 2003). Isto faz com que a inscrição do poder se localize nos corpos e não somente na população (FOUCAULT, 2002).

Na idade antiga, a construção do corpo do cuidado (inquietude) de si era preconizada por outras prescrições. Assim, na construção deste sujeito surge o

mestre, o pedagogo, o que vai ordenando as relações e as instituições para esta construção, de forma que se produzam as verdades (FOUCAULT, 2006 a). Para Foucault (1987), o processo de subjetivação toma um lugar central através do corpo.

O sexo se torna compreensível por meio dos signos que indicam como ele deveria ser lido e compreendido. Esses indicadores corporais são os meios culturais através dos quais o corpo sexuado é lido. Eles próprios são corporais e funcionam como signos; assim, não há nenhum caminho fácil para distinguir entre o que é “materialmente” verdadeiro e o que é “culturalmente” verdadeiro a respeito de um corpo sexuado (BUTLER, 2009, p. 108).

A subjetividade é formulada pela produção que designa restrições na forma compulsória de regulação dos movimentos e gestos do corpo, na norma de comportamento e modelo de obediência – produção compulsória de uma regulação (BUTLER, 1997). Deste modo, foram produzidas as concepções que colocaram a sexualidade em discurso (FOUCAULT, 1988). Elas percorreram os atributos do corpo intimamente colocados como parte da construção das performances masculinas, o que fica claro quando Cecchetto (2004) descreve os homens no jogo viril, onde precisam dar constantes provas de sua virilidade através da violência - honra e guerra.

Na medida em que a identidade sexual é performativa, Butler (1993) discute os efeitos que o discurso produz ao nomear, na medida em que somos interpelados pelas palavras que nos constituem enquanto sujeitos. A expressão da performatividade deve ser considerada em três dimensões, diferentes mas interligadas, que dizem respeito à execução, ao desempenho e à interpretação dos sujeitos (CÓDOBA; SAEZ; VIDARTE, 2005).

Um sujeito não é um indivíduo abstrato, sem história e sem corpo, porque ele se constrói dentro e a partir de uma lógica performativa que produz uma re-cognição da sua própria identidade, que se transforma e se redefine (IÑIGUEZ, 2003). Portanto, a identificação do sexo é possível no interior de um dispositivo político e que se constrói na lógica da reprodução e da heterossexualidade (BUTLER, 2003, 2004). A performatividade do gênero é

avaliada pela sua condição de possibilidade de fracasso ou sucesso em uma dada construção social e discursiva.

Na condição de possibilidade de “fracasso”, Benevides (2007) aponta para o terceiro excluído²⁶ como uma nova categoria estabelecida por derivação do par anterior da normatividade, de modo que, mesmo sendo apresentada como outra categoria, ela continua como se fosse produto da dualidade anterior. Para a autora, aquele que sobra, que não consegue ser incluído em um primeiro momento, recebe a etiqueta de marginalizado, à espera de uma outra (etiqueta) que seja mais específica para suas características. É por isso que nessa lógica do terceiro excluído o seu funcionamento é baseado na dualidade que divide o mundo em partes opostas que lutam pelo domínio de uma sobre a outra e que, nesse processo, excluem um terceiro (ou um quarto) modos de existir.

A epistemologia *queer* busca dar outra posição a esses terceiros e quartos excluídos – um lugar de visibilidade – em que não existe somente na polaridade construída pelo dispositivo da sexualidade. Códoba, Saez e Vidarte (2005) afirmam que o termo *queer*, para além de seu uso como sinônimo de homossexual, contém o sentido do questionável, do duvidoso, do raro e do excêntrico. A epistemologia *queer* tem um caráter político, conflitivo e aberto, o qual abre outro lugar para as pesquisas que trabalham com a questão da sexualidade e do gênero. O processo de desnaturalização do sexo e do gênero próprio à epistemologia *queer* indaga determinada tradição da teoria feminista e se situa na base da reformulação *queer* do gênero como performatividade, apontando para a produção da sujeição, existente nas relações estabelecidas entre o sexo e o gênero, como que se a relação de dominação homem/mulher; heterossexual/homossexual estivesse na natureza (CÓDOBA; SAEZ; VIDARTE, 2005).

Sedgwick (2007), nesta direção, ao discutir a epistemologia do armário, faz uma reflexão sobre o “armário” como um dispositivo de regulação da vida de gays e lésbicas na qual os heterossexuais são aqueles que detêm

²⁶ Que neste caso poderia ser o bissexual (para além do binarismo homo/hetero), e um quarto que seria uma nova possibilidade para além daquelas diagramadas pelo dispositivo.

privilégios de visibilidade e hegemonia de valores com legitimidade social. O armário refere-se ao segredo aberto, em que algo é sabido, mas não pode ser dito; se for, gera várias implicações. Assim, evidencia-se na formação de enunciados aquilo que pode ser dito em determinada época, e que está no interior da multiplicidade de discursos que constroem o sujeito (NARDI, 2006).

2.2.3) Masculinidades Plurais

“A masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero.” (CONNELL, p. 188, 1995).

Seguindo pelas diferentes concepções dos estudos de gênero e da sexualidade, pretendo abordar a noção de masculinidades plurais, mesmo que o aspecto inicial da construção da masculinidade tenha ocorrido pela diferenciação, o que a coloca no âmbito do público e num lugar de dominação, conforme Bourdieu (1999). Para o autor, o gênero é uma categoria que só ganha inteligibilidade se vista de dentro das instituições – igreja, escola, Estado - que compõem cada momento histórico. Assim, o *habitus* é definido pelo autor como o esquema de produção de práticas que ocupam um lugar social, e na incorporação deste *habitus* cabe ao homem realizar as atividades públicas e perigosas.

Para Connell (1995, 2003) e Clímaco (2008), os estudos sobre homens e masculinidades vêm surgindo e desenvolvendo-se desde a década de 1970; contudo, diálogos de ordem interdisciplinar são relativamente escassos, e os estereótipos de gênero remetem ainda à construção de uma identidade masculina, em contraposição às possibilidades de subjetivação em um cenário cultural de pluralidade identitária.

Connell (2003) parte da psicanálise para pensar a masculinidade e a feminilidade coexistindo em cada ser, mostrando que a masculinidade adulta foi construída em reação à feminilidade e em conexão com a subordinação da

mulher. Por isso, Connell (1995) vê o gênero como metáfora do poder. Seu pensamento vai contra a teoria dos papéis sexuais, criticando estas duas categorias de gênero definidas na década de 1930.

E Connell (2003), baseado em Foucault (1988), vê o gênero e a sexualidade como um constructo do discurso, por vezes ambivalente. Há a concepção dos corpos sexuados como uma produção de verdade, quando os corpos passam por uma série de práticas corporais, como comer, dormir, exercitar-se e vão também compondo separações destes corpos. Mesmo que o processo social tente invisibilizar as diferenças corporais dentro de um gênero, o biológico quase sempre parecem mais reais do que os aspectos sociais.

Connell (2006) salienta que não há “o” corpo masculino, mas corpos. Para o autor, alguns corpos subvertem a hegemonia do paradigma heterossexual. Assim, torna-se possível pensar a forma como o corpo é performado pelo gênero (BUTLER, 1997), pela atividade laboral e pelos signos que unem um determinado grupo; como se apresentam os homens barrageiros que são assim logo reconhecidos pelos seus atributos de masculinidade (força, virilidade, enfrentamento do risco) em outros espaços em função das suas marcas corporais, apesar da não homogeneidade ente eles.

Seffner (2003, p. 242) afirma que “os modos de viver a masculinidade são múltiplos, e, mais do que isso, se encontram em regime de movimento, de fluidez, de deriva”. O autor alerta para o fato de que, apesar de a pluralidade existir, ainda há uma masculinidade hegemônica ligada aos atributos da virilidade. Ao exercer a desconfiança em relação à rigidez da categoria da masculinidade, pode-se visualizá-la mais plural do que ela geralmente é pensada, não se podendo esquecer as tensões entre as diversas formas de vivê-la dentro de um modelo heteronormativo, de algumas formas reconhecidas como legítimas pela sociedade.

As identidades masculinas foram construídas sob um modelo tradicional de virilidade que imperava inquestionável até bem pouco tempo. Essa formação identitária, contudo, ignorava as necessidades afetivas identificadas como femininas, e valorizava algumas características, como a competitividade, a preocupação com o desempenho, a autoridade, a dominação e a opressão.

Welzer-Lang (2001) analisou os esquemas, o *habitus*, o ideal viril, homofóbico e heterossexual que constroem e fortalecem a identidade e a dominação masculina, nos quais as relações sociais do sexo (entre homens/mulheres e homens/homens) são permeadas por um paradigma naturalista: o da “pseudonatureza” superior dos homens, a qual remete à dominação masculina, ao sexismo e às fronteiras rígidas e intransponíveis entre “os gêneros” masculino e feminino. Percebe-se, com isso, uma visão heterossexualizada do mundo, na qual a sexualidade considerada como “normal” e “natural” está limitada às relações sexuais entre homens e mulheres.

Adentrando pela “formação” da masculinidade hegemônica, Welzer-Lang (2001, 2004) descreveu os lugares monossexuados destinados aos meninos quando estes saem da custódia das mulheres para se tornarem, por assim dizer, “homens de verdade”. Momento em que os mais jovens relacionam-se com homens mais velhos, os quais vão-lhes ensinar os pressupostos de um gênero e de uma sexualidade dominantes e a serem diferentes do outro – a mulher. Então, surgem as pressões e até mesmo violações nos espaços de homosociabilidade, nos quais emergem imposições de convívio temporário com a homossexualidade, com o processo de erotização e de relação de abuso – que evocam as práticas repetidas de ensinar um modelo de sexualidade, modelo este que se reproduz em vários lugares da sociabilidade masculina (JARDIM, 2001; ECKERT, 2001; BARRIENTOS, 2005; GUEVARA RUISEÑOR, 2006). Dificilmente há uma forma de aprender a ser homem (ou a ser mulher) que não passe por alguma forma de violência (LEAL, 1995; CHECCETTO, 2004).

A relação construída em lugares de homosociabilidade é reproduzida em vários espaços sociais, os quais Welzer-Lang (2001) metaforizou como “casa dos homens”, termo advindo dos estudos antropológicos de Godelier (1992) na Nova Guiné. Nesses estudos, Godelier (1992) descreve um lugar localizado como a casa dos homens, onde havia um segredo em torno das práticas e da forma de construção da masculinidade como forma de manter a sua supremacia. Contudo, existem outros lugares que também localizam masculinidades em um lugar espacial homosocial, como no caso dos trabalhadores alojados nos canteiros de obras para a construção de uma usina

hidrelétrica, e também nas plataformas de petróleo (LOSICER, 2001), nas regiões de mineração (ECKERT, 2001 e BARRIENTOS, 2005) e nos transportes (LEAL, 2008).

Foi possível perceber, pela pesquisa bibliográfica, que vários estudos sobre as masculinidades, em diferentes campos de saber, como os estudos de Seffner (2003, 2004a, 2004b), abordam a insistência de uma identidade masculina sólida, fixa e permanente. Como a masculinidade bissexual geralmente fica no anonimato, muitas vezes acaba sendo considerada como incompleta em vias de se tornar completa, vista como poderosa e transgressora, além de retratada como uma fraternidade masculina (SEFFNER, 2004a). Em sua tese, Seffner (2003) também apontou para um lugar ainda hegemônico da masculinidade, o qual, mesmo assim, se sujeita a questões ligadas à constituição histórica e cultural; porém, a homossexualidade fica excluída dessa hegemonia e, muitas vezes, passa a ser uma das alternativas nos casos de quartéis, presídios, embora perpassada por um discurso que busca a discrição.

No Rio Grande do Sul, a cultura promovida pelos Centros de Tradicionalismo Gaúcho (CTGs) e pelos galpões de peões de campo mostra-se como formadora de uma masculinidade machista. Lugares que fazem cada menino aprender a ser um “gaúcho de verdade”, ou seja, ter as atribuições ditas “masculinas”. É o que apontam a dissertação de Antunes (2003) e a tese de Leal (1989). A influência das formas como se constroem as masculinidades no Sul precisa ser abordada, uma vez que o canteiro de obras onde realizo a pesquisa está no contorno da divisa do estado gaúcho.

Essa masculinidade construída nos processos de subjetivação, seja pela mídia, pela arte, pelo trabalho ou, no caso da tese de Vitelli (2008), pela própria formação universitária, se dá em torno de um modelo de corpo e de sexualidade normativamente desejados. Para o autor, existe um discurso hegemônico produzido acerca da masculinidade que é reproduzido com força pelos valores sociais e culturais já existentes. O processo desta pesquisa no campo da sexualidade e gênero optou por uma óptica aberta a novas leituras e a fazer com que esta “saia do armário” (SEDGWICK, 2007), ao contrário de pesquisas que dão potencialidade a certos discursos presos a uma dimensão

binária. Para isso, é necessário articular uma ampla discussão sobre as relações de poder contemporâneas, presentes no desenvolvimento das ciências, da linguagem e da produção (FOUCAULT, 2006).

2.2.4) Trabalho, Subjetividades e Masculinidades

As sociedades modernas foram fundadas a partir de uma forma específica de valorização do trabalho (NARDI, 2006). Em sua etimologia, a palavra “trabalho” revela sofrimento, assim como a palavra inglesa *labor* e a francesa *travail*, bem como a grega *ponos*, a alemã *arbeit* ou a latina *tripalidar* também assinalam a dor e o esforço inerentes à condição humana (SCHÜLER, 1996). Na sua origem latina, trabalho provém de um instrumento de tortura: *tripalium* (SCHÜLER, 1996; NARDI, 2006). Por outro lado, o trabalho representa a expressão do poder humano de transformar a natureza através de uma ação significada e, ainda, a expressão de seus limites enquanto humano, tendo em vista a necessidade de labutar para sobreviver (JACQUES, 2002).

A ética protestante, de acordo com Weber, deslocou o trabalho da lógica do castigo e do sofrimento, para ser pensado como vocação, essência e condição para o ser humano progredir (NARDI, 2006). Mais tardiamente, após a instauração do trabalho livre no contexto brasileiro e, sobretudo a partir da ditadura de Vargas, foi inaugurada a ética do provedor e da função do trabalho de afastar do mal, dos vícios e da vagabundagem.

A versão brasileira da ética protestante do trabalho está associada à ética do provedor da família, a qual se dissocia da base religiosa para afirmá-la no viés da racionalidade dos fins, ou seja, do sustento da família (NARDI, 2006, p.46).

Assim, o trabalho assume uma condição moral dentro do código normativo das suas prescrições. O trabalho pode gerar infelicidade, alienação e doença mental, e, ao mesmo tempo, ser mediador de auto-realização para a produção da subjetividade e saúde (DEJOURS, 2007). Tittoni e Nardi (2006) afirmam que a relação entre subjetividade e trabalho remete à forma como os trabalhadores vivenciam e fazem a experiência de si dentro dos jogos de

verdade, conforme os valores vigentes em cada sociedade. Para os autores, pensar na subjetividade conectada ao trabalho implica compreender os processos dos modos de agir, pensar e sentir, os quais evocam a conexão entre diferentes elementos, como valores morais, necessidades e projetos pessoais, bem como a invenção, até mesmo transgressora, de modos de produzir e trabalhar.

Na modernidade, e até o início da década de 1960, a revolução industrial e o modelo fordista de trabalho inauguraram modos de trabalhar e relacionar-se com a vida de forma disciplinar, pautados pelo regime identitário que marca as condições para a afirmação do capitalismo como modelo econômico e modo de subjetivação, o que Foucault chamou de sociedade disciplinar (NARDI e SILVA, 2004). Os corpos eram docilizados, adaptados e categorizados, produzindo, assim, o sujeito moderno, operando em um modo de subjetivação de tipo “indivíduo” e capitalístico.

Nessa conjuntura, Nardi e Silva (2004) constataram que o público e o privado ganharam espaços bem distintos, onde o indivíduo é exaltado. O capitalismo (sobre)vive da ilusão de que todos são iguais e possuem as mesmas condições de acesso social; por isso, cabe a cada um ser individualmente responsável por si.

Apesar das diversas formas de trabalho precário e do desemprego maciço que marcam a era Neoliberal, Castel (1998) afirmou que o trabalho não perdeu sua importância. Com a questão do desemprego, por exemplo, o trabalho se torna importante pela sua falta ou pela ausência da estabilidade que transforma o lugar social, principalmente em relação aos suportes sociais e da identidade dos sujeitos enquanto trabalhadores (NARDI, 2006). Para Jaques (2002), a experiência do trabalho apresenta-se de forma intrínseca à experiência de vida.

Conforme Nardi (2006), a relação entre a ética do trabalho e os processos de subjetivação pode ser entendida de três formas: através do código normativo, que funciona como dispositivo de disciplina e sujeição ao trabalho; do reconhecimento pelo trabalho; e da possibilidade de associar o código normativo à ética como prática reflexiva da liberdade, que serve como

parâmetro para a tomada de decisões dos próprios trabalhadores quanto ao seu destino.

Nardi (2006) também afirma que o conjunto de regras morais sustenta o funcionamento capitalista. Contudo, o autor enfatiza que a disciplina no trabalho não deve ser entendida unicamente como restrição e interdição, mas como um processo em que os sujeitos são construídos na perspectiva de maximizar a produtividade. A disciplina consiste em técnicas de individualização do poder, de vigilância, além do controle da conduta, do comportamento e das atitudes.

Esses modos de trabalho utilizam-se da expressão do corpo dos sujeitos de forma a “vigiá-los” e “puni-los” pelo fato de mantê-los, de alguma forma e o tempo todo, ligados às redes e normas vigentes decorrentes da produção, inclusive no lugar onde habitam (FOUCAULT, 1987). Quanto mais obediente, mais útil é o corpo. A disciplina impõe a distribuição dos indivíduos no espaço, como nas fábricas que isolam e localizam os indivíduos, articulando-os ao processo de produção.

Castel (1998) problematiza o trabalho como elemento estruturante da sociedade capitalista e como dispositivo que possibilita compreender a genealogia do indivíduo moderno. Nessa problemática, percebe-se a lógica do provedor, situada como central na construção do masculino (JARDIM, 2001; NARDI, 2006).

Através do conjunto de regras morais, o trabalho, segundo Nardi (2003), mesmo que de forma desigual, foi, na sociedade moderna, o dispositivo central da integração social e, ao mesmo tempo, uma forma de proteção. Isso permitiu a identificação com o trabalho tanto para a ideologia capitalista quanto para os suportes simbólicos da existência, o que pode explicar o lugar da sexualidade e do masculino dentro desse espaço.

Nesse sentido, Welzer-Lang (2001) e Dejours (1992, 2007), mostram que a virilidade traz benefícios (privilégios) aos homens no trabalho, além de ser uma estratégia de resistência para lutar contra o medo, como no exemplo dos operários da construção civil ou dos empresários encarregados de demitir. Essa questão – o recurso aos valores tidos como viris - pode, ainda, ser uma

das estratégias coletivas de defesa para o trabalho (DEJOURS, 2007), um dos elementos centrais do campo de pesquisa.

A virilidade só pode ser vivida transversalmente em relação às esferas públicas e privadas como estratégia coletiva contra o sofrimento do próprio trabalho (DEJOURS, 2007). Fato que faz Welzer-Lang (2001, 2004) questionar os pressupostos sobre os homens e o masculino que organizam a manutenção de valores homofóbicos e sexistas. O autor critica as políticas públicas voltadas para a população masculina que não se voltam para integrar as diversidades masculinas, mas pretendem seguir um discurso que reproduz os valores de uma sociedade heteronormativa.

Para Connell (1995), a masculinidade não pode ser pensada de forma individualizada, e sim inserida no contexto das relações sociais, não sendo apenas uma característica da identidade pessoal, mas algo presente nas instituições e no trabalho. Uma demonstração disto é a masculinização das ciências e das tecnologias, representadas predominantemente por homens, o que também responde a diferentes postos de trabalho na construção civil – do engenheiro supervisor da obra até o peão de obra propriamente dito. Afinal, na matriz de nossa sociedade ocidental moderna faz parte da masculinidade o homem empenhar-se e prover (ECKERT, 2001; JARDIM, 2001; BARRIENTOS, 2005; NARDI, 2006; LEAL, 2008). Os trabalhadores de menor hierarquia mostram a sua virilidade sobrevivendo às relações de exploração, através de qualidades ligadas ao trabalho, tais como força, resistência, obstinação e demonstrações de insensibilidade (FIALHO, 2006). Estes atributos declaram uma superioridade sobre a mulher.

3) A Massa - Blocos de concreto, vigas e compensados

Vários blocos de concreto sustentados por vigas compõem esta cidade temporária de homens. Assim, toda obra de uma usina hidrelétrica passa por processos de modificações/(des)construções através de escavações, explosões de rochas, abertura de estradas, alagamento de áreas. Ao mesmo tempo, vai-se estruturando uma construção, produzindo a massa de concreto junto aos montes de areia, de brita e de equipamentos levantados pelos guindastes que são operados pelas mãos humanas e coordenados por vários sinais dentro das possibilidades da visão. Desta mesma forma, os homens trabalhadores que se encontram neste espaço vão (re) (des) construindo as formas como se performam as masculinidades, o que traz na sua composição uma série de elementos que formam os processos de subjetivação das masculinidades destes trabalhadores. Neste sentido, Nardi (2006, p.133) considera que: “Os processos de subjetivação constituem-se nas diferentes formas pelas quais os sujeitos se constroem e são construídos a partir de suas experiências de vida.”

Pensar como se dão as construções destas masculinidades dentro dos jogos de verdade de uma determinada época e local implica reconhecer a constituição da noção de gênero. Butler (1997) entende o gênero como algo que performamos, pois para nos tornarmos inteligíveis precisamos estar inscritos em um gênero. E cada gênero traz seus atributos dentro de uma cultura. Então, tomo a concepção de que as masculinidades são construídas e também (re - des) construídas.

Mas que (re - des) construções das masculinidades são possíveis dentro deste canteiro de obras? Como a convivência numa cidade de homens vai contornando modos de ser e existir? Seria possível mais de um modo de performar as masculinidades?

Evidenciar a existência de masculinidades (não) inscritas no modelo dominante, mas subjetivada por ele, tem sido um exercício instigante. Fiz a escolha baseada nos estudos que consideram as masculinidades plurais

(RODRIGUEZ, 2006; SEFFNER, 2006; CONNELL, 2003, 2006; CLÍMACO, 2008), mas, como descreverei adiante, existem atributos masculinos descritos pelos entrevistados que classificam os homens em “*mais machos*”, “*menos machos*” e também em “*aqueles que não querem ser machos*” (*Diário de campo*).

As enunciações possíveis que dão sentido ao masculino neste lugar, diante de uma pesquisadora mulher, indagam num primeiro momento se os homens não podem falar de tudo sobre como realmente vivenciam estas masculinidades, uma vez que supostamente se manteria um segredo entre os homens, que os sustentaria numa condição hegemônica, segundo o dizer de Welzer-Lang (2001, 2004). Nas entrevistas isto aparece mais claramente quando os entrevistados preferem não responder à pergunta sobre como é ser homem nesta cidade e me questionam se deveria indagar-lhes sobre as masculinidades e a sexualidade, quando dizem: “*Isso ai eu vou ficar sem responder.*” (*Entrevistado 14*) e “*Não sei se é certo o que me pergunta.*” (*Entrevistado 5*).

Os profissionais da educação e psicologia do canteiro de obras já tinham me avisado sobre a possível reação diante das perguntas: “*Isto eles não vão te responder.*” Afinal, existem brincadeiras e conversas que só podem ser feitas entre os homens, as quais eles me contaram apenas de forma superficial. Estas brincadeiras têm como objetivo um homem “*tirar sarro*” de outro(s) homem(s) por não ser(em) tão viril(s) ou por possuir(em) componentes que o caracterize(m) num papel constituído socialmente como inferior, geralmente referentes a atributos tidos como opostos ao masculino – os femininos.

Ao pensar por que não poderiam falar sobre sexualidade ou masculinidades neste contexto, ou questionar se eu poderia estar naquela posição fazendo tais interrogações, os trabalhadores fazem-me refletir se este pode ser um assunto compartilhado com uma pesquisadora/ mulher/ psicóloga. Por que não vão responder? Por motivos de segredo, ou pelo fato de que só as práticas legitimadas pela nossa sociedade podem aparecer, somadas ao lugar normalizador que a Psicologia ainda se presta a ocupar. Se, para manter a hegemonia masculina devem existir segredos entre os homens, como afirma

Welzer-Lang (2001, 2004), restritos aos locais para a homossociabilidade, como mostraram diversos estudos referentes a bares (JARDIM, 2001), prostíbulos (TEDESCO, 2008) e locais de trabalho como o campo (LEAL, 1898), as minas (ECKERT, 2001; BARRIENTOS, 2005); as plataformas de petróleo (LOSICER, 2001); e as estradas com os caminhoneiros (LEAL, 2008), este trabalho de pesquisa teria de construir algumas estratégias para compreender as hierarquias das performances masculinidades. A etnografia certamente foi uma ferramenta importante aqui.

No campo, logo pude observar que as funções de maior prestígio ainda são delegadas aos homens, o que corresponde à maioria das situações observadas neste canteiro de obras.

A cidade de homens, que compõe o canteiro de obras, mostra a necessidade de uma separação entre o lugar de trabalho e moradia do local para o exercício da sexualidade, não sendo permitidas práticas eróticas ali. Os alojamentos são organizados pelo sexo, pela lógica de pensamento ser a de que pessoas do mesmo sexo não deveriam sentir desejo umas pelas outras; diferentemente da arquitetura de uma vila de trabalhadores, que é montada em obras que envolvem maior número de pessoas, onde as famílias podem circular, conforme mencionaram alguns trabalhadores que já passaram por esta experiência:

“[...] É que quando eu morava nas casas da vila, o pessoal falava mal de alojamento e eu não tava nem ai. Tranquilo, nas casas da vila, bom demais. E hoje quando vai fazer 30 anos que eu trabalho na [Construtora]²⁷, eu nem acredito, passô rápido demais.” (Entrevistado 2).

O tempo de trabalho e as formas de organização destes homens mostram que este é um espaço significativo que diz sobre formas de ser

²⁷ Aqui o entrevistado cita o nome da construtora.

homem, mesmo que nem todas as construções e práticas masculinas possam emergir nos enunciados de forma uniforme no que tange às masculinidades.

A viabilização de um lugar do masculino implica em diminuir o que seria considerado pela cultura como coisa de mulher ou feminina. Um dos fatos registrados no diário de campo materializa o lugar dos atributos femininos, os quais parecem ter dupla função nas “brincadeiras” feitas entre os homens deste canteiro de obras – uma de criar uma forma de humor entre os alojados e outra de inferiorizar um deles, colocando digamos assim, à prova sua masculinidade. Para mostrar-se homem suficiente, ou vai acabar agüentado o lugar na brincadeira ou vai revidar pela força ou pela ascensão na hierarquia no trabalho.

Sabendo que eu pesquisava sobre a masculinidade, um trabalhador contou-me, informalmente, que pintaram com esmaltes e maquiagens um dos alojados que compunha sua equipe de trabalho. Ele estava alcoolizado, e continuou sendo motivo de deboche no dia seguinte por não ter conseguido tirar toda a maquiagem.

Este relato, aparentemente não violento para quem o fez e às demais pessoas que o ouviram, mostrou-se uma das formas de reafirmar que se aprende a ser homem demarcando o diferente, dominando e debochando do outro supostamente inferior. No canteiro se naturalizam brincadeiras homofóbicas como sendo parte dos lugares da homossociabilidade, o que fica compreensível nesta enunciação:

“Eu acho que não, se é homem é homem. O companheirismo tudo, brincadeira suja, tirá sarro um com o outro, mas o respeito como homem é normal. Todo mundo se respeita.” (Entrevistado 11).

*“E13 – Bom, o que disse ai, o que é, não se é homem, é numa base geral no caos, só eu acho que cada um tem a sua vida do jeito que qué leva. Por que o que interessa pra nós é essa parte ai, né? **Ah! Você não é homem, puta que pariu, né?**”*

P – Isto é dito pra quem?

E13 – Dizem aqui, dizem no alojamento mesmo. Um pro outro, pra se agredir.

P – E quando que acontece isto?

E13 – Quando eles tão brincando assim, quando começam as brincadeiras, né? Mas eu nunca, né?

[...]

P – E como será para estas pessoas que não são ditas tão homens assim?

E13 – Pra mim eu não sei isso, por que eu não costumo chamar ninguém assim e nunca ninguém veio com esta brincadeira comigo. Então eu deixo, eu nem sei, e nunca ninguém veio comentar comigo.” (Entrevistado 13)²⁸. (Grifos meus).

Isto mantém o jogo que ajuda a construir formas de ser homem, e ser homem não é só pertencer ao sexo ou ao gênero masculino, mas incorporar em si uma série de atributos que se fazem presentes nestas chamadas brincadeiras:

“Olha pra mim é aquela, eu não olho assim pra homem, né? Por que eu mesmo sou uma pessoa que eu não sou de tá tirando com ninguém, né? A gente cuida com o que é da gente, eu penso assim. Tem gente que não, que mexe com o outro que não é homem não. [...] Isso aí... Aí que nem eu disse, tem gente que diz isto daí, né? Que fulano não é homem, mas eu mesmo pra mim não ouvi isto daí. Mas eu, pra mim, eu respeito todo o homem, respeito todo mundo por igual” (Entrevistado 13).

Esta fala traz também a lógica que desde que a brincadeira homofóbica não seja direcionada ao indivíduo em questão está tudo bem, por que não é

²⁸ O “P” refere-se às falas da pesquisadora nas entrevistas.

possível se colocar ou se solidarizar com o outro que não é homem como deveria ser. Ainda mais que o respeito para com todos de forma igualitária traria o antecedente de que todas as pessoas também deveriam ser iguais, como se o todo respondesse a um único modelo de homem. O que coloca a homofobia como uma prática social e não apenas uma prática individual (BORILLO, 2009; POCAHY, OLIVEIRA e IMPERATORI, 2009).

Parece que para ser homem de verdade é preciso mostrar que se é macho, heterossexual e ativo, de preferência inferiorizando os outros de forma agressiva, como nos xingamentos das torcidas nos estádios de futebol (BANDEIRA, 2009). Apesar de ser preciso reforçar a ideia do respeito alegando que a agressão é mais brincadeira do que propriamente violência.

Na produção destes insultos de cunho homofóbico, pode ser para muitos homens, como disse um dos entrevistados, “[...] *um negócio constrangedor no caso...*” (*Entrevistado 1*), pelo fato de serem só homens, e se afirmar não homem ou diferente deste modelo de homem que é idealizado poderia implicar em constrangimentos. Afinal, até podem existir os mais machos e os menos machos, mas de preferência que não existam aqueles que não querem ser machos ou homens. Não falar abertamente daqueles que não querem ser considerados machos pode ser a composição de uma não-enunciação como uma estratégia de discurso a serviço da manutenção das concepções heteronormativas e heterossexuais, invisibilizando assim sexualidades e pessoas (POCAHY, OLIVEIRA e IMPERATORI, 2009).

Há uma contraposição importante nos enunciados que sustentam a concepção das masculinidades neste canteiro de obras. Os enunciados sustentam um modelo de masculinidade como única e dominante, o que na seqüência desaba o que poderia manter esta construção, onde aparecem vários jeitos de ser/estar homem alojado num canteiro de obras. Diante da sustentação de um homem de verdade, ou seja, aquele que corresponde ao que é aceito social e hegemonicamente nos jogos de verdade sobre a masculinidade, há aquele que resiste ou que não consegue e nem deseja corresponder às valorizações deste modelo de virilidade, mesmo sendo projetado através dele.

Em duas entrevistas, mais especificamente, ouvi a divisão de dois tipos de homens: os “*mais machos*” e os “*menos machos*”. Os “*mais machos*” estariam ligados à lógica heteronormativa da masculinidade concebida por Connell (1995), como a masculinidade hegemônica, que é ativa, heterossexual. E os “*menos machos*” estariam relativamente em desvantagem em alguns pontos, mas outros atributos de masculinidades os sustentariam, como o papel de trabalhador, provedor.

Esta resistência é compensada pela amizade que vai-se estabelecendo com outros trabalhadores, pela criação de laços, o que está dentro da pauta da homosociabilidade masculina. A mesma que coopera nas relações de trabalho, e se verifica até mesmo nos convites e na insistência para ir a bares ou às casas de prostituição, constituindo formas de afirmação da sexualidade masculina e uma possibilidade de sociabilidade entre estes homens.

A seguir, dividirei as temáticas centrais para a constituição de como se dão as performances das (re - des) construções possíveis para as masculinidades neste canteiro de obras. Estabelecer esta secção entre enunciados intrincados para analisar as formações discursivas faz com que muitas vezes eu volte a aspectos anteriores deste texto, mesmo tentando seguir uma construção ordenada e planejada como a que estrutura uma usina hidrelétrica ou qualquer construção civil, na qual primeiro vão as vigas, depois montanhas de britas, areia, cimento e aço. As masculinidades parecem feitas de composições líquidas e sólidas, na maioria massas heterogêneas nem sempre guiadas por roteiros estáveis quando seguem barragens.

3.1) Sexualidade – “[...] qual é o homem que não deseja ter um sexo!?”

“[...] o homem se satisfaz sexualmente acabô, né?” (Entrevistado 10)

“[...] qual é o homem que não deseja ter um sexo!?” (Entrevistado 7)

“Aqui não tem sexualidade! Se quiser tem que buscar fora.”

(Entrevistado 4)

Analisando estes fragmentos aparentemente contraditórios sobre o papel da sexualidade para a construção das performances masculinas, faz-se necessário esclarecer as circunstâncias das falas. No primeiro caso, o Entrevistado 10 faz uma fala sobre as dificuldades da itinerância, relacionando-as à sua família, que também as vivenciam o acompanhando em municípios próximos. Para ele, enquanto homem que mantém o trabalho e consegue sustentar esta família com uma mulher, e existindo satisfação sexual de sua parte e o resto seria supérfluo. Já o Entrevistado 7, que se apresenta como evangélico, diz conter-se sexualmente à espera do encontro com a esposa, confirmando a primeira suposição de que todo o homem gostaria de ter/fazer um sexo.

Para fazer sexo seria necessário ter um sexo e para comprovar que se tem um sexo seria necessário praticá-lo. Butler (2009) pensa a sexualidade como a vinda do sexo sobre o corpo, ou seja, não basta ser um sexo, é preciso ter um sexo, e para isto demonstrar sua identidade ligada a um corpo, a um desejo. E, como sabemos, nossa norma vem-se estabelecendo dentro da matriz heterossexual, de forma que, em sendo homens, espera-se que este desejo esteja e possa ser aceito quando voltado para mulheres. Embasada nos referenciais teóricos de Foucault (1988) e de Butler (1997, 2003), Quartiero (2009) expõe: “O indivíduo não consegue furta-se a ser sua sexualidade, a ser o que a sua sexualidade é, como se ela fosse depositária da sua verdade mais íntima, que afeta a totalidade do que ele é.” (QUARTIERO, 2009, p. 21).

Assim sendo, não é possível discutir uma identidade sem discutir a identidade de gênero que é performativamente construída (BUTLER, 2003). Os sujeitos sempre são convocados a se identificar com uma identidade sexual e de gênero quando interpelados (BUTLER, 1997). Estas masculinidades se

interpelam dentro de um modelo esperado de homem, que seria o forte, o corajoso e o sexualmente insaciável, de acordo com Medrado (2004).

As falas apresentadas percorrem dois pilares sobre a sexualidade masculina neste lugar: 1) Parece que o exercício da sexualidade só pode existir dentro de um funcionamento heterossexual. A sexualidade masculina pensada de forma tradicional sempre vem associada à mulher, é preciso de uma mulher para o exercício da sexualidade. 2) O desejo/ instinto sexual é inerente ao homem, controlado ou não. Assim, é este desejo direcionado às mulheres que legitima um dos principais significados da masculinidade.

Afinal, como aponta o Entrevistado 4, dentro do canteiro de obras e/ou dos alojamentos não há sexualidade, é preciso buscá-la fora deste(s) espaço(s). Nesse sentido, o entrevistado segue dizendo que cada um inventa a sua história, seja com uma menina qualquer, com uma prostituta ou mesmo com uma namorada. Isto é, para que o exercício da sexualidade possa ser considerado legítimo, precisa acontecer entre homem e mulher. Conforme as falas deste entrevistado (que é vigia da obra), condizentes com as dos outros trabalhadores, o mesmo define o canteiro de obras como um local para a produção/o trabalho, incompatível com o espaço para as práticas eróticas. Diante das questões sobre as práticas sexuais, o entrevistado reafirma o padrão heteronormativo e acrescenta regulações como a formação de hierarquias dentro da heterossexualidade:

*“Não tem, não tem isto daí. Eu não tenho visão pra isto. Muitos se destinam pra fora, daí eu não sei, não sei o que vão fazer. Por que aqui dentro não tem como. De certo eles saem, procuram aí fora, **tem a zona** aí fora da obra, né? [...] **Que no geral é só homem. Se eles querem alguma coisa eles têm que ir para fora, dentro mesmo do alojamento mesmo, não. Ninguém olha pra cara do outro, todo mundo a mesma coisa, ninguém provoca o outro. Se eles querem alguma coisa diferente que eles vão pra fora. Sabe vão busca na cidade, vão busca aí na frente aí. Em algum lugar eles acham uma menina, uma namorada, algum outro relacionamento, eles inventam alguma história. [...] Aqui não pode. Tipo assim, mulheres só têm acesso à lanchonete, ao banco e à lan house. Áreas de lazer, salas de TV e de***

cinema – áreas masculinas – elas não tem acesso. O horário de circulação delas é de até no máximo às 10 horas e elas também não tem acesso ao alojamento masculino. **O alojamento delas é separado,** ali elas têm a área de lazer, tem TV, mas é separado, elas não podem andar. **E se alguém arrumar uma namorada aqui dentro não pode andar de mão dada, não pode dar beijo. Aqui não é ambiente, tem que ser lá fora, é o código de ética da empresa.** Se tem alguém namorando aqui dentro é por que tá escondido, por que se pega dança, também é a primeira barragem que segue com autorização pra mulher morá alojada” (Entrevistado 4). (Grifos meus).

Como a maioria dos/as trabalhadores/as da obra são homens, existem prescrições e normas em torno do lugar de trabalho e moradia, lugar este separado do lazer ligado ao exercício erótico, e no qual não é permitido namorar (dentro da obra). Um lugar onde manifestar expressões de desejo e de afeto passa por regulações, tanto entre os homens e/ou dos homens para com as mulheres. Entre os homens esta possibilidade é “quase” inconcebível, afinal, se são todos de corpos, sexos e “gêneros” iguais, como poderiam desejar o semelhante: o óbvio dentro de uma regulação maior que não é a da construtora da obra, mas da forma como a nossa sociedade se organiza. Seria “natural” que homens desejassem mulheres. Por isso é preciso que existam mulheres ao redor desta cidade de homens, e também disponíveis em outros lugares, como nos municípios vizinhos., para tentar manter a congruência esperada entre sexo, gênero, sexualidade, desejo e corpo (BUTLER, 2003; 2004; 2009).

Leal (1995), Lyra e Medrado (2009) abordaram que a reprodução está para as mulheres assim como a sexualidade está para os homens. Eles teriam o desejo e o instinto como inatos e as mulheres “domesticariam” o desejo.

Então, quando os homens/trabalhadores entrevistados são interrogados sobre como é viver numa cidade de homens e como se dão as práticas sexuais, uma das primeiras questões que aparecem é de que o canteiro é um lugar voltado para o trabalho e a disciplina, e por isso nele não pode existir sexualidade. Contudo, eles têm a necessidade de buscar relações sexuais, exercendo estas práticas fora da cidade de homens. Alguns casais

aparentemente monogâmicos e heterossexuais aparecem neste canteiro de obras, mas não são formados por trabalhadores/trabalhadoras que ficam alojados/alojadas. Criam-se delimitações, como se fosse possível que a sexualidade estivesse do lado de fora do cercado do canteiro de obras. E mantê-la garantiria o *status* masculino, no qual se prioriza o papel ativo do “macho” desempenhado pelo homem.

Concomitantemente à contenção, existe a exaltação de uma sexualidade mais brutal/instintiva, que é regulada não só pelas normas das instituições do trabalho e da família, mas fundamentalmente pelas possibilidades econômicas dos trabalhadores. Se o exercício das práticas sexuais para manter o *status* de homem macho pode comprometer uma parte do salário, constitui-se como uma forma de lazer e alívio necessário, tanto que as casas de prostituição na obra são chamadas de “foias”, por que ali fica depositada uma parcela da folha de pagamento. A frequência maior na busca de mulheres se dá em especial logo em seguida ao dia 5 de cada mês, que é a data em que os trabalhadores recebem. Já no final do mês há uma concentração maior no trabalho para garantir a folha do início do mês seguinte.

Durante os três períodos de permanência no campo pude perceber que a movimentação na frente da obra era maior em outubro de 2008 e fevereiro de 2009 - onde estive em duas semanas no início do mês - do que na última semana de julho de 2009. Neste momento, ouvi de um encarregado: *“Deixa os peão se loquearem até dia 10 no máximo, depois acaba o dinheiro e eles trabalham que nem jegues.”* Esta fala expressa a importância da diversão ligada à sexualidade, uma vez que esta é mantida e mantém o trabalho árduo dos peões.

Há a sexualidade que se contém por motivos financeiros, religiosos, pela forma como nossa sociedade se organiza em torno da família e mais precisamente em torno do casamento, concebendo a fidelidade conjugal. Seguem as falas que apresentam tais enunciações que sustentam e passam os discursos em torno do masculino:

“Chega domingo à noite, sábado à noite só vê homem, não vê mulher. E têm uns que gosta, sai pra aqueles ambientes, e tem quem chega lá e deixa o dinheiro todinho. A coisa não é fácil não” (Entrevistado 2).

“P – Como é a experiência de morar numa cidade praticamente só de homens?

E15 – É difícil. Difícil, difícil, a gente consegue, por que precisa. Se eu fosse compará aqui com a capital lá que eu moro que é São Luis eu não ficava nem um dia.

P – Por quê?

E15 – Por que em São Luís é tudo mulher, tudo praia, tudo férias, tudo brincadeira, tudo mundo fala a mesma coisa. Daí eu vou aqui compará quatro mês, se eu tô no serviço é com homem, se eu tô na barraca é com homem, se eu tô no alojamento é com homem, no refeitório com homem, né? Como é que tu vai compará uma coisa destas com a minha vida lá. Você vive, por que você vive, né? Você tem que vivê, mas bom não é, né? [...] Se você quisé fica com uma mulher você tem que ir num destes lugares aí e pagá caro, você já vem por que você tem um objetivo, daí você passa o tempo todo aqui e nunca vai pra casa. Não é um lugar pra você tê uma mulher, conversá com ela, saí com ela, é diferente. Aqui só funciona se tivé dinheiro, se não tivé dinheiro não funciona. Em São Luís eu tava lá, a gente entra e sai, tem uma vida diferente. Aí se você saí e tivé dinheiro todo mundo te abraça, te beija, senão vai embora” (Entrevistado 15).

Para ter/fazer sexo, estes homens precisam de mulheres. Para que a sexualidade seja vivida ela precisa ter um enredo que afirme o sujeito existindo dentro de um repertório heterossexual, que faz linhas divisórias entre o normal e o patológico. Ao serem criadas prescrições para a prática da sexualidade, vieram no pacote as patologias e as psicopatologias para nomear e excluir quem não responde ao esperado. Então se criam estratégias para realizar ou tensionar estas práticas, como nos casos dos trabalhadores que ficam longe da família/ da mulher ou os que procuram outras mulheres.

“[...] é difícil, cada um tem um esquema, por que uns moram longe da família, daí não sei como é a situação deles, o quanto eles demoram pra ir pra casa, daí eles ficam oprimidos. E a pessoas não tem relação com outras pessoas, longe da família, longe da pessoa amada, daí é complicado, né? Eu nem sei como vou explicá isso aí. Que o que eu vou te dizer. É bastante preocupante isso aí. Porque as pessoas têm que sair fora, buscar outras, outros lazeres, acho eu, né?” (Entrevistado 5).

“Eu assim, dá pra entender o que, que é complicado assim tudo homem ao redor. Eu sinto assim, que o pessoal fica até assim com desvio de personalidade pelo fato assim, tanto da animação visual, pelo fato assim – só homem, só homem. E pelo fato que tem um monte de chinaredo e casa de prostituição, mas é complicado assim, um pra lá, um pra cá desrespeitando o outro. [...] Desvio que eu digo é assim, a própria maneira de pensá, já começa, como vou explicá pra ti sem enrolá, é o comportamento muda, o comportamento muda, muda. A gente sente, né, ficam mais agressivos, né?” (Entrevistado 9).

Existe a busca para dar conta dos ‘instintos’ concebidos como naturais e que seriam componentes da concepção de saúde, em especial da saúde mental, conectada às atividades sexuais. Em contrapartida vem o medo deste exercício pelos perigos que pode causar, que vão além de perder o dinheiro e não seguir o modelo de marido e/ou pai dentro de uma moral estabelecida. Estes perigos estão também na ordem de brigas com os colegas de trabalho por ter ficado com uma mesma mulher e um querer ter o domínio, a preferência desta mulher sobre o outro, o que acontece nos casos de prostituição. Além disso, há o risco ligado às Doenças Sexualmente Transmissíveis – DSTs, que muitas vezes ficam colocadas como se fossem exclusividade ou privilégio dos chamados grupos de risco como os/as profissionais do sexo. Perpassam, então, pelas seguintes falas estes enunciados:

“Ai tem várias boate aqui perto, não é muito amistoso, é perigoso, mas a gente se obriga a ir lá às vezes por que não agüento ficá tempo sem mulher mesmo, e assim vai” (Entrevistado 12).

“Ah, pra mim um dia típico assim, eu vou na área de lazer, eu me divirto, vou no baile, jogo futebol.

P – Como é a área de lazer?

E5 – É legal.

P – O que o senhor faz na área de lazer?

E5 – Jogo sinuca, jogo baralho... [...] Os bailes acontecem na sexta-feira, sábado. É fora, no canteiro não, têm em [Município 1, Município 2]²⁹ e ali na frente, né? Olha ali, tem que tê consciência e saber o que tá fazendo pra não causar aflito (conflito), né? Consciência que eu digo é respeitar o colega, respeitar os outros, em primeiro lugar é este. E ainda você tá em perigo, risco de ser atingido: uma coisa ou outra, vamos ver, se acontece uma bronca, um negócio, um tiroteio assim.

P – E já aconteceu isso?

E5 – Aqui que eu sei não, mas parece que aconteceu ontem de noite ali embaixo.

P – Na área de lazer ali na frente da guarita?

E5 – É. Lá em [Outra Obra]³⁰ também aconteceu, lá deu quatro mortes.

P – Fora do canteiro? Nas áreas de lazer? E por que acontecem estas mortes?

E5 – As vez ciúmes, que nem ontem ali, pelo que aconteceu lá foi por ciúme. É um risco.

P – E quais são os outros riscos?

²⁹ Estes seriam os municípios mais próximos do canteiro de obras.

³⁰ O entrevistado refere o nome da obra, a qual não é mencionada, pois pode identificar as pessoas envolvidas.

E5 – Droga, álcool, é e tudo é droga, são os riscos mais, né? De doenças venéricas³¹, tudo têm este preconceito, né? Cada pessoa tem que saber como se relacionam. E se não tivesse ali na frente seria pior, se não fica anormal, a pressão, fica a pessoa oprimida. Tem bastante mulher na obra, mas a vida de alojamento é tudo separado, mas pra mim não atrai nada, por que todo mundo precisa trabalhá. A dificuldade que tem de convivência e de sobrevivência, quem quer trabalha se esforça pra manter o emprego. Eu respeito e eles me respeitam também.” (Entrevistado 5). (Grifos meus).

Apesar dos riscos implicados no exercício desta sexualidade e do preço dela, a sua negação ou contenção também tem um alto custo, que pode ser desde uma depressão, até ser nominado por não ser homem aquele que não exercitar a sexualidade, comprovando-a, principalmente diante de outros homens. Ou de ser tão homem a ponto de agüentar a abstinência sexual esperando encontrar a esposa, que está longe, e economizar/ guardar dinheiro para sustentar a família, para poder voltar à terra natal com uma condição financeira melhor.

Estas trajetórias genereficadas, como mostra a tese de Leal (2008) sobre os caminhoneiros, se assemelham aos riscos da itinerância na vivência da sexualidade dos barrageiros, onde o deslocamento espacial os coloca em diferentes universos em busca do trabalho remunerado. E, ao redor, existe uma prestação de serviço para estes trabalhadores, como o que mantém o seu relacionamento com as mulheres e as bebidas alcoólicas, que acabam sendo consideradas formas de lazer. Assim, a condição de vulnerabilidade destes homens faz parte da sua construção das masculinidades, como Connell (1995) já relacionava a questão da epidemia da AIDS no final da década de 1980.

Tanto que a Política Nacional voltada para as DSTs/AIDS (BRASIL, 1999) lista as seguintes populações na matriz de risco e vulnerabilidade: pessoas presas, usuários de drogas injetáveis, profissionais do sexo, caminhoneiros e garimpeiros (LEAL, 2008). O que, segundo os relatos sobre a experiência de como são vivenciadas as sexualidades dos barrageiros, aponta

³¹ Doenças venéreas.

para similaridades com os modos de vida de garimpeiros, como Barrientos (2005) e Eckert (2001) descrevem, e também dos caminhoneiros de Leal (2008), que vão das condições precárias de trabalho à falta de atendimento de saúde voltado para estes contingentes masculinos. Afinal, as intervenções e propostas de intervenção não incluem estes sujeitos itinerantes, apesar de sabermos que as relações sexuais respondem por 58% dos casos de AIDS entre os homens, com maior prevalência nas relações heterossexuais, que é de 25% (MEDRADO, 2004).

Uma mostra disso é o que os barrageiros mencionaram os riscos e a vulnerabilidade de entrar em contato com a prostituição, ou o fato de sua mobilidade possibilitar outros relacionamentos além do casamento ou namoro, e até a possibilidade da traição da esposa e/ou namorada implicar em riscos ligados às DTSSs, mas em momento nenhum falaram de como podem se cuidar, se prevenir. Estes cuidados aparecem nas falas de profissionais da saúde do canteiro de obras nos treinamentos e das campanhas do GAPA - Grupo de Apoio aos Portadores da AIDS, informando sobre o uso do preservativo e do direito de os barrageiros buscarem o preservativo nos postos de saúde, uma vez que o ambulatório médico da obra não dispõe de uma quantidade de preservativos para todos. E dentro da lógica de situar a sexualidade fora da obra é que se afirma a não necessidade de ter preservativos na obra. Na terceira vez que estive no campo de pesquisa percebi que a lanchonete/mercado da obra estava vendendo preservativos, o que não acontecia antes. E isso devido a um dos pedidos do setor de Psicologia e do ambulatório médico, segundo me foi comunicado logo que voltei ao campo, talvez como efeito gerado no campo pelas perguntas (im) próprias feitas por esta pesquisa/pesquisadora.

Dentro do canteiro de obras não vi cartazes ou campanhas que abordassem a transmissão de DSTs/ AIDS ou a importância do uso do preservativo. Mas não faltaram placas indicando sobre o fato de o canteiro de obras se constituir em uma área de risco em relação à prevenção de acidentes de trabalho. Eis os dizeres das placas: *“Mantenha-se vivo, pois existem pessoas que dependem de você.”* (Diário de campo). Dizeres estes complementados pelo desenho de uma família nuclear típica, onde caberia ao

homem o sustento daquelas pessoas dependentes – mulher e crianças. Para contrapor ou corroborar esta lógica, nos banheiros havia cartazes do GAPA sobre a prostituição infantil, com o slogan: “*E se fosse com os seus filhos?*” (Apêndice 22). Estas enunciações que falam das práticas sexuais se conectam também ao que discutirei quando abordo o risco ligado ao trabalho duro dos barrageiros e sua relação com a família e com o próprio corpo.

3.2) “*Foias*” – As áreas de lazer e/ou de perdição.

*“Vem meu cajuzinho
Te dou muito carinho
Me dá seu coração
Me dá seu coração
Vem meu moranguinho
Te encho de carinho
Te encho de tesão
Te encho de tesão...”*

Chupa Que É De Uva

Aviões do Forró

Composição: Elvis Pires / Rodrigo Mell / Richardson Maia

Conforme mencionei anteriormente, a primeira vista que tive do canteiro de obras foi de algumas casas feitas metade de concreto e outra metade de madeira compensada, com mesas de sinuca nas varandas. Tocavam música alta, das bandas Calipso e Aviões do Forró. Em um trecho de uma destas músicas, que uso para iniciar este bloco, a letra indica um convite para esta prestação de serviço. Vi algumas mulheres sentadas na frente tomando sol, a maioria supostamente nordestinas e vestidas com bermudas curtas. Eu pensei,

como já escrevi, que não estava no lugar certo – em direção ao canteiro de obras. Logo vi um homem que andava por ali embriagado e em seguida vi mais uma placa da construtora da obra, mais 100 metros adiante e eu estava na frente da guarita.

Como já dito, percebi que as construções dentro da obra parecem ser feitas do mesmo material que algumas casas feitas no seu entorno. E já durante a exposição da proposta de pesquisa as/os psicólogas/os perguntaram se eu tinha visto as casas de prostituição na entrada, explicando em seguida que quando ocorre a mobilização, que é a vinda dos trabalhadores para a construção dos alojamentos e da estrutura da cidade temporária que é o canteiro de obras, são também construídas estas casas para a prostituição, pelos próprios trabalhadores. A prostituição costuma ir acompanhando a construção de barragens, bem como as mulheres ligadas a esta prestação de serviço. Algumas destas mulheres mantêm relações duradouras com alguns dos trabalhadores, segundo informações obtidas nas conversas informais no transcorrer desta pesquisa, e o que se evidencia no fato de elas ficarem com os documentos e cartões bancários dos trabalhadores - conforme eles relataram informalmente.

Desde a primeira ida a campo percebi que a prostituição foi organizada, afinal, ela precisa estar localizada fora da área de risco de acidentes ligados à construção civil e da moradia dos trabalhadores, havendo uma segregação das práticas eróticas. Ao mesmo tempo em que a prostituição está fora, ela também ocupa um lugar privilegiado geograficamente - no contorno e na porta de entrada do canteiro de obras da construção. E este bordeamento serve para legitimar as masculinidades/sexualidades destes trabalhadores, que, em algumas das suas falas, remetem ao enunciado que define que o coletivo de homens necessita de mulheres para o exercício da sexualidade, como já afirmamos.

A organização da prostituição nesta obra pode tomar a ilustração do filme *Pantaleão e as Visitadoras* de Lombardi (1999), baseado no livro de Mário Vargas Llosa, em que os militares tinham a prestação de serviços sexuais por prostitutas – as chamadas “visitadoras”. Esta prostituição era organizada para

dar conta das necessidades sexuais destes homens. Muito semelhante à obra em questão, onde foram abertas 23 casas de prostituição no município mais próximo, conforme notícias publicadas *online*. Estas casas prestaram serviços aos trabalhadores diretos/indiretos durante quatro anos. Principalmente, aos alojados internos do canteiro de obras, junto ao seu contorno.

Ao indagar sobre a construção das masculinidades destes trabalhadores alojados, a maioria deles mencionou as casas de prostituição: 13 dos 15 entrevistados deixaram atravessar em sua fala a relação da masculinidade e da prática da sexualidade com as casas de lazer e/ou de perdição, conforme seus relatos.

Além de serem chamadas de *casas de lazer* e/ou *perdição*, também recebem outras denominações como: *prostíbulo*, *cabaré*, *zona*, *bailinhos*, *chinaredo*, contudo existe uma denominação típica e bem específica que é a “*Foia*”. A palavra “*Foia*” foi falada informalmente em vários contextos em que eu circulava, como no refeitório, nas esperas no pátio pelas aulas e avaliações psicológicas dos/as trabalhadores/as. Nos primeiros momentos não entendi o significado desta palavra, como também não entendia e sigo não entendendo todas as palavras do “*engherez*”, que costuma ser a “língua” dominante na barragem, pela hierarquia da Engenharia e das suas funções, peças e procedimentos.

Mas, entender a palavra “foia” foi importante para o meu campo de pesquisa. Comecei achando que era a referência à folha de pagamento dos trabalhadores associada às formas de diversão. Outras vezes a associei ao prazer vinculado ao uso de bebidas alcoólicas e de outras substâncias, o que não deixa de ser “*Foia*” também.

Somente no quarto dia na obra, durante a realização do treinamento de integração com os trabalhadores, entendi o que era “*Foia*”. Foi quando um representante do departamento pessoal explicava como funcionava o pagamento mensal e o uso do código do crachá de trabalho para comprar na lanchonete da obra, usar a lavanderia, a *lanhouse* e as cabines telefônicas, bem como que estes valores seriam descontados no final de cada mês na folha

de pagamento, e, em seguida, acrescentou: *“Só não vão esquecer de pagar a ‘foia’, e lá não é com o crachá, é melhor ser em dinheiro do que deixar lá o cartão (Diário de campo).”* E nisso todos os trabalhadores riram e comentaram num grupinho - *“Se não paga a ‘foia’ têm uns caras, ou as mulheres, que vem atrás depois, se não tem pra ‘foia’, tem que deixar os documentos lá”*. Eles falavam que caso não tivessem dinheiro para freqüentar as casas de lazer e/ ou de perdição, o costume era deixar lá documentos importantes como a carteira de identidade, carteira de trabalho e/ou o cartão do banco.

O treinamento seguiu e a *“Foia”* foi mencionada por todos/as os/as responsáveis pelo treinamento naquele dia. Pude entender então que esta denominação era particular daquele lugar e assim o era porque a folha de pagamento, ou uma parcela significativa dela, estava comprometida com as casas de lazer e/ ou de perdição.

Quando a técnica ambiental se apresentou no treinamento de integração, relatou sua trajetória de ser seguidora de barragens – por “seguir barragem”, mesmo sendo mulher, e observou que devia ser respeitada ali dentro como colega de trabalho, dizendo ainda que era importante respeitar as mulheres de dentro e de fora da obra, como nas “Foias”, pois elas (as mulheres das Foias) também estavam ali para fazer o seu trabalho. Assim sendo, as “foias” também seguem barragens, ou seja, fazem parte desta construção e da própria (re – des) construção das performances masculinas.

Depois de falar dos acidentes de trabalho e dos riscos do local de trabalho, a enfermeira, em seu treinamento, novamente aborda a “Foia” e a prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis - DSTs, em especial da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – SIDA ou AIDS. Ela conta o caso dramático de um trabalhador casado que quando precisou voltar para onde residia sua família a procurou por não saber como lidar com a esposa, questionando sobre como ele iria contar que era portador da doença e se iria transmitir o vírus. Apesar do caso “verídico” exposto, a enfermeira já adiantou que no ambulatório da obra não havia preservativos para distribuir a todos devido ao grande número de trabalhadores, mas que eles deveriam buscar tais preservativos nos postos de saúde ou nas Unidades Básicas de Saúde –

UBSs. Na mesma hora um dos trabalhadores falou que o posto de saúde não estava fornecendo preservativos aos “barrageiros”. A enfermeira então direcionou o olhar para mim, como se esperasse uma resposta. Como se por ser pesquisadora e psicóloga eu precisasse ter respostas. Daí eu disse que a legislação do SUS era clara quanto à prestação universal dos serviços de saúde, e que eles tinham legitimidade para reivindicar este direito.

Tanto que no dia seguinte os/as profissionais de saúde do ambulatório da obra marcaram uma reunião com os profissionais de saúde locais dos 3 municípios que fazem divisa com a obra para abordar tal questão, convocando estes/as profissionais a pensar na renda gerada por estes/as trabalhadores/as, ou seja, no fato de eles pagarem impostos e na relação direta desta participação tributária com seus direitos quanto à utilização da saúde pública. Contudo, depois de cinco meses, quando retornei ao campo de pesquisa, esta situação parecia não ter mudado em relação ao estigma e à exclusão dos “barrageiros” no serviço público de saúde. Mas, pelo menos, agora eram vendidos preservativos na lanchonete/mercado da obra por pedido da diretoria.

Conforme constatamos, os entrevistados revelam a importância das práticas sexuais, em especial para os homens. As relações sexuais são vistas como sinônimo de saúde para o homem e também como prerrogativa de sua virilidade. Por isso, seus enunciados indicam a necessidade da existência de casas de prostituição ao redor da obra – reafirmando o discurso heteronormativo vigente dentro do dispositivo da sexualidade:

*“Eu assim, dá pra entender o que, que é complicado assim tudo homem ao redor. Eu sinto assim, que o pessoal fica até assim com **desvio de personalidade** pelo fato assim, tanto da animação visual, pelo fato assim – só homem, só homem. E pelo fato que tem um monte de **chinaredo** e **casa de prostituição**, mas é complicado assim, um pra lá, um pra cá desrespeitando o outro. [...] Pra mim foi uma experiência muito boa ficar no alojamento, gente que não vicio, e que **a mulherada hoje tá difícil, tá complicado essa vida**, mas o cara vai ali e não sabe se volta, que é perigoso ali.”* (Entrevistado 11). (Grifos meus).

Embora frequentadas em nome da saúde física e mental destes trabalhadores, as casas de lazer podem se tornar casas de perdição, devido aos riscos que podem envolver tais práticas. Do que se deriva o estigma da relação que se faz entre prostituição e DSTs, conforme indicam as falas dos entrevistados a seguir:

*“E1- É, **sempre têm uns que convidam pra ir no caminho da perdição**, é, né? Mas se a pessoa tá com a cabeça bem no lugar...*

P – Que é o caminho da perdição?

E1 – Ui, ai, (Ri) No caso eu fui.

P – E como é?

E1 – No caso que tipo?

P – No caso que tu foi?

E1 – Eu não preciso nem falá, né, como é. O cara que vai tê prejuízo.

P – Que tipo de prejuízo?

*E1 – **De pegá alguma coisa, doença, um risco por azar.**” (Entrevistado 1).*

*“**Doença sexualmente transmissível e até briga. Rola tudo isso aí. (...)** Não, nos vários lugares, na cidade, **o negócio é fazer com bastante segurança**, é isso aí, né?” (Entrevistado 12). (Grifos meus).*

Como pode ser visto nesta entrevista e na seguinte, quando interrogado sobre como é a sexualidade nos alojamentos, tal sexualidade passa pela prostituição, por riscos, mas parece ser também o que garante e mantém estes homens.

*“Que o que eu vou te dizer. **É bastante preocupante isso aí. Por que as pessoas têm que sair fora, buscar outras, outros lazeres, acho eu, né? [...]** Eu acho que é complicado.[...] Como pra mim eu realmente não tenho*

dificuldades de morá no alojamento, pra eles tudo bem. [...]eu vou na área de lazer, eu me divirto, vou no baile, jogo futebol. [...] Olha ali, tem que te consciência e saber o que tá fazendo pra não causar aflito, né? Consciência que eu digo é respeitar o colega, respeitar os outros, em primeiro lugar é este. E ainda você tá em perigo, risco de ser atingido: uma coisa ou outra, vamos ver, se acontece uma bronca, um negócio, um tiroteio assim. [...] De doenças venéricas, tudo tem este preconceito, né? Cada pessoa tem que saber como se relacionam. E se não tivesse ali na frente seria pior, se não fica anormal, a pressão, fica a pessoa oprimida. Tem bastante mulher na obra, mas a vida de alojamento é tudo separado, mas pra mim não atrai nada, por que todo mundo precisa trabalhá. A dificuldade que tem de convivência e de sobrevivência, quem quer trabalhá se esforça pra manter o emprego. Eu respeito e eles me respeitam também.” (Entrevistado 5). (Grifos meus).

Parece que sem a prostituição a condição destes homens alojados não poderia ser a mesma. Estas casas de lazer, que dão conta de sustentar este lugar do macho de uma cidade de homens, são perpassadas por redes enunciativas que atravessam as falas dos trabalhadores como motivos para que eles não frequentem estes lugares, ou os frequentem com precauções. O que é passado pelo enunciado de que ali estariam mais predispostos ao risco de contrair uma DST, ou de que poderiam entrar em conflito com seus colegas de trabalho, se envolvendo em brigas motivadas pela relação com as mulheres, o que afetaria sua relação no trabalho. Assim, aqui temos atravessados os discursos da saúde e da ética do trabalho, da importância de se manter no trabalho e, por isso mesmo, da necessidade de se dar bem com os colegas e de evitar brigas. Pois quando acontecem brigas que chegam à agressão física, a empresa construtora costuma tomar como providência a dispensa dos envolvidos, independentemente de ocorrerem no alojamento, na área de lazer ou no campo de trabalho. Como forma de evitar a propagação das brigas. Mesmo correndo risco, freqüentar as áreas de lazer e/ou de perdição aparece como alternativas de (homo) sociabilidade, de acordo com Tedesco (2008), além do exercício da sexualidade destes trabalhadores. Então apesar dos riscos vale a pena frequentar estes lugares:

*“Ai tem várias boate aqui perto, **não é muito amistoso, é perigoso, mas a gente se obriga a ir lá às vezes por que não agüento ficá tempo sem mulher mesmo, e assim vai.**” (Entrevistado 13). (Grifos meus).*

“Briga, o pessoal ali teve gente que já voltô machucado. Eu mesmo não vou. Vou na cidade, faço as minhas voltas e volto para o alojamento.” (Entrevistado 12).

Além destes enunciados, pode-se destacar as falas associadas à ética do trabalho como ética do provedor, ou seja, a de não gastar com este tipo de lazer, dado que alguns destes trabalhadores estão ali para prover a família e/ou guardar algum dinheiro para fazer frente às dificuldades de se manter em um emprego estável. Conforme relatam estes trabalhadores:

*“Não é fácil viu. Chega domingo à noite, sábado à noite só vê homem, não vê mulher. E tem uns que gosta, sai pra **aqueles ambientes**, e tem que chega lá e deixar o dinheiro todinho. A coisa não é fácil não.” (Entrevistado 2). (Grifos meus).*

“Se você quisé fica com uma mulher você tem que ir num destes lugares aí e pagá caro, você já vem por que você tem um objetivo, daí você passa o tempo todo aqui e nunca vai pra casa. Não é um lugar pra você tê uma mulher, conversá com ela, saí com ela, é diferente. Aqui só funciona se tivé dinheiro, se não tivé dinheiro não funciona.” (Entrevistado 15).

“Os que querem ser machos demais, que vai que dominá todas as mulherada que têm na obra, que namora as que trabalham aqui, que abusa do cara que não qué fazê. E dizem: ‘É você tem dó de gastá, ou você não é homem.’ Sempre tem a discussão que a gente trabalha.” (Entrevistado 6).

Esta última fala abre vários precedentes sobre que os homens que seriam os mais machos dentro da obra gastariam com a prostituição. Fator que legitimaria os *mais machos* em relação aos *menos machos* que não gastam com a prostituição e ficam com menor número de mulheres. Esta tensão do lugar da ética do trabalho, do homem provedor – pai de família e com esposa,

também ocupa um ponto importante nesta prova de virilidade, conforme já discorreremos.

Além disso, o discurso religioso também é usado como justificativa para alguns trabalhadores não frequentarem as casas de prostituição. Bem como a questão da fidelidade conjugal e a relação que estabelecem de que algumas práticas sexuais poderiam estar associadas ao pecado ou à pura influência de (más) companhias que pudessem os desviar de seus objetivos, inclusive da religião, no caso dos entrevistados que se apresentaram como evangélicos.

*“Tem uns que gostam de **puteiro** e usa drogas e bebida alcoólica, e **a gente não é nada disso. Tem que ver quem são os amigos.**” (Entrevistado 3).*

*“[...] porque tenho um relacionamento bom com a minha esposa, respeito ela e também acredito nela, e outra também por que **Deus não quer isto do homem, de se prostituí pra fora. Afinal, de contas, a gente é casado e tem uma esposa, pra que se prostituir? Então isto é outro lado que eu vejo que não é certo. Não faço isto. Então é isso, pra eles que acham que é certo que façam, se acham que devem fazer. Mas, a Bíblia diz que tudo é possível a gente fazer, que tudo é permitido, mas tudo que a gente faz, faz bem pra nós.**” (Entrevistado 7). (Grifos meus).*

Nesta fala a visão de quem se prostitui é diferente das outras situações, no caso o próprio homem estaria se prostituindo ao se relacionar com os/as profissionais do sexo. E a prova do quanto ele é homem se daria por uma racionalidade dentro das normas estabelecidas pela religião, no caso pela Bíblia, sobre a monogamia e a heterossexualidade como fundamentos relacionados ao bem. Então, este homem se opõe a alguns modelos evidenciados neste canteiro de obras, porque ele não quer dar conta unicamente das suas necessidades carnis para mostrar o quanto é forte/viril. Ele pode buscar a reafirmação de sua masculinidade dentro de outros aspectos, que são a manutenção das instituições do casamento e da família. Ele se coloca em oposição à maioria dos homens que primeiro buscariam a satisfação sexual apesar do preço e dos riscos.

Um aspecto importante dos estudos sobre prostituição é a não preocupação do sexo masculino quanto às responsabilidades com relação à saúde sexual e reprodutiva (ANJOS, 2005). Há, além disso, segundo o mesmo autor, a biologização de uma moral sexual, que coloca a prostituição num lugar de vulnerabilidade às DSTs, às drogas e ao risco de exclusão social sob efeitos do estigma a ela associado.

Apesar dos estigmas colados neste lugar de prostituição, que são as DSTs, as discussões entre os homens exaltam pontos para freqüentar e para não freqüentar a prostituição. Os elementos básicos que justificariam a existência das “foias” seriam: os homens não viveriam sem sexo, e este sexo implicaria o relacionamento com mulheres para confirmar o papel ativo; o exercício da sexualidade garantiria um bem estar a estes homens e seria uma das formas de lazer para dar conta/aliviar-se do trabalho duro.

Em contrapartida, a busca pela prostituição não se mostra viável, visto que alguns trabalhadores dizem que a mesma implica um investimento financeiro que comprometeria o papel de provedor, bem como a possibilidade de voltar com algum dinheiro para suas regiões de origem; além de não corresponder ao que se espera da “fidelidade” monogâmica do casamento, e poder ainda colocar em risco a saúde física e os relacionamentos entre os trabalhadores. Todavia, é retroalimentado o *status* dos mais machos e dos menos machos, quando os mais machos conseguem subestimar os outros homens através da conquista e da manutenção de um maior número de mulheres, inclusive nas casas de prostituição.

3.3) “Fichar” e “seguir barragem” – “Trabalho pesado.”

“Eu, todo o tempo que eu trabalho em obra eu não estranho.”

(Entrevistado 11).

“Três barragens já.”

(Entrevistado 14).

O trabalho constitui uma das formas de subjetivação, ele exerce uma centralidade na vida e na identidade dos sujeitos (NARDI, 2006; SPINK, 2009). A questão “Como é trabalhar aqui?” abriu a pauta das entrevistas para pensar as performances masculinas. Tanto as entrevistas quanto as observações de campo - em especial no acompanhamento do processo de avaliações de entradas dos/as trabalhadores/as e na participação do treinamento de integração - possibilitaram o entendimento de duas expressões que caracterizam este trabalho da construção de usinas hidrelétricas. Primeiro, a importância de “*ficha*”, ou seja, ser contratado pela construtora, nem que por um período curto ou de forma terceirizada. O que vale é ter um emprego e as garantias dele advindas, que vão desde o salário e o sistema de previdência até a moradia e a alimentação no refeitório da obra. Segundo, “*seguir barragem*” significa manter este emprego indo da construção de uma obra para outra, o que representa uma estabilidade para estes/as trabalhadores/as face à instabilidade da sua itinerância de trabalho. A maioria deles/as contabiliza o número (de anos) de trabalho nas obras, e quanto maior o tempo em que permanecem na construtora, maior costuma ser a credibilidade no trabalho e a possibilidade de crescimento hierárquico no desempenho de funções, como por exemplo, passar de peão a encarregado.

Foram entrevistados homens de diferentes postos de trabalho e cargos, os quais contaram como começaram a “*seguir as barragens*”, como foram aprendendo o trabalho e acompanhando as obras, e sua trajetória em relação a estas, exemplificada pela passagem (promoção) de ajudante a pintor ou pedreiro, como nos casos dos Entrevistados 12 e 15, respectivamente. A maioria deles relata que a oportunidade de trabalho num canteiro de obras possibilita o convívio com pessoas de diferentes lugares e de diferentes costumes, o que pode agregar no desempenho das atividades laborais e/ou exigir uma série de adaptações que implicam em manter a calma para lidar com as diferenças, conforme denotam falas como esta:

“É uma experiência boa que a gente aprende, quando a gente chega aqui a gente aprende, mas tem que ter muita tranquilidade, se lida com gente que você não conhece, lida com gente de todo o tipo, de todos os lugares, de todas as nações.”³² (Entrevistado 15).

Trabalhar na barragem não significa somente garantir o sustento, mas também ser reconhecido enquanto homem viril por ocupar um lugar de importância neste tipo de construção. Principalmente, por suportar as adversidades impostas, como os deslocamentos geográficos, a distância da família e o trabalho pesado. O que torna o trabalho pesado não é só a força braçal ou o risco que ele preconiza, mas as relações que se estabelecem dentro e fora da composição das formas como se agenciam este trabalho. Em que *“[...] precisa ser sensato para enfrentar os obstáculos.” (Entrevistado 5).* Ou seja, dar conta das dificuldades deste tipo e deste lugar de trabalho, como a distância da família. É o caso do Entrevistado 11, que apesar de morar na região sul, mais próximo, portanto de sua região de origem do que outros trabalhadores, também sofre os efeitos deste deslocamento relativo às demandas das atividades laborais.

“A única coisa que é pesado é a falta da família, passa os trinta dias a expectativa vai crescendo, tem horas que a gente chega em casa e a gente não sabe onde parou. Daí às vezes a gente tá trabalhando chega o encarregado e fala que não vai ter nada este fim de semana que quem quiser viajar que vá, então sai na corrida.” (Entrevistado 11).

Algumas renúncias fazem parte da escolha dos/as seguidores/as de barragens, como precisar ficar longe da família e da sua região de origem, o que tonifica a dimensão da grandeza da obra. A barragem é, portanto, a obra “viva” da expressão do trabalho destes homens, onde um aglomerado deles se reúne e se organiza para dar conta de uma construção, o que implica toda uma produção de sujeitos, a construção da história destes trabalhadores. Como já mencionei, um dos trabalhadores refere ocupar este lugar pela sua

³² Quando o entrevistado fala nações aqui, ele quer dizer os estados do Brasil que tomam esta dimensão o que explicarei melhor adiante.

grandiosidade, por se sentir fazendo parte da construção de uma “obra faraônica”, conforme expresso a seguir:

“Trabalhá aqui é uma coisa nova, sempre trabalhei assim na coisa elétrica, mas aqui é diferente, em condições diferentes, né? É pra mim tipo assim, uma coisa assim, eu sempre pensei em barragem como uma obra faraônica, uma coisa grande assim, então eu sempre quis trabalhá aí, então eu entrei aí. Foi uma coisa diferente, pouco conhecimento assim, mas mais uma aventura assim pra dizer assim.” (Entrevistado 9). (Grifos meus).

Esta fala perpassa por outras histórias contadas por trabalhadores/as, os/as quais trazem a construção de outras obras nos seus currículos. Relatar as obras que cada um/a deles/as já trabalhou faz parte das suas apresentações pessoais. A experiência de trabalho também consta da constituição desta identidade de “seguir barragens”.

Começar a “seguir barragens”, como o caso de alguns entrevistados que estão na sua primeira obra, condiz com uma posição desconfortável, o iniciante às vezes é referido como “cabaço” na obra. Cabaço é a expressão pela qual estes trabalhadores chamam os novatos ou sem muita experiência, o que designaria sua inferioridade, pois cabaço seria coisa de mulher e, portanto, uma posição abaixo da dos homens. Os cabaços estariam ainda aprendendo as estratégias do trabalho nas construções de barragens e também os modelos de virilidade. Como se a virilidade estivesse ligada a um pressuposto daquilo que integra a função do trabalho, e não a um produto cultural do que se espera dos homens dentro da lógica da ética do trabalho e do provedor que vem associada às atribuições masculinas (JARDIM, 2001; NARDI, 2006).

Estar neste trabalho pode-se constituir em uma possibilidade de garantir atributos viris, como o de juntar algum dinheiro para não se fixar nesta atividade para toda a vida, uma vez que os trabalhadores alojados pagam, como eles dizem, um *valor simbólico*³³ pelo alojamento e pela alimentação. Tal

³³ Este valor simbólico corresponde ao desconto em folha de 12 reais mensais para os horistas pelo alojamento e mais ou menos o mesmo preço pelas refeições. O valor cobrado aos mensalistas e aos supervisores costuma ser o dobro, tanto para a moradia quanto para as refeições.

como o caso do Entrevistado 4, que é vigia na obra e já esteve no mercado informal como vendedor de mercadorias do Paraguai. Ele quer guardar dinheiro para abrir um negócio próprio, para não ficar se submetendo às ordens de um encarregado ou supervisor. Afinal de contas, os lugares de chefia oriundos de um esforço maior caracterizam atributos valorativos da masculinidade e de poder subordinar outros homens. Como podemos observar na fala:

*“Olha, se eu for acompanhá o meu padrão eu vou longe. Mas eu vim aqui pra levantar um capital e investir numa coisa que eu tô pretendendo investir. Eu quero me tornar patrão, porque esta coisa de não ser patrão às vezes tem que engolir muito sapo. E sapo não dá pra ficar engolindo muito não que faz mal, dá indigestão. Eu nunca vi patrão engolir sapo, de um jeito ou de outro se ele não gostar do peão ele dispensa o cara. **E o empregado não, ele tem que engolir o sapo do patrão, senão... Senão ele é peça do excluído. O meu negócio é voltar a ser patrão!**” (Entrevistado 4.) (Grifos meus).*

Nesta fala há uma ilusão do ser patrão, como se quem ocupasse cargos de chefia – no caso os encarregados e os supervisores da barragem – não tivesse que seguir ordens ou cumprir os prazos que o consórcio da obra passa para a responsabilidade da construtora.

A dependência da empresa, entretanto, pode dar uma sensação de segurança em trajetórias instáveis. Por esta razão, os trabalhadores se deslocam, geralmente do Nordeste, onde existem menores oportunidades de emprego (dos estados do Piauí e do Maranhão em especial, neste canteiro de obras) para os estados do Sul, ou para onde a construção civil e a engenharia de usinas hidrelétricas estiverem precisando de mão de obra. Conforme enunciam estas falas de dois trabalhadores maranhenses:

*“É isso. Por que assim, São Luís tem o lado bom e o lado ruim, o lado bom é de folia, de lazer, de praia, **mas na hora do serviço você fica lá.** (Entrevistado 15)”.*

*“Muitas vezes a gente não tem oportunidade. Mas excelente, a gente se desenvolve naquela função ali, dependendo da oportunidade que dão pra gente. Mas quando a gente tem oportunidade a gente tenta desenvolvê. **Caso a gente queira se desenvolver numa frente de serviço em qualquer lugar,***

em qualquer lugar que a gente chega a gente tem que trabalhá.”
(Entrevistado 7). (Grifos meus).

Nestes relatos é possível tomar a construção de redes enunciativas que dignificam a importância do trabalho, a ética do trabalho. As possibilidades de emprego dependem da avaliação e liberação do projeto de cada obra, como o caso das usinas hidrelétricas. Então, estes homens vão seguindo o itinerário das barragens, conforme uma série de interesses que vão contornando as suas vidas, o que relaciona o valor do trabalho ao prover, o aguentar/suportar o trabalho pesado e perigoso.

Assim, por exemplo, quando pergunto ao Entrevistado 5 sobre o trabalho neste lugar, ele traz uma fala de que seria ruim não poder executar uma atividade laboral: *“Bah, menina... Fica doente, fica parado, não trabalhá.”* Isto anuncia a valorização que a sociedade impõe e que precisa ser dada à relação de emprego para tentar a manutenção deste lugar, até mesmo para o homem não ocupar este lugar de doente e sim se mostrar sempre forte e disposto, como apontaram Lyra e Medrado (2009).

Manter este tipo de trabalho implica também o enfretamento de alguns aspectos do trabalho duro, como o risco associado à construção de usinas hidrelétricas e a importância das condições de segurança que são referenciadas o tempo inteiro dentro da obra, por cartazes, placas, roupas, equipamentos³⁴, falas. Afinal, a execução do trabalho na construção civil associa-se ao modelo de virilidade como estratégia de defesa diante das precariedades e riscos desta modalidade de trabalho, conforme apontaram os estudos de Welzer-Lang (2001) e Dejours (1992; 2007). Tal como apresentam as seguintes falas:

*“O trabalho em barragem é um pouco pesado, **pesado, têm uns setores que é mais né, nem tão pesado, tem acidente, é perigoso em todo o lugar, mas daí a gente trabalha com segurança, daí os perigos são menores, né?”***
(Entrevistado 8).

³⁴ Equipamentos de Segurança Individuais – EPI’s e Equipamentos de Segurança Coletivos – EPC’s.

“[...] Se barragem tem risco, prédio também tem. Hoje a gente vai ver que o risco tem em todo o lugar, onde a gente vai, onde a gente passa tem isso. O que eu vejo é isso aí.” (Entrevistado 7).

*“Tem a experiência de vida que a gente pensa que é diferente e quando chega aqui se depara, acha que é muito diferente, mas não é. **Tem gente que acha que é perigoso trabalhá na obra, eu tô aqui e nunca me acidentei, já me acidentei na rua. É perigoso aqui, mas hoje na rua é um pouco mais perigoso.**” (Entrevistado 11). (Grifos meus).*

Faz-se necessário desenvolver tolerância às condições adversas contidas no trabalho, como as atividades que implicam risco, caso do trabalho em altura ou em explosões, por exemplo. Durante o treinamento de segurança que acompanhei, ouvi designarem o lugar da obra como *“trash”*³⁵, por que na classificação de risco associado às atividades laborais este lugar toma uma classificação que fica no topo³⁶. Esta tolerância às adversidades, Dejours (2007) abordou como sendo uma estratégia de defesa coletiva, a qual ajudaria a manter a saúde mental do trabalhador, o que o faria levantar todos os dias e cumprir as suas atividades.

O fato de o risco ser uma questão iminente no trabalho de todos que estão em barragens culmina na produção de estratégias coletivas de enfrentamento (DEJOURS, 2007), o que vai desde a negação do risco até o desenvolvimento cooperativo entre os trabalhadores. E a virilidade se encontra associada a esta negação do medo. Desta maneira, um homem de verdade não deveria se imobilizar diante do risco que corre, mas encarar o risco como uma possibilidade de ascensão diante dos outros homens, de garantir determinados lugares de trabalho, em especial, para exercer a função de chefia no futuro. Os trabalhadores precisam demonstrar esforços, desafiar seus medos, para sair da categoria de *“cabaços”*, ou seja, inexperientes.

³⁵ *“Trash”* significa perigoso, estranho, medonho.

³⁶ Na classificação de agentes etiológicos de doenças como base no risco apresentado, uma obra como a barragem ocupa a classe de risco 4, conforme aprendi no treinamento de segurança do trabalho que participei durante esta pesquisa.

Além disso, o trabalho é justificado pelo sustento da família. Estar longe da família pode resultar na intensificação das horas de trabalho para acumular mais dinheiro e também folgas para visitá-la. A esta dificuldade soma-se o morar somente com homens, dividir os quartos com pessoas até mesmo desconhecidas, deixando do lado de fora as práticas eróticas. Estas prescrições implícitas referidas pelos trabalhadores barrageiros, de que é preciso trabalhar folgando o mínimo possível, e assim valorizar o lugar de trabalhador e assalariado que eles ocupam, aparecem no posicionamento deste trabalhador que foi entrevistado:

*“[...] Que nem ontem eu falei com a minha esposa³⁷, eu falei, se acostuma a gente não se acostuma, a gente tá tentando se adaptar, a gente fica muitas vezes obrigado. **A gente necessita de trabalhá, a gente necessita deste pouco salário. Uns diz que é pouco, mas pra mim é suficiente. Então eu sou obrigado a me adaptá, a vivê nos alojamentos, dividindo o mesmo quarto, é normal, né?**” (Entrevistado 7). (Grifos meus).*

Trabalha-se também durante os feriados e finais de semana, quando não há férias coletivas na obra, as quais costumam ser na época do Natal. Conforme o Entrevistado 2:

“Tem final de semana que a gente trabalha no sábado e domingo daí é bom. Sábado e domingo no alojamento não passa. Quem vem de longe pra trabalhar sábado e domingo não interessa ficar folgando muito não.” (Entrevistado 2).

Alguns trabalhadores dizem que é melhor trabalhar durante a maior parte do tempo, o que lhes garante não ser influenciados por (más) companhias que os levem a frequentar as casas de prostituição e/ou os bares, conduzindo-os à vagabundagem e ao vício, o que pode implicar gastos financeiros não viáveis. Por outro lado, podemos pensar que sem o trabalho não é possível desfrutar de algumas práticas consideradas de lazer, ou perdição, para uma parte dos trabalhadores, conforme já abordamos, em especial no caso das casas de prostituição e dos bares.

³⁷ Falou com a esposa pelo telefone.

O recebimento do salário, como já explicamos, baliza a movimentação dentro e fora do canteiro de obras. Receber o pagamento pelo trabalho apresenta-se como uma forma de reconhecimento entre os homens desta obra, onde não é suficiente só o elogio vindo dos outros trabalhadores ou dos responsáveis pela chefia, como relata o encarregado que entrevistei:

*“Aqui é excelente, a obra é muito boa, poderia ser melhor. Faltam prêmios e incentivos, quando você é premiado você qué mais. **Incentivo é dinheiro, não adianta bater nas costas e dizer que é um bom trabalhador.**”* (Entrevistado 10). (Grifos meus).

Este reconhecimento passa ainda pelas provas de enfrentamento dos deslocamentos, do risco do trabalho e de virilidade, do precisar prover. A cada recebimento do salário instala-se um clima de festa que costuma durar uma semana, segundo relatos informais. Isso se dá como uma forma de comemoração por terem conseguido passar o mês trabalhando, faltando o mínimo possível, e por poderem desfrutar de uma possibilidade que a maioria deles, principalmente os trabalhadores mais novos, ainda não tinham - dependiam dos seus provedores, então uma marca de ser homem é poder se sustentar.

Como viemos discorrendo, existe toda uma valorização da virilidade nas atribuições contidas nas atividades laborais deste canteiro de obras. Contudo, a construção desta obra conta com uma parcela significativa de mulheres em comparação com a década anterior, em que a circulação de mulheres era restrita, mesmo elas representando 10% do número total de trabalhadores/as. Houve um aumento do trabalho feminino que representa 40% do trabalho na América Latina, em diferentes postos de trabalho que mesclam o trabalho formal com o informal (ANTUNES, 2006). Esta recente inserção das mulheres no ramo da construção civil e até mesmo no ir “*seguindo barragens*” ainda guarda resquícios de quando cabiam às mulheres somente as atividades privadas e/ou domésticas. Por isso ainda aparecem falas como esta, em especial vindas dos trabalhadores mais velhos:

*“**Tem bastante mulher na obra, mas a vida de alojamento é tudo separado, mas pra mim não atrai nada, por que todo mundo precisa trabalhá. A dificuldade que tem de convivência e de sobrevivência, quem quer***

trabalhá se esforça pra manter o emprego. Eu respeito e eles me respeitam também.” (Entrevistado 5). (Grifos meus).

3.4) Vida de alojado – trabalhar e morar no mesmo lugar

“[...] Tem alojamentos que têm muitas pessoas, eu vi casos que teve pessoas que chego aqui até chorô quando viu o padrão de vida daqui, até chorô, o pessoal lá da minha terra, que tu tem a família e não tem nem comida pra come. O alojamento aqui é muito bom, cada quarto aqui, até o alojamento dos peão tem dois banheiro em cada quarto, suíte dentro dos quartos, cama boa, colchão bom, o piso é muito bom. Tem lugares que é muito pior, eu já trabalhei em empresas que tem que dormi no chão, colchãozinho fininho, comida mau feita por pessoa que não tinha condições nenhuma de fazer comida. Você vai aqui, você vê o refeitório que é maravilhoso. Assim os alojamentos aqui é maravilhoso, só falta ar condicionado nos quartos.” (Entrevistado 10). (Grifos meus).

Tomo esta fala para abordar os alojamentos, porque, enquanto pesquisadora, os relatos sobre a infra-estrutura, a limpeza e a organização dos alojamentos impactaram-me no que diz respeito à questão de como tantos homens conseguem se articular naquele espaço que se situa entre o trabalho e a moradia. Como viemos discorrendo na construção desta pesquisa, a maioria destes trabalhadores interpelados como barrageiros são do Nordeste, e vêm seguindo estas obras em busca de oportunidades de emprego e condições de vida possíveis. Os alojamentos, tanto internos quanto externos, nos quais se instalam são elementos centrais para a vinda destes homens, e estes lugares configuram a construção de sujeitos.

Como a questão de pesquisa trata de como se constroem as performances masculinas neste lugar, acabei entrevistando somente os

homens alojados internos deste canteiro de obras, mesmo que alguns deles já tivessem residido em vilas ou alojamentos externos. Uma das vantagens do alojamento interno estariam em *“morar perto do serviço”*, conforme evidenciaram os Entrevistados 1, 2, 4, 5, 11 e 13. Outros já acham que este lugar não seria apropriado por ter muito barulho, como o Entrevistado 8 expôs:

“Pelo fato de o alojamento ser aqui e o trabalho aqui, eu acho que o alojamento tinha que ser mais afastado da obra, porque aqui é cheio de máquina passando na frente, caminhão, buzina.” (Entrevistado 8).

Ainda há outros que não vêem diferença nenhuma entre a vida de alojado interno e externo:

“Não sei explica isto daí, é como eu tô tô falando, pra mim é normal, eu levo a minha vida normal, né? Por que se eu tivesse lá na cidade como eu tô aqui não se modificaria. Pra mim não tem nem um modo de se modificá, né?” (Entrevistado 7).

Os relatos que emergiram configuraram o alojamento interno como um espaço para a homossociabilidade e para a possibilidade de desenvolvimento de amizade entre estes homens, conforme o Entrevistado 4, não obstante exista uma série de diferenças entre eles que precisam ser relevadas para tornar as relações possíveis, como tratou o Entrevistado 5:

“Já fui alojado interno e externo.[...] Assim, se você é alojado externo você tem mais liberdade de fazer um churrasco assim, tomá uma bebida, mas eu também não bebo. [...] Fica menos longe que morar na cidade, não precisa acordar uma, duas horas mais cedo para vir trabalhar, a vantagem é que não perde tempo com deslocamento. Essa é a vantagem. Já morei na cidade que tem alojamento externo. No alojamento interno, digamos assim, você tem mais amizades. Por que no externo dependendo a hora que tu trabalha, o teu vizinho trabalha numa outra coisa, num outro horário, quase sempre tu não vê eles – tu tá isolado e não tá isolado. E no interno se tu não acha alguém, tu acha outro, sempre tem alguma pessoa ou outra pra ti conversá – a possibilidade de encontros de pessoas é maior. Um pouco mais, tu acaba arrumando mais coisas pra passar teu tempo.” (Entrevistado 4).

“A moral de tudo depende da pessoa, de como ela é criada e tudo. Sê compreensivo como é pra ser, entender as coisas, como é pra ser. Muitas vezes a gente tem que saber levar, pra se manter com o colega, ver como é, né? Pra ter uma amizade mais ampla, eu trabalho nas obras aí há mais tempo, né? Vivê em alojamento, não tenho nenhum preconceito, e me dou bem sempre com tudo eles. É super legal também.” (Entrevistado 5).

Para alguns deles, viver nos alojamentos entre homens mostra-se amistoso, em contrapartida, é um ambiente árido para outros. Especialmente para aqueles que não correspondem a um modelo do masculino que consegue inserir-se nos “grupinhos” (como eles dizem) que se formam. Os grupos vão sendo organizados primeiramente de acordo com a regionalização, além de haver uma hierarquia central naqueles que tem mais tempo de obra. Então, cabe aos novatos, além deste esforço de inclusão, irem seguindo também as regras da empresa, que são, basicamente, evitar barulho, não usar bebidas alcoólicas e substâncias psicoativas nos alojamentos, e manter o ambiente limpo, consoante demonstram as seguintes falas:

“É. Tem as regras ai, né? Não pode fazer barulho, não pode ligar um som, tem o pessoal que trabalha de noite, tem o pessoal que trabalha inteiro dia, né? Eu trabalho inteiro dia, né? Aqui de meio dia e de tardezinha pode ligar um sonzinho assim, mas das 7 horas às 11 horas da manhã, tem que manter silêncio. Respeito, o silêncio, né? O dia que tu trabalha no sábado à noite, dorme domingo. Eu tolero até sábado, domingo eu não tolero, toma banho vai pra rua se não qué barulho.” (Entrevistado 12).

“Tem gente que não cumpre, mas não é difícil, não pode ter bebida de álcool, o som muito auto. Tem que descansá tanto um quanto o outro, se você quisé pode ter um radinho baixinho e tal. Seis horas ligo o radinho, uns pedem pra deixar um pouco mais alto que eles querem escutar. Tem DVD. Nós quando chegô aqui, a gente fez o companheirismo de compra, um troquinho cada um, daí tem pra todo mundo assistí. Tem uma companhia para assistir o jogo, futebol.” (Entrevistado 11).

Além destas regras e da forma como as normas próprias de cada quarto são combinadas, é preciso seguir as prescrições dos mais velhos. Então, quem

chega depois precisa se adaptar às combinações anteriores de cada quarto. Como apresentam estas falas:

“Eu sou acostumado, não tem mais problema não. A problema é assim, nós estamos em seis cada quarto, e hoje um sai entra outro, um que a gente não conhece, e até adaptá com ele, ele se adapta, doméstica ele, né? (ri)” (Entrevistado 2). (Grifos meus).

*“No alojamento tudo bem, mora em seis num quarto e tudo bem. Todo mundo aí, né? **É que eu sou um dos primeiros nesta obra aqui, né, daí tudo mundo vai seguindo, né?**”* (Entrevistado 13). (Grifos meus).

“O último que entra, entra na regra. Obedece a regra que já tá, que já tá funcionando, que já tá seguindo.” (Entrevistado 4). (Grifos meus).

Assim, estes trabalhadores vão seguindo as barragens, vão-se instalando nos alojamentos, e os mais antigos vão passando para os outros o que já aprenderam um dia, seja no que diz respeito à organização de um quarto, seja sobre como encarar as atividades de trabalho, como viver nos alojamentos, como poder se constituir homem neste lugar. Mas é difícil estabelecer um mesmo ritmo ou padrão para todos, mesmo que os diferentes modos de controle como as normalizações e as instituições busquem este objetivo. Como anuncia a próxima fala:

*“[...] no início eles queriam que fosse todos de um ritmo só, só que eles não conseguem fazer isto, sabe por causa do quê? Do ser humano! Enquanto que eu e meus colegas se damos bem, no nosso quarto a gente é uma família, tem outros quarto que eles não se dão bem, é difícil. Tem dificuldades, muitas vezes a gente vê, se eles mudam de quarto porque não se deu bem com os outros. Então é o que digo, o relacionamento de quarto quem vai fazer somos nós, nós é vai se comunicá, conversá, **quem vamos fazer dali uma família, vai dar para chamar assim ou não**, desde a limpeza até a nossa convivência, tudo. Quem ali vai, quem tá naquele quarto vai administrar aquilo ali do jeito que ele acha que é possível.”* (Entrevistado 7). (Grifos meus).

Aqui aparece esta relação de solidariedade que se constrói dentro dos alojamentos. Alguns até dizem que ali é a sua primeira ou segunda família.

Contudo, existem homens que não conseguem estabelecer este tipo de relação. Percebo que se reproduzem ainda funcionamentos patriarcais, de que um é considerado superior ao outro, dentro das categorias que classificam os “*mais machos*” e “*menos machos*”. Existem todas “*as brincadeiras*” e formas pejorativas pelas quais os homens tratam os outros para se fortalecer nos grupos e “ensinar” os outros a serem homens como eles. Como evidenciam as seguintes falas:

“Agora sim é difícil viver em alojamento por que só assim homem com homem, homem, passá este tempo que eu tô passando em alojamento é difícil.” (Entrevistado 7).

“Um pouco ruim, vê só homem também. É, é um pouco ruim também, vê cara todo dia, só homem aí, falam abobrinha também, né?” (Entrevistado 1).

*“Convive só no meio de homarada, que nem aqui a gente vive com o banheiro no quarto. A gente convive com cada tipo de pessoa que certa hora dá até medo, como eu convivi aqui com pessoas que não se davam comigo, por sorte saíram. E agora nós que tem a conversa é boa, mas vai entrando gente nova. **Em outros lugares também teve até pessoa que quis brigá com a gente, que chegô até a fazer xixi na porta pra brigar com a gente, atropelô a gente naquele local aí, a gente teve que até sair daí pra não dar confusão.**”* (Entrevistado 6). (Grifos meus).

Urinar na porta dos quartos dos outros se constitui numa forma de ofensa, mas também numa maneira semelhante à que os cachorros usam para demarcar seu território diante das fêmeas e dos outros machos. Por isto, neste lugar se reproduz o funcionamento da casa dos homens, de acordo com os estudos de Welzer-Lang (2001, 2004), em que, através da violência e dentro da homosociabilidade, se aprende a ser homem, diferenciando-se das mulheres e dominando os mais “fracos”, os menos homens.

Os alojamentos são coordenados por uma mulher, segundo me contaram os entrevistados. Ela me acompanhou na circulação para conhecer os quartos e os espaços que compõem esta cidade, conforme já descrito em relação à cidade temporária de homens. Enquanto pesquisadora, inicialmente não esperava que uma mulher estivesse no comando de mais de 2.000

homens, junto a uma equipe de fiscalização dos alojamentos, sendo que a mesma também vem de outra obra da construtora, ou seja, segue barragens há oito anos. Além disso, ela também é responsável por resolver os conflitos entre os alojados. Como aparece neste relato:

*“Não é fácil seguir, tem a lei esta do silêncio, é difícil a convivência. Tem uns colegas meio duro, que não limpa, a gente conversa, às vez dá certo e às vezes não. Até que se precisa tirá aquela pessoa do quarto daí manda tirá. **É a Mariana³⁸, ela que manda nos alojamento.**” (Entrevistado 12). (Grifos meus).*

É complexo o fato de uma mulher ocupar este lugar, e embora isso seja possível pela crescente entrada das mulheres no mercado de trabalho (ANTUNES, 2006), este ainda carrega marcas da divisão sexual do trabalho (KERGOAT, 1996; HOLZMANN, 2006), pois, conforme as autoras abordaram, as atividades de administração privada culturalmente sempre pertenceram às mulheres, como é o exemplo da Mariana. E, em outras empresas majoritariamente compostas de homens, já ouvi falar que mulheres são contratadas nestas funções, por que os homens costumam ouvir mais as mulheres, ao mesmo tempo em que elas também os escutariam melhor que outro homem. Como refere um entrevistado, ainda assim, o espaço das mulheres seria restrito neste canteiro de obras, onde se reproduz a lógica da dominação masculina:

“Se tu vai colocar na balança, elas estão bem mais fechadas que nós. [...] Elas têm um espaço bem menor para andar. E são em bem menos pra conversar. [...] É só se alojando pra descobrir. E mesmo assim, as mulheres não podem circular por todos os espaços. [...] Tipo assim, mulheres só têm acesso à lanchonete, ao banco e à lan house. Áreas de lazer, salas de TV e de cinema – áreas masculinas – elas não têm acesso. O horário de circulação delas é de até no máximo às 10 horas e elas também não têm acesso ao alojamento masculino. O alojamento delas é separado, ali elas têm a área de lazer, têm TV, mas é separado, elas não podem andar. E [...] também é a primeira

³⁸ Mariana é nome fictício. Escolhi nomear a responsável pelos alojamentos, pois a mesma foi referenciada pelos trabalhadores várias vezes, e mesmo sendo mulher ganha credibilidade neste espaço, uma vez que pode intervir na moradia destes trabalhadores. Logo que iniciei o estudo me indicaram falar com a Mariana para conhecer melhor os alojamentos.

barragem que segue com autorização pra mulher morá alojada.”(Entrevistado 4).

Os alojamentos são organizados: pelo sexo, de um lado homens do outro mulheres; e pela hierarquia, de um lado horistas e do outro mensalistas. Misturar a hierarquia ainda é possível, pois eu conversei informalmente com mensalistas que preferem ficar nos alojamentos dos horistas, pelo fato de terem conhecidos e conterrâneos naquela área. Os quartos e os blocos/pavilhões imitam as divisões das regiões e estados do Brasil, sendo organizados conforme a dimensão e diversidade de culturas contidas dentro deste canteiro de obras.

Os trabalhadores entrevistados evocaram e diferenciaram suas regionalizações como marcadores de si, explicando para a pesquisadora – *Lá em tal lugar (principalmente no Piauí e no Maranhão) as relações se dão de tal maneira, aqui (no canteiro) é diferente, principalmente pelo que assinala a não uniformidade das pessoas e suas culturas. (Diário de campo).* Estes homens alojados não estão aleatoriamente dispostos nos quartos. Geralmente se distribuem conforme suas origens regionais e seus postos de trabalho. Conforme os relatos a seguir, eles mostram que existem vários tipos de homens alojados segundo os marcadores sociais que ocupam, como, neste caso em particular, a regionalização:

*“Só homem as coisa são bem diferente, muitas das vezes a gente ouve falar palavras que a gente não desejaria ouvir, e que hoje tem pessoas,... **aqui onde a gente convive tem um local onde tem todo o tipo de gente, né? É maranhense, cearense, piauiense, e enfim, os gaúcho, os catarinense, enfim... Só que de todo este tipo de gente, tem gente de toda a forma, tem o bom, o ruim, o assassino.”** (Entrevistado 7). (Grifos meus).*

*“[...] se lida com gente que você não conhece. Você tem que ter um controle muito, muito grande mesmo. **Em lidá com gente de todo o tipo, de todos os lugares, de todas as nações.** alojamento às vezes tem, cada lugar, cada país é de um jeito. [...] Morá aqui é bom, é que tem muita gente que tem problema de colega de quarto, daí você tem que lidá, que nem eu falo com você, tem gente de todos jeitos. Eu vim com gente conhecida, mas fiquei em outro quarto,*

devia tu ficá com quem tu já conhece pra você falá a mesma língua da pessoa. Não é fácil vivê com gente do Paraná, da Bahia, não sei da onde, não sei dá onde... E aí você tem que ter muita calma, muita calma, por isto tem gente que perde a cabeça, dá uns ‘esporros’ e vai embora. Mas eu graças a Deus, pelo menos no quarto que eu moro um colega meu lá é maranhense e a gente se dá bem.” (Entrevistado 15). (Grifos meus).

Esta segunda fala carrega as diferenças de cada estado do Brasil, os quais tomam para o entrevistado a dimensão de nação, pois existem diferenças culturais importantes entre estes homens alojados, inclusive na forma como se expressam e se comunicam, e este é um fator que provoca atritos dentro dos alojamentos, como a defesa de cada um por seus costumes, por vezes em detrimento dos outros. Uma mostra disto é quem mais se faz escutar e em maior volume pelas músicas regionais no horário permitido. Eles travam uma competição entre os ritmos regionais: um bloco ouve sertanejo, outro forró e pagode; um quarto aprecia as músicas gauchescas, junto aos sons dos violeiros e gaiteiros que são os próprios trabalhadores. Alguns até vêm se organizando para que um deles ensine os demais como se fosse uma das oficinas do canteiro de obras.

Por mais que exista uma tentativa entre os trabalhadores barrageiros e da própria administração dos alojamentos em organizá-los conforme uma divisão regional, nem sempre esta distribuição é possível, uma vez que precisa haver adequação às demandas de trabalho. Os contratos - “fichamentos” - vão ocorrendo e nem todos conhecidos e conterrâneos chegam juntos, como evidencia esta fala:

“É meio complicado por que é seis homens em um quarto assim, seis culturas, seis estados, várias culturas diferentes. Às vezes a gente encontra parceiro agradável.” (Entrevistado 12). (Grifos meus).

“Já houve um rodízio grande até pouco tempo atrás, mas agora deu uma estabilizada, deu uma normalizada.” (Entrevistado 4).

*“Mas eu vejo assim os outros, por que às vezes você divide o quarto com umas pessoas assim, é bom de lidá, por que **o pessoal tem costume diferente, não tem capricho, é outra ideologia.** Com relação a isto a gente se adaptou bem,*

mas é 'tediado'³⁹ com relação a isso que você tem que conviver com pessoas que não é pro teu costume. Então você tem que conciliar, tem que ficar quieto [...] Tem que ter jogo de cintura assim..." (Entrevistado 9). (Grifos meus).

Lidar com as diferenças regionais que ficam expressas nas músicas, na alimentação, no vestuário, nas diferentes formas de organizar o quarto. Tudo isto gera uma série de disputas entre estes homens no espaço de moradia.

Além destas disputas, uma das questões que muitas vezes acaba em atritos entre os alojados é o fato de os quartos não serem separados de acordo com os turnos de trabalho. O que pode gerar problemas no sono, de acordo com os estudos Losicer (2001) nas plataformas de petróleo, pois cada um tem um horário que pode interromper o descanso dos demais trabalhadores, conforme aparece nas falas seguintes:

"O alojamento é o seguinte, a vida no alojamento não é fácil neste sentido – sempre tem um desocupado no alojamento. Hoje eu vou trabalhar à noite, daí amanhã tem um de folga fazendo barulho no alojamento, daí eu durmo mal. Eu vou trabalhá daí chego às três e meia e acordo os que tão durmindo, tomo banho começo a durmí, quando for cinco e meia outro grupo levanta e daí começa outro barulho. Movimentado..." (Entrevistado 2). (Grifos meus).

*"E do meu quarto específico o problema é o pessoal não respeitar os outros, digamos assim tu, por exemplo, os turnos, **uns trabalham de noite e outros de dia**. Então quando um tá de noite, daí outro já chega de dia fazendo barulho. Então, não é todos, mas tem uns que gritam, batem nas paredes, erguem o som por que não tão trabalhando. **Então isso prejudica até um pouco, eu não muito, por que durmo com aqueles plug no ouvido que o jeito que eu encontrei pra não me incomodá. Achei, um jeito pra durmi**. No nosso quarto até tinha um pessoal ruim, mas foi eliminado, ruim que eu digo assim de conviver junto no mesmo quarto. Agora a gente tem um pessoal bom, mas ainda assim, é um pessoas que tem cada um." (Entrevistado 9). (Grifos meus).*

³⁹ Entediado.

Como relatou o Entrevistado 9, ele cria estratégias para poder conviver com a diferença de turnos e poder dormir, como usar os *plugs* para proteção auricular. Em contrapartida, em alguns casos eles dizem que é melhor estar em um quarto conforme a afinidade entre os homens, do que entre seus horários de trabalho, como explica o Entrevistado 11:

“Não é fácil não, funcionários, sempre tem um que não tá de bom humor, mas fazer de tudo pra conviver bem. Apesar que no quarto tem 6 pessoas, 3 trabalham de noite e 3 trabalham de dia, mas nós combina, por que nós já estamos juntos desde o começo, desde que o alojamento começou até. Os mesmos seis, é limpeza, é tudo, tudo participa.” (Entrevistado 11).

É interessante a comparação do alojamento com colégios internos, quartéis e outros lugares que vão fazendo esta conexão de deslocamentos conforme o gênero. Partindo da idéia da escola podemos pensar como se organizam os alojamentos e de como estes corpos podem existir dentro dos espaços destinados à lógica da produção. Ao mesmo tempo em que não se fala de sexualidade (ou se fala com muita discricção), se aumenta o controle através da arquitetura, da maneira como estão dispostos os lugares, como uma substituição do discurso de direção de consciência pelo policiamento do corpo (FOUCAULT, 2001). Como evidencia a seguinte fala:

“O dia a dia no alojamento é tipo um colégio, como tudo mundo sai, né? Eu tô de folga, tô por ali os colegas também, né? O dia a dia a gente passa, tá com os colegas.” (Entrevistado 8).

[...] ao mesmo tempo as arquiteturas, as disposições dos lugares e das coisas, a maneira como se arrumam os dormitórios, cuja vigilância é institucionalizada, a própria maneira como se constroem e se dispõem no interior de uma sala de aula os bancos e as carteiras, todo o espaço de visibilidade organizado com tanto cuidado (a forma, a disposição das latrinas, a altura das portas, a calçada aos cantos escuros), tudo isto, nos estabelecimentos escolares, substituí – para fazê-lo calar – o discurso indiscreto da carne que a direção de consciência implicava. [...] tanto mais silenciosa, quanto mais vigoroso o policiamento do corpo [...] fala-se o mínimo possível, mas tudo, na disposição dos lugares e das coisas, designa os perigos desse corpo de prazer. Dizer dele o menos possível, só que tudo fala dele. (FOUCAULT, 2001, p. 294).

Como se constrói um lugar de vigilância deste corpo, as masculinidades ficam cerceadas não só pelas regras institucionais, mas também pelas prescrições internas constituídas pelas combinações destes homens, seja especificamente nos seus quartos, seja nos blocos ou áreas de circulação coletiva. E ali se dão as condições de possibilidades de (re - des) construção das masculinidades, pois ali se aprende a ser homem, a partir de diferentes culturas, de modelos de homens, de trabalhadores. Os adjetivos bom e ruim são insuficientes para explicar a dimensão de percorrer este itinerário de “*seguir barragem*”, “*trabalhando e morando pelo mundo*”, como nos descreveu o Entrevistado 2.

3.5) Relações Familiares? “papel de marido, pai, companheiro.”

“[...] eu ligo todo dia, tem que ligar, o papel de marido, de pai.”

“[...] a minha família são os meus companheiros de quarto.”

(Entrevistado 4).

Uma das questões feitas nas entrevistas foi: “Como é a sua relação com a família?”. Dentro das respostas que recebi separamos duas bases para análise: o lugar destes homens enquanto provedores e a forma como eles constroem uma estética da amizade, ao ponto de considerar como parte da família os seus colegas de trabalho e/ou os seus colegas de quarto.

O lugar do provedor é enunciado quando pergunto sobre como são as relações familiares, sempre tendo em foco que a maioria deles tem uma família que mora longe. Nem todos formaram ou “*fizeram*” uma família como eles dizem, mas a maioria dos entrevistados assim se constitui, como por exemplo: “*fiz minha família no Paraná (Entrevistado 5), no Ceará (Entrevistado 2), na Bahia (Entrevistado 10).*” Como se o fato de constituírem uma família com esposa ou em união consensual (um casamento não formal, com filhos/as) os tornasse legitimamente homens. E àqueles que são solteiros ou estão

namorando cabe seguir o *script* esperado para esta masculinidade que se institui dentro da matriz heteronormativa, afinal,

[...] a masculinidade, um constructo frágil e falível, precisa do suporte social do casamento e da vida familiar estável pra encontrar seu caminho. De fato, a masculinidade, por si própria, tende, segundo sua maneira de ver, a fraquejar e precisar ser acolhida e apoiada por diversos suportes sociais, sugerindo que a masculinidade é, ela própria uma função dessas organizações sociais, não tendo nenhum sentido intrínseco a ela para além dessas instituições (BUTLER, 2009, p. 111).

A constituição da família só foi possível dentro das relações de poder (FOUCAULT, 2002). A medicina e a sexualidade entram em contato através da família, que organiza um campo ao mesmo tempo ético e patológico (FOUCAULT, 2001). A forma como estas instituições se regulam e se mantêm pelo tempo, mesmo com mudanças estruturais, faz com que ainda o homem seja reconhecido como o responsável pelo sustento desta família e em especial destes/as filhos/as (LYRA, 2004). Quando estes trabalhadores falam da masculinidade, precisam mencionar as suas famílias e a saudade que sentem delas e o quanto esta constituição de família os produz enquanto sujeitos. Conforme relata o Entrevistado 2, que já formou duas famílias e exerce a “paternidade à distância” dos/as filhos/as concebidos com a primeira e com a segunda esposa:

“Tem um aperto no peito, uma dor forte, até falta de ar – ficar mais de ano fora de casa. (Permanece um tempo em silêncio).” (Entrevistado 2).

*“Eu pra mim como terminei de falá é a coisa mais importante que tem. **Eu sempre falo por telefone**, é o meio tê contato que tenho com eles. Eu vim, neste tempo todo ainda não voltei. Os onze meses tô ainda longe de casa sem volta. Não é um contato cem por cento, porque hoje não existe este contato cem por cento, né? A gente tenta chegá lá. Mas assim é muito boa, eu não tenho nada a reclamar. **Eu só tenho a agradecer a Deus pela família, pelo trabalho.**” (Entrevistado 7). (Grifos meus).*

A família contém em si algo do sagrado (ZAMBRANO, 2006). Por isto o modelo de família tradicional, ou seja, a patriarcal, nuclear, é aclamada por estes homens.

A possibilidade de realizar ligações, usar a ferramenta da internet, permite o encurtamento da distância para manter o contato com a família e passar instruções, inclusive sobre a educação dos/as filhos/as. Como relatam nas entrevistas:

“E2 – Tem que ligar de dois em dois dias.

P – O senhor combina de ligar de dois em dois dias?

E2 – Não é combinado, eu ligo. Eu ligo mais sábado, domingo e quarta. Isto é sagrado. É este o intervalo.” (Entrevistado 2).

*“Eu procuro ligar. Se eu pudé ligar todo o dia eu ligo, o problema é o sinal de celular aqui, onde há barragem o sinal do celular não pega. Daí você combina um horário e mais ou menos naquele horário todos os dias você liga. Ou liga ou recebe uma mensagem, porque também para ligar todo o dia não compensa. Eu tenho um horário para ligar, daí eu ligo, **sabê como é que tá a minha filha e vou monitorando o acontecimento das coisas.** E vou pra lá mês em mês, cada dois eu vou pra lá.” (Entrevistado 4). (Grifos meus).*

Estabelece-se um lugar para a paternidade, mesmo quando a paternidade é exercida à distância. E esta paternidade reafirma o papel de homem dentro do canteiro de obras, o que justifica inclusive a superação das dificuldades encontradas no trabalho. Segundo Lyra (2004) devemos conceber que a paternidade não é só um dever, mas um direito, onde: “A participação do homem na criação dos filhos pode ser uma experiência positiva para a criança e, principalmente, para o próprio homem.” (LYRA, 2004, p.91).

Mesmo que, na maioria dos casos, a cobrança, sobretudo no plano financeiro e econômico, caia sobre o homem. Ou seja, “Ele deve “assumir” a paternidade e o lar ou, em outras palavras, “não deve deixar faltar nada em casa.” (LYRA, 2004, p.92). Para o autor, é preciso construir uma dimensão de responsabilidade e não de obrigação no exercício da paternidade. O que faz pensar na postura destes trabalhadores, que não só mandam o dinheiro no fim

do mês para a família, mas procuram participar através do telefone ou da internet do cotidiano dos/as filhos/as, indicando como eles devem agir e como não cair nos “vícios”, e lembrando a eles o dever de obedecer à mãe, não obstante a crença que têm de que o papel de pai tem mais força, motivo pelo qual podem “monitorar” (Entrevistado 4) e “explicar como é o mundo” (Entrevistado 2) para os/as filhos/as.

*“Tem um de 11 e um de 14 anos. E tem com a outra também⁴⁰. Sempre falo com eles, ligo pra ela e digo chamá eles. **E dá uma palavrinha pra eles, explicá como é que é a vida do mundo. O pai longe, né, vai que passa a não querê obedecê a mãe por que já tá com 14 anos, daí quando você sai, é assim, assim a vida, não vá filho caí, se levá pelos amigos. E se o amigo oferece qualquer tipo de coisa não aceita, tanto, porque a vida de quem bebe e fuma passa muito mal, muito mal. Eu nunca bebi na minha vida, nunca fumei nada. Por isso que eu não aparento a idade, eu tô com 56 anos, fala a idade ninguém acredita. E acho que fora mais estes conselhos: fora da bebida e do cigarro.**” (Entrevistado 2). (Grifos meus).*

Alguns trazem a família, mesmo sabendo das dificuldades da família em se adaptar em diferentes lugares. Outros já preferem que a família não os acompanhe, porque isto implica no deslocamento e na adaptação da esposa e dos/as filhos/as na escola e com os amigos. Como no caso de um entrevistado que relata que sua mulher não se adaptaria ao frio, razão pela qual não traz a família para esta região.

Geralmente os encarregados ou supervisores trazem as famílias, por contarem com um suporte financeiro mais estável para poder manter os gastos com a mudança e com a adaptação das mesmas. As distâncias geográficas podem ser menores quando o salário é maior.

Como no caso deste encarregado:

“P – E a tua família vem te acompanhando nas obras?”

⁴⁰ Com a outra esposa, tem outros filhos.

E10 – *Sim, todas as obras vêm junto. **Agora quem sofre mais é a família, isto pode ter certeza, eu acho que aquelas que acompanha sofre mais que as que não acompanha.** [...] Tem muita gente que tá aqui sozinho e sofre calado, a família não tá perto de vô, de vô, parentes e tudo, sofre menos, no meu ponto de vista de quem traz família.*

P – *E quem traz família sofre mais?*

E10 – *Acho que sim que sofre mais, mas não morre, por que o homem se satisfaz sexualmente acabô, né? (risos) **E a família: filho tem que fazer amizade na escola, mulher não tem conhecido nenhum nas ruas, numa cultura e nos costumes totalmente diferentes. Alimentação diferente. Até tu se adaptá ali, quando tu tá se adaptando, daí você muda novamente. É a vida.*** (Entrevistado 10). (Grifos meus).

Agregado à ética do provedor e à responsabilidade da prescrição com o casamento aparece também o medo da traição da mulher, em especial pela carga disso para os homens na cultura, como se isso abalasse a sua honra mais do que a de uma mulher traída. Então muitos deles acabam sendo alvo de deboches pelos colegas de trabalho e até pela possibilidade de isto vir acontecer no caso de a mulher estar muito longe. Aqui se repete a fala que diz que se não é homem aqui não se é em lugar nenhum, se não demonstra a sexualidade aqui, não exercitaria ela em lugar nenhum, como já tratamos. Então quem pode é acompanhado pela família, que fica em cidades próximas.

“[...] se ocê tá pensando coisa, daí vai um e diz a tua mulher tá lá fazendo coisa com outro, daí se o cara põe na cabeça vai até embora, né? [...] E o caso que a mulher não é bem de saúde não dá pra trazer pra cá, senão eu não tava alojado, tava com casa alugada na cidade.” (Entrevistado 2).

*“Certa hora a gente se estressa um pouco, que nem é 60 dias pra mim ir pra casa, ficá no meio de homem, desta homarada esquisita aí. Um fala uma coisa, um fala outra coisa, tem os cabaré aí, daí um diz vamos lá. Eu não tenho este costume, eu falo. Certa hora a gente pensa de fazê e não faz, por que tá a família lá e o ganho pra onde vai e não dá pra ficar gastando aqui. **O dinheiro eu transfiro todo o mês pra casa, pra São Paulo.**”*(Entrevistado 6). (Grifos meus).

O lugar da obra em si apresenta-se como um lugar de família. A maior parte dos trabalhadores têm familiares ali, mas a maioria são homens. Geralmente os que exercem cargos de chefia conseguem contrato para suas mulheres em cargos administrativos ou auxiliares e assim vão seguindo as obras acompanhados.

Mas, conforme abro esta sessão, existe uma família que não é a nuclear, é como uma extensão da família tradicional e até uma reprodução desta família na obra. Esta se configura pelas relações de solidariedade que se estabelecem entre estes trabalhadores para dar conta das precariedades, conforme apontou Marques-Silva (2009) sobre os trabalhadores que vão se deslocando na cidade. As falas a seguir posicionam este lugar de uma família, que se dá na extensão e no seguimento de uma obra após a outra, e que eles vão construindo ao construírem a si mesmos:

“Eu sinto que a gente faz uma amizade muito grande com o pessoal, têm uns que a gente tá muito tempo trabalhando junto, é como se fosse assim irmão. E outros que vem e vão.” (Entrevistado 2). (Grifos meus).

“Morá em alojamento, eu pra mim morar não é mais que uma família. Eu posso até lhe disse que não é igual, normal a uma família, porque uma família quando é bem desempenha ela é tudo. Na vida da gente tudo é uma família, né? Então pra lhe disse que eu nunca tive problema em alojamento assim neste caso, né? Pra mim é sempre uma família, sempre me dei bem com os colegas de quarto, a gente nunca teve problema.” (Entrevistado 7). (Grifos meus).

“Longe de casa, longe da família, a gente que vem do norte e vem pra cá e não tem como passá, têm os amigo que a gente se vê, é como irmão, como a família da gente, é que vai acostumando, mas nunca é como uma família, vai mudando, por exemplo tem pessoas que eu nunca vi e vai chegando, vai mudando. A gente acostuma.” (Entrevistado 8). (Grifos meus).

Apesar da rotatividade de pessoas, algumas delas sempre se mantêm acompanhando as outras. Então, enquanto eu andava pela obra, e acompanhava o cotidiano destes/as trabalhadores/as, percebia a proximidade

entre eles, tanto durante as refeições ao se cumprimentarem como quando no ônibus cantavam as músicas ao se deslocar, músicas que contavam sobre as trilhas sonoras que marcaram determinada obra, como que se a nostalgia fizesse parte da reafirmação deste lugar de barrageiros. Eles se conhecem e se reconhecem e vão tornando aquele lugar da obra um lugar possível para existirem e se constituírem como sujeitos.

Esta solidariedade também pode ser evidenciada diante dos riscos do trabalho. Durante as observações de campo presenciei um caso de acidente, em que um trabalhador caiu de um guindaste de 8 metros de altura. Ele estava com o cinto de proteção, mas não estava atracado na base, porque não pretendia fazer um trabalho na altura. Foi só pegar uma ferramenta, mas caiu. Este acidente afetou todos locais da obra, pois muitos queriam descobrir quem tinha caído, se era um familiar, um amigo, um colega de quarto. Mesmo não sendo parente ou amigo, os/as trabalhadores/as se mobilizam para ajudar, há uma relação mais igualitária que os coloca numa mesma condição de vulnerabilidade e paradoxalmente os fortalece enquanto seguidores/as de barragens.

Lembro que no dia do acidente presenciei a parada de uma obra inteira, até que tivessem encaminhado via ambulância local o trabalhador ao hospital. A situação foi aparentemente grave, pois o mesmo tinha batido e cortado a cabeça. Depois de cinco meses, quando retornei ao canteiro de obras, este trabalhador que havia sofrido o acidente já estava de volta ao seu posto de trabalho.

Cabe afirmar então que neste lugar existe o desenvolvimento de relações de solidariedade, o que o faz um lugar de trabalho privilegiado perante outros, como reconhecem estes trabalhadores.

3.6) Performances dos Corpos masculinos na/em construção

[...] o corpo é básico para entender a construção social da masculinidade (CECCHETTO, 2004, p.73).

Fala-se o mínimo possível do corpo nas instituições, só que tudo fala do corpo, na maneira como vão se organizando as arquiteturas (FOUCAULT, 2001). Assim, são os espaços que organizam os homens no canteiro de obras. A construção destes espaços, procuram isolar as práticas eróticas e pensar no corpo para o trabalho.

A temática do corpo enquanto construção cultural compõe esta dissertação para entender como são performadas as masculinidades. O corpo configura-se como elemento revelador da constituição dos atributos de virilidade. Por meio de gestos, posturas e adereços, foi possível identificar condições de possibilidades de estes sujeitos construtores de usinas hidrelétricas construírem identidades que os identifiquem como “barrageiros”. Esta identificação é possível pelas inscrições advindas de marcadores sociais que remetem à “origem” regional destes corpos. E o uso de vestimentas de trabalho, que, associadas ao uso dos Equipamentos de Proteção Individual – EPI’s, vai constituindo a identificação em postos de trabalho e as relações nesta cidade temporária.

Não podemos esquecer em nenhum momento que estes corpos masculinos são atravessados pela cor, região de origem, idade, orientação sexual e classe social – a maioria destes trabalhadores é de origem nordestina e a eles cabe o trabalho mais pesado e arriscado da construção civil. Os mais novos são valorizados pelo vigor e disposição e os mais velhos pelo cargo que ocupam. Estas são algumas lógicas sociais que dividem estes homens e seus corpos nos postos de trabalho.

A primeira pergunta que nos fazemos diante de um corpo é se ele é masculino ou feminino, como se este corpo não fosse possível fora desta

denominação (BUTLER, 2001). Isto ocorre por que culturalmente estamos inscritos dentro de um sexo, de um gênero, de uma identidade, de uma sexualidade, de um desejo e de um corpo. E mesmo que não necessariamente ocorra uma relação linear entre sexo, gênero, identidade, sexualidade, desejo e corpo; a norma nos impõe uma coerência que nos subjetiva. Afinal, como afirma Foucault (2006), só podemos existir dentro da norma, algo que nos objetive para nos construirmos enquanto sujeitos.

Para Butler (2001):

[...] o “sexo” não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir – demarcar, fazer circular, diferenciar – os corpos que ela controla (BUTLER, 2001, p.154).

A partir desta afirmação, indagamos quais seriam as “regulamentações” dos corpos masculinos neste canteiro de obras. Entendemos, então, que o corpo e a sua materialidade também são produtos sociais (BUTLER, 1997, 2001). Assim, ao mesmo tempo em que estes trabalhadores constroem esta usina hidrelétrica, os seus corpos vão se (re - des) construindo tanto através das suas atividades de trabalho como no habitar o canteiro de obras.

Existem diferenças e hierarquias entre estes corpos masculinos, construtores e construídos. Afinal, alguns corpos possuem maior reconhecimento dentro dos padrões de masculinidades que se estabelecem: aqueles que produzem - agüentam como “jegue” (a descrição do “peão”, trabalhador “ideal” para o encaminhamento à avaliação psicológica), os corpos que arriscam – não têm medo como um “cabaço” (referência debochada aos trabalhadores novatos que têm medo e seguem todas as instruções de segurança).

Nestes dois exemplos acima, emergem atributos referentes à virilidade, uma vez que é preciso suportar o trabalho duro. E isto exige comparação com um animal que possui força, enquanto que ter medo de se submeter ao risco no trabalho pressupõe um lugar de mulher, uma vez que cabaço se liga à virgindade feminina.

Há aqui uma comparação que exalta este lugar da virilidade no trabalho e que coloca num lugar inferior os sujeitos que não conseguem ocupar este lugar hegemônico. Welzer-Lang (2001) retoma esta atribuição da virilidade como componente da relação da construção hegemônica da masculinidade como concebida na cultura ocidental. O que coloca a construção do masculino não só como uma oposição diante das mulheres, mas diante de uma submissão que divide os homens em mais machos e menos machos. Tanto que um homem só pode se legitimar homem frente a outro homem, e em lugares circunscritos pelas masculinidades como dominantes há uma imersão homosocial, na qual se aprende a ser homem (WELZER-LANG, 2001, 2004).

O canteiro de obras apresenta-se circunscrito pelas masculinidades como dominantes – os “*mais machos*” - e neste espaço também se aprende a ser homem com outros homens e na diferenciação com as mulheres. A socialização permite atribuir valores aos homens. Afinal, destacam-se aqueles que não se acabam diante da “perdição” (menções à prostituição e ao uso de bebidas alcoólicas), mas conseguem aproveitar e desfrutar destas perdições, também chamadas de lazer, provando que são “mais machos” (os “mais machos” seriam aqueles que controlam o risco e não se “perdem”). Além disso, os “mais machos” agüentam o trabalho duro, conseguem prover e controlar uma família que geralmente está distante e ainda têm a disposição de se impor diante de outros homens nos seus espaços de sociabilidade; seja nos alojamentos, nas áreas comuns do canteiro de obras ou até mesmo nas casas de prostituição no entorno da obra.

A construção destes corpos pressupõe resistência e preparação física, tanto que no refeitório do canteiro de obras se organizam quatro *buffets* - dois com comidas *lights* e outros com comidas mais reforçadas - o que explicita uma divisão nutricional destes corpos. O canteiro conta também com áreas esportivas e durante os treinamentos são incentivadas a prática de esportes e a alimentação saudável. Ou seja, estes corpos masculinos, e esta massa muscular que agüenta, carrega, se equilibra, se desafia, anda em alturas, é preparada, desenvolvida para o bom desempenho das atividades laborais. A partir disto, tornam-se visíveis os processos de naturalização e desnaturalização destes corpos.

Além disso, na performance sexual masculina é esperada a relação com a atividade, conforme mencionou Leal (1995), onde a penetração está para os homens da mesma maneira que a reprodução está para as mulheres. E, portanto, um homem viril precisa mostrar-se ativo, e a forma como os movimentos, gestos e posturas aparecem revelam a ideia de construção corporificada do masculino:

[...] a virilidade [...] é entendida tanto na capacidade reprodutiva e sexual, quanto na aptidão para o embate e o exercício da violência [...]. (CECCHETTO, 2004, p. 75-76).

Ao visualizar os corpos destes trabalhadores em atividade dentro do canteiro de obras percebe-se que estão cercados por prescrições para prevenir acidentes e doenças. São treinamentos, placas de recomendações para o uso dos Equipamentos de Proteção Individual – EPI’s. Equipamentos (em especial capacetes, óculos de proteção, botas de borracha, luvas e cintos de segurança para altura) com os quais alguns trabalhadores circulam fora de atividade, como se fossem extensão do seu corpo e indicação de sua virilidade.

Pensar o corpo masculino dos trabalhadores da construção civil ligado ao uso dos Equipamentos de Proteção Individual – EPI’s mostrou-se um ponto importante nas observações de campo. Na construção do corpo surge o mestre, o pedagogo, que vai ordenando as relações e produzindo verdades, e especialmente no canteiro de obras, os/as técnicos/as de segurança do trabalho e os/as psicólogos/as ocupam-se deste personagem para reforçar as regulamentações e o uso destas proteções, além de fazerem o gerenciamento destes corpos com vistas à sua preservação e produtividade.

Contudo, na responsabilidade pelo cuidado, como diz Fraga (2000), espera-se que o sujeito exerça uma espécie de “autovigilância sanitária”, ou seja, controle comportamentos considerados de risco - como a atividade sexual – e, acrescentaríamos aqui, a obrigatoriedade e prescrição dos EPI’s, como se estes equipamentos, isoladamente, pudessem dar conta da segurança no trabalho.

O uso destes equipamentos toma outro lugar, que não é apenas o da proteção frente aos riscos do trabalho na construção civil. Aparecem como adereços da virilidade, em especial quando são utilizados fora do contexto e da precisão de trabalho, como nos locais de lazer e de refeição e também fora do canteiro de obras (conforme observações feitas na cidade mais próxima do campo de pesquisa).

Afinal, qual é o sentido de andar de capacete, botas de borracha, óculos de proteção e cinto de proteção para altura pendurado no corpo, quando isto não tem necessariamente uma utilidade prática? Estes corpos devem se afirmar másculos, mostrando para as pessoas de fora do seu campo de trabalho o risco ao qual se submetem, bem como suas capacidades para exercer e se reconhecer nesta atividade laboral, que tem no seu *script* subir andaimes e guindastes, trabalhar com o concreto. Trabalhar com o concreto, não só o do cimento, mas também no sentido dado aos materiais de construção, particularmente em se tratando de uma construção, no caso, a de uma usina hidrelétrica.

Ao mesmo tempo em que estes acessórios de proteção ocupam um lugar de “*fetich*e” desta virilidade, quando são burlados - desafiando a prescrição de segurança – revelam um homem mais macho, mais experiente, que não é “cabaço” (inexperiente e receoso do risco) naquela atividade. Utilizamos os estudos de Dejours (1992; 2007) para pensar a burla nos contextos de trabalho, em que a burla é uma das estratégias de defesa coletiva utilizada no trabalho para dar conta de determinada atividade, como no caso dos trabalhadores da construção civil em questão que se utilizam dos Equipamentos de Proteção Individual – EPI’s não seguindo todas as prescrições, pois criam estratégias, inclusive corporais, para adequar este corpo ao ritmo da produtividade esperada, bem como à performance que necessitam apresentar frente às questões laborais e de gênero. Estes acessórios – EPI’s - que se acoplam ao corpo destes sujeitos dizem sobre a sua identidade, a qual está ligada ao lugar que ocupam e pelo qual se reconhecem pela sua atividade laboral. Os EPI’s são também signos das hierarquias dentro do canteiro de obras (peão, encarregado, supervisor) ligadas às atividades laborais (operadores de máquinas, soldadores, pedreiros, motoristas, sinaleiros, encanadores, eletricitas, engenheiros, auxiliares...).

Elas são visíveis no tipo da bota, na cor do capacete, no material de confecção dos cintos de proteção e no tipo de óculos de proteção que utilizam, bem como em suas vestimentas.

A construção civil tem uma identidade masculina, da mesma forma que as engenharias. Na construção de uma usina hidrelétrica não poderia ser diferente. Por estarem dentro do ramo da construção civil e das engenharias, os homens que habitam este lugar vão inscrevendo em seus corpos marcas do trabalho que vão dos músculos às cicatrizes. Eles vestem este corpo não só com o uniforme da construtora da obra e com seus equipamentos de proteção, mas com a história itinerante que se dá a cada mobilização e desmobilização dos canteiros de obras e com as relações que ali se estabelecem, as quais constroem possibilidades de ser homem.

A condição de possibilidade de o sujeito se construir como homem neste canteiro de obras atribui uma identidade comum a estes trabalhadores – ser “barrageiro”. Ser barrageiro implica não só trabalhar no canteiro de obras de usinas hidrelétricas, mas seguir esta condição de vida na instabilidade da mudança constante de cidade, estado e até país. Impõe uma adaptação corporal às diferenças climáticas, culturais e sociais que estes trabalhadores encontram. Esta adaptação configura o vestuário e a mobilidade destes corpos, o que faz com que os homens do sul “ensinem” as estratégias de vestimenta diante do frio para os trabalhadores que enfrentam o primeiro inverno. A vida destes trabalhadores é marcada pela instabilidade de localização, mas produz estabilidade em relação à seqüência do trabalho em outras obras e aos laços de amizade. Esta estabilidade, como já descrevemos, mantém os trabalhadores conectados e organizados nos alojamentos.

As análises indicam a complexidade da tarefa e as relações que ali se estabelecem. Apontamos para relações de poder que instituem hierarquias e formas dominantes/ideais de ser homem. Buscamos pensar a rede que conecta a construção conjunta de masculino(s) específico(s) que se sustenta(m) na associação trabalho/sexualidade/família/corpo/itinerância.

4) “Desmobilização” – “Para onde ir?” – (Re - des) considerações possíveis

*“[...] E o teu objetivo agora assim, é fechar aonde?”
(Entrevistado 4).*

O desafio da escrita desta dissertação foi produzir deslocamentos que se constituem em reflexões, tensões e questionamentos dentro de uma experiência sensitiva e cognitiva de tentar pensar o poder que nos institui. Mesmo sabendo que não existimos fora da norma, precisamos identificar formas que nos fazem funcionar: isso pode nos ajudar a conquistar um lugar de maior liberdade. Existe a dificuldade de manter o foco em uma questão, outras tantas surgem durante a configuração da pesquisa, além de conseguir demarcar um encerramento, ainda que provisório, deste estudo, como na pergunta do Entrevistado 4, respondi que não acredito que possa “fechar” em um ponto a questão de como se constroem as performances masculinas neste canteiro de obras.

Desta forma, diante da pergunta deste trabalhador sobre minhas conclusões, eu falei que não poderia fechar este estudo, mas sim abrí-lo para pensar questões que o campo foi me trazendo no discorrer desta trajetória sobre o fato de que não há uma única forma de performar o masculino.

O campo me desestabilizou enquanto pesquisadora, tanto no percurso de construção teórica/acadêmica, quanto da prática etnográfica. Deslocou-me do meu lugar habitual, o que já tinha sentido durante a construção do projeto desta dissertação. Mas acredito que tensionar as posições tradicionais como as que se inscrevem nas relações de gênero faz-se necessário para pensar em como podemos, pela via da pesquisa, produzir saberes que caminhem na direção da ampliação da liberdade das formas de ser, e não o contrário. Como Butler afirma: “Num certo sentido, precisamos nos desfazer para que sejamos nós mesmas: precisamos ser parte de um extenso tecido social para criar quem nós somos.” (BUTLER, 2009, p. 122).

Tracei um campo e tentei responder à questão de como se performam as masculinidades neste canteiro de obras. Utilizei seis sessões/pontos de análise para trabalhar tais questões, as quais foram possíveis ao entrar em contato com as histórias de vida deste trabalhadores/as interpelados/as como barrageiros/as, o que fala de uma luta pela sobrevivência na busca de emprego – o “*fichar*”; fala de saudade – da família e da região de origem; fala de um mundo novo, que se abre em relação à diversidade para cada uma das pessoas que compõem o canteiro de obras, e, ao mesmo tempo, se produzem ali enquanto sujeitos.

Como apresentei ao longo do texto, as análises compuseram-se de elementos que tomam partes fundamentais da edificação destas masculinidades: a atividade sexual heterossexual; o trabalho pesado e arriscado ligado à construção civil; a convivência nos alojamentos; a relação de prover a família e de assumir o lugar da paternidade; a corporalidade masculina; e as relações de amizade/solidariedade que se constroem durante o processo de ir percorrendo as construções destas obras – “*seguindo barragens*”. Visualizamos diferentes modos de ser homem, apesar de existirem modelos hegemônicos de masculinidades conectados à matriz heteronormativa, os quais entram em tensionamento e reformulação quando conectados aos marcadores sociais, à época, ao local e às relações que se estabelecem dentro da continuidade e da estabilidade que existe na itinerância dos/as seguidores/as de barragens.

Por isto, ao longo do percurso procurei situar como acontecia a mobilização e a desmobilização para que se realizasse a construção desta usina hidrelétrica. Busquei abordar a vida destes homens alojados que se deparam com incertezas sobre o que vão fazer quando a construção acabar, para que outro lugar vão ir, como vai ser este outro lugar. A partir das conversas informais que tive no campo, alguns deles já estavam se mudando para outra obra. Então eles diziam um ao outro e até para mim que estava ali por um período curto: “*Quem sabe nos encontramos na [Obra Tal]*”⁴¹ (Diário de campo). Esta frase diz sobre a continuidade daquele espaço que é referência

⁴¹ Uso “Obra Tal” para não identificar o local, mas tratavam-se de duas obras que estavam em fase inicial no Norte do País.

para a produção destes sujeitos, mesmo que alguns trabalhadores acabem voltando por um tempo para suas famílias e depois voltem a “fichar” e “seguir barragens”, passando pelo seguro desemprego, como aparece nesta fala: “[...] eu saio e volto, saio e volto.” (Entrevistado 2).

O processo de desmobilização é o processo de saída dos trabalhadores e recolhimento dos materiais, onde vai se processando um novo deslocamento para outra obra. Tomo a desmobilização como o deslocamento que se produz na pesquisa, em que a pesquisadora se retira para descrever, analisar o percurso feito pelas escolhas de sinaleiros, operadores, relatos, e observações que compuseram a escrita.

Esta pesquisa implicou na mobilização da pesquisadora teórica e empiricamente – conheci teorias que embasaram o estudo e que me guiaram no campo. E agora que faço o processo de desmobilização deste campo para poder considerar o que será possível agregar neste lugar, retomo a epígrafe inicial de que “[...] se passa um rio a nado [...]”, da margem direita à margem esquerda. Ter passado o mesmo rio em outros pontos, não significa mais o mesmo rio, porque às águas são outras, e nas vezes que percorri de barco ou nadei neste mesmo rio, parei num ponto que hoje é o ponto de pesquisadora que seguiu por uma questão e por uma barragem, chegando em – “[...] um ponto muito mais embaixo, bem diverso do que primeiro se pensou.”

Para que esta obra e estas vidas fossem/sejam possíveis, há um processo quase que contínuo de construção, desconstrução e reconstrução. Para agregar o novo, para poder edificar questões que compõem modelos valorativos do masculino. Uso, então, o termo (re – des) construções das masculinidades, para posicionar o que o campo trouxe, pois, ao mesmo tempo em que existem hegemonias para a manutenção das performances masculinas, estas sofrem tensões, oposições e reestruturações. É quase impossível ser um homem com todos os atributos conferidos ao ideal de masculinidade/virilidade. Por exemplo, não há como freqüentar assiduamente – “as foias” – as casas de prostituição e ser um bom provedor. Comprovar a virilidade é mostrar-se mais homem diante dos outros homens, especialmente pela atividade sexual, mas não só por ela, mas por quanto cada corpo se arrisca no trabalho perigoso da construção desta usina hidrelétrica.

Existem disputas, tanto entre os estados da margem direita e esquerda da construção desta obra, quanto entre os “*mais machos*” e os “*menos machos*”. Uma vez que eles não podem ocupar “*a terceira margem do rio*”⁴², são trazidos pelas correntezas dos enunciados e das formações discursivas ao se constituírem e se afirmarem em um lugar possível do masculino, mesmo que não exista um único lugar para as masculinidades e que nenhum lugar se mantenha por tempo indeterminado.

A terceira (ou quarta, ou quinta...) margem é um lugar incerto, onde é difícil existir, é um lugar de morte e de vida, mas é um lugar que sempre tenta estar no “entre”, nem na margem esquerda e nem na direita. Na verdade penso que, como pesquisadora, nunca saí por inteiro de “uma terceira margem” por ter um entendimento sempre limitado do campo que se (re - des) constrói e da possibilidade daquilo que podemos experimentar.

As transformações trazidas pelos campos de pesquisa remetem a uma nova forma de conhecer, pretendendo pensar a categoria de gênero para além daquele que é inteligível dentro da lógica heteronormativa (LOURO, 2004). O que permite uma perspectiva pós identitária é o fato de as nomações binárias não darem conta da suposta coerência “natural” entre “sexo-gênero-sexualidade” (LOURO, 2004). Contudo, o uso das denominações identitárias fizeram com que este trabalhadores pudessem existir dentro da norma, a qual se materializa em uma legislação e na construção de políticas públicas para as chamadas minorias e/ ou diversidades sexuais (BRASIL, 2004). Esta nova categoria estabelecida por derivação do par anterior da normatividade trata-se do terceiro excluído, conforme nomeia Benevides (2007), de modo que, mesmo sendo apresentada como outra categoria, esta categoria continua como se

⁴² Uso a Terceira Margem do Rio, tomando o conto do João Guimarães Rosa (2001) em Primeiras Estórias. Uma das interpretações que faço deste conto e de que o sujeito que manda fazer uma canoa para ocupar o rio – sem ancorar-se em suas margens e permanecer entre elas, deixa de ocupar os seus atributos de homem, como chefe de família, pai, trabalhador, e passa a ocupar um lugar entre, que não é reconhecido, que figura ora como loucura ora morte e pode ser uma das possibilidades de vida que aquele homem encontrou – viver guiado pelas águas. Seu filho herda este lugar, narrando o conto e assumindo o lugar do pai no rio, que me faz pensar nas masculinidades que ficam caladas. Como termina o conto: “Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rastos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água, que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro – o rio.” (ROSA, 2001, p.85).

fosse produto da dualidade anterior. Nessa lógica, o funcionamento do terceiro excluído é baseado no “ou”, dualidade que divide o mundo em partes opostas que lutam pelo domínio de uma sobre a outra e que, neste processo, excluem um terceiro, (ou quarto, ou quinto...), modo de existência. Creio que a epistemologia *queer* possibilita dar visibilidade a estes terceiros e quartos, quintos... excluídos, aos que não ocupam o lugar nem de mais machos e nem de menos machos, mas de “uma terceira, quarta, quinta... margem(ns)”.

5) Referências Bibliográficas

ANJOS, José Carlos Gomes dos. Sexualidade juvenil de classes populares em Cabo Verde: os caminhos para a prostituição de jovens urbanas pobres. **Rev. Estud. Fem.** [online]. 2005, vol.13, n.1, p. 163-177.

ANTUNES, Luis Orestes Pacheco. **Como o tradicionalismo gaúcho ensina sobre masculinidade.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

ANTUNES, Ricardo. **Dimensões da precarização estrutural do trabalho.** 2006. Disponível em: <http://www.itcp.usp.br/drupal/files/itcp.usp.br/ANTUNES%20LIVRO%20GRA%C3%87A%202007.pdf> Acessado em: 20 fev.2010.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. **"Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração:" currículo de masculinidades nos estádios de futebol.** 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BARRIENTOS, Jaime. **Comportamiento Sexual en La ciudad de Antofagasta.** Informe 2005. Ordhum. Universidade Católica del Norte, Antofagasta, Chile, 2005. Disponível em: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/J/Jaime_Barrientos_Delgado_28.pdf Acesso em: 29 jun. 2008.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos.** Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

BENEVIDES, Regina de Barros. **Grupo:** a afirmação de um simulacro. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007.

BISPO, Carlos Alberto Ferreira. **Um novo modelo de pesquisa de clima organizacional.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365132006000200007, 2006. Acesso em: 08 nov. 2008.

BORDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. Tradução Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BORILLO, Daniel. A homofobia. In: LIONÇO, Tatiana e DINIZ, Debora (Org.) **Homofobia e Educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: Letras Livres: EdUnB, 2009, p. 15 – 46.

BRASIL. Política de DTSS/AIDS: Princípios, Diretrizes e Estratégias Nacional. Ministério da Saúde. Secretária de Políticas da Saúde. Coordenação de DTS e AIDS, 1999. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd03_17.pdf Acesso em: 07 de março de 2010.

BRASIL. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. Brasil sem homofobia: programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual, 2004. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf Acesso em: 07 de março de 2010.

BUTLER, Judith. *Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes. (org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte, Autêntica, 2001.

_____. Diagnosticando o gênero. Tradução: André Rios. Revisão Técnica: Márcia Arán. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 19 [1]: 95-126, 2009.

_____. **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. Subjection, resistance, resignification: between Freud and Foucault. In: **The Psychic Life of Power**. Stanford University Press. Stanford – CA, 1997. p. 83-105.

_____. **Undoing Gender**. New York, Routledge, 2004.

CARREGA, Gloria; SIERRA, Iñaki. **Debates sobre masculinidades: Poder, desarrollo, Políticas Públicas e Ciudadanía.** Universidad Nacional Autónoma de México: México, 2006.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

CECCHETTO, Fátima Regina. Corpo, masculinidade e violência. In: _____. **Violência e estilos de masculinidade.** Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004, p. 73 – 84.

CLIMACO, Danilo de Assis. Os laços homossociais entre homens: análise de *Between men: english and male homosocial desire*, de Eve Sedgwick. In: **Fazendo o Gênero 8. Corpo Violência e Poder.** Florianópolis, de 25 a 28 de 2008.

CÓDOBA, D. SAEZ, J. Y, VIDARTE, P. **Teoria Queer. Políticas Bolleras, Maricas, Trans, Mestizas.** Barcelona, Ed. EGALES, 2005.

CONNELL, R. W. Desarrollo, globalización y masculinidades. In: CARREGA, Gloria; SIERRA, Iñaki. (Coord.) **Debates sobre masculinidades: Poder, desarrollo, Políticas Públicas e Ciudadanía.** México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2006, p.185 - 210.

_____. **Masculinidades.** México: Universidad Nacional Autónoma de México. Programa Universitario de Estudios de Género, 2003.

_____. Políticas da masculinidade. In: **Educação e Realidade.** Porto Alegre, FAGED/UFRGS, v. 20, n.2, jul/dez. 1995, p. 185-206.

COPATTI, Mônica; ROLDO, Elisandra; SPODE, Charlotte Beatriz. **RELATÓRIO DE ESTÁGIO PROFISSIONALIZANTE EM PSICOLOGIA DO TRABALHO E DAS ORGANIZAÇÕES.** 2007. Erechim: URI – Campus de Erechim. Disponível no CPA (Centro de Psicologia Aplicada) da Universidade Regional Integral do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Erechim, 2007.

CYPRIANO, Breno. Diálogos entre o Feminismo no masculino e Teoria Política. **Fazendo o Gênero 8. Corpo Violência e Poder**. Florianópolis, de 25 a 28 de 2008.

DEJOURS, Christophe. **A Loucura do Trabalho: estudos de psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. **A Banalização da Injustiça Social**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2007.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: Denzin, Norman; Lincoln, Yvonna (Orgs). **O planejamento da pesquisa qualitativa – teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15 – 41.

ECKERT, Cornélia. Do corpo dilapidado à memória re-encantada. In: LEAL, O. F. (Org). **Corpo e significado**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001. p.163-188.

FIALHO, Fabrício Mendes. **Uma crítica ao conceito de masculinidade hegemônica**. (Working Papers) 14p. In: http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2006/wp2006_9.pdf, 2006. Acesso em: 03 de fevereiro de 2009.

FILHO, Kleber Prado. Para uma arqueologia da psicologia (ou: para pensar uma psicologia em outras bases). In: GUARESCHI, N. M.F. e HÜNING, S. M. (Org.) **Foucault e a Psicologia**. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2005.

FIMYAR, Olena. Using Governmentality as a Conceptual Tool in Education Policy Research. London: **Educate**, march, 2008. p. 3-18.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em Educação. In: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, Nov. 2001, p. 197 - 229.

FONSECA, Cláudia. **Quando cada não é um caso. Pesquisa Etnográfica e educação**. Trabalho apresentado na XXI Reunião da ANPED, Caxambu, setembro de 1998.

Foucault, Michel. A Psicologia de 1850 a 1950. In: _____. **Ditos e escritos v. I - problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. Rio de Janeiro, Brasil: Forense Universitária, 1999, p.122-139.

_____. Arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. Em Defesa da Sociedade. **Curso no Collège de France (1976-1977)**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Ética, sexualidade, política**. Michel Foucault; organização e seleção de textos Manoel de Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **História da sexualidade II: O uso dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **História da sexualidade III: O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. O sujeito e o poder. In: Dreyfus, H e Rabinow, P. **Michel Foucault: Uma trajetória Filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. Os anormais. **Curso no Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. Nitzsche, a genealogia e a história. In: Machado, Roberto (Org) **Microfísica do Poder**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

_____. Segurança, território, população. **Curso no Collège de France (1977-1978)**. São Paulo, Brasil: Martins Fontes, 2008.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRAGA, Alex Branco. Anatomias de consumo: investimentos na musculatura masculina. In.: **Educação & Realidade**, v. 25 nº 2 Julho Dezembro 2000, p. 135-150

GARCIA, D. C. Teoria Queer: reflexiones sobre sexo, sexualidad e identidad. Hacia una politización de la sexualidad. In: Córdoba, D. Saez, J. Y Vidarte, P. **Teoria Queer. Políticas Bolleras, Maricas, Trans, Mestizas**. Barcelona, Ed. EGALES, 2005.

GODELIER, Maurice. **O OCIDENTE, ESPELHO PARTIDO: uma avaliação parcial da antropologia social, acompanhada de algumas perspectivas**. Tradução de Heloísa Jahn. Conferência proferida na 168 Reunião nacional ANPOCS. Caxambu, outubro de 1992.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G.L.; NECKEL, J.F. & GOELLNER, S.V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, Vozes, 2003.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GUEVARA RUISEÑOR, Elsa S. Construcción de la masculinidad en la escuela y la familia en jóvenes universitarios. **Psicol. Am. Lat.**, nov. 2006, no.8, p.0-0. ISSN 1870-350X.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis: Vozes, 1997.

HOLZMANN, LORENA. Divisão Sexual do Trabalho. In: CATTANI, A. D.; HOLZMANN, L. (Ed.) **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**. Porto alegre: Ed. Da UFRGS, 2006, p.101-103.

IÑIGUEZ, Lupicio. La Psicología Social en la encrucijada postconstruccionista: historicidad, subjetividad, performatividad, acción. In: GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. **Estratégias de Invenção do Presente: A Psicologia Social no Contemporâneo**. Trabalho apresentado no Simposio do XII Encontro Nacional da ABRAPSO, Porto Alegre-RS, 2003.

JACQUES, Maria da Graça. "Doença dos Nervos": Uma Expressão da Relação entre Saúde/Doença Mental. In: M. da G. Jacques, V. Codo (orgs). **Saúde Mental e Trabalho: leituras**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

JARDIM, D. F. Performances, Reprodução e Produção dos Corpos Masculinos. In: LEAL, O. F. (Org). **Corpo e significado**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001. p.189-201.

JARDIM, João; CARVALHO, Walter. **Janela da Alma**. Brasil, 73 min, 2002.

KERGOAT, Danièle. Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho. In: LOPES, Marta. J. M.; MEYER, Dagmar. E. e WALDOW, Vera R. **Gênero & Saúde**. Porto Alegre, Artes Médicas. pp. 19-27, 1996.

LAQUEUR, T. **Inventado o sexo. Corpo e Gênero dos Gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2001.

LEAL, Ondina Fachel. **Corpo e significado: ensaios de antropologia social**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 1995.

_____. **The Gauchos: Male Culture and Identity in the Pampas**. 1989. PhD Thesis (University of California) Berkeley, 1989.

LEAL, Andrea Fachel. **"No peito e na raça" - a construção da vulnerabilidade de caminhoneiros: um estudo antropológico de políticas públicas para HIV/AIDS no sul do Brasil**. 2008. Porto Alegre: Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, 2008.

LEMKE, Thomas. The birth of bio-politics: Michel Foucault's lecture at the college de France on neo-liberal governmentality. **Economy & Society**. 30(2): 190-207, 2001.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

LOMBARDI, Francisco J. **Pantaleão e as Visitadoras**. [Pantaleón y las Visitadoras], Peru, 137 minutos, 1999.

LOSICER, Eduardo. **Caso clínico em alto mar Abrindo a 'caixa preta' da p-36**. Disponível em: http://www.estadosgerais.org/encontro/caso_clinico.shtml, 2001. Acesso em: 01 set. 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Sexualidades Contemporâneas: políticas de identidade e de pós-identidades. In: Uziel, A. P.; Rios, L. F.; Parker, R. G. **Construções da Sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de AIDS**, Rio de Janeiro: Pallas: Programa de Gênero e Sexualidade IMS/UERJ e AIBA, 2004.

_____. Conhecer, pesquisar, escrever... **Educação, Sociedade & Culturas**, n.25, 2007, 235-45.

LYRA, Jorge. **Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997.

_____. Paternidade: sentidos, marcas e padrões sociais. Em: MEDRADO, Benedito; FRANCH, Mônica; LYRA, Jorge e BRITO, Maíra. (orgs.) **Homens: tempos, práticas e vozes**. Recife: Instituto PAPAI/Fages/ Nepo/Pagacapá, 2004.

LYRA, Jorge; MEDRADO, Benedito. Gênero, homens e masculinidades: percursos pelos campos da pesquisa e da ação em defesa de direitos. Em: BERNARDES, Jeferson e MEDRADO, Benedito (Org.) **Psicologia social e políticas de existência: fronteiras e conflitos**. Maceió: Abrapso, 2009.

MARQUES-SILVA, Paula. A arte de pesquisar o trabalho no território das cidades: a rua como o "lugar da questão". Em: TITTONI, Jaqueline. **Psicologia**

e fotografia: experiências e intervenções fotográficas. Porto Alegre: Ed. Dom Quixote, 2009, pp.129-151.

MEDRADO, Benedito. **O masculino na mídia.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997.

_____. Sexualidades e socialização masculina: Por uma ética da diversidade. Em: MEDRADO, Benedito; FRANCH, Mônica; LYRA, Jorge e BRITO, Maíra. (orgs.) **Homens: tempos, práticas e vozes.** Recife: Instituto PAPAÍ/Fages/ Nepo/Pagacapá, 2004.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista Estudos Feministas**, Vol. 16, n. 3, 2008, p. 809-840.

MEISSNER, W. W. **The self-as-subject in Psychoanalysis. Psychoanalysis and contemporary Thought**, V.22, n. 2, p.55-202, Spreing, 1999.

MOREIRA, Lisandra Espíndola. **"Vida de equilibrista"? : mães trabalhadoras em diferentes contextos sociais.** 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) - Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

NARDI, Henrique Caetano. **Ética, trabalho e subjetividade: trajetórias de vida no contexto das transformações do capitalismo contemporâneo.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

NARDI, Henrique Caetano; SILVA, Rosane Neves da. A emergência de um saber psicológico e as políticas de individualização. **Educação e Realidade.** Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 187-198, 2004.

NARDI, Henrique Caetano; TITTONI, Jaqueline and RAMMINGER, Tatiana. Fragmentos de uma genealogia do trabalho em saúde: a genealogia como ferramenta de pesquisa. **Cad. Saúde Pública** [online]. 2005, vol.21, n.4, pp. 1045-1054.

QUARTIERO, Eliana Teresinha. **A diversidade sexual na escola: produção de subjetividade e políticas públicas**. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) - Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

POCAHY, Fernando; OLIVEIRA, Rosana de; IMPERATORI, Thaís. Cores e dores do preconceito: entre o boxe e o balé. Em: LIONÇO, Tatiana e DINIZ, Debora (Org.) **Homofobia e Educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: Letras Livres: EdUnB, 2009, pp. 115-132.

PORTELLA, Ana Paula; MEDRADO, Benedito; SOUZA, Cecília de Mello e; NASCIMENTO, Pedro e DINIZ, Simone. **Homens: Sexualidades, Direitos e Construção da Pessoa**. Recife: SOS Corpo – Gênero e Cidadania; Instituto Papai, 2004.

REVEL, Judith. **Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Ed. Claraluz, 2005.

RODRÍGUEZ, Juan Carlos Ramírez. Y eso de La masculinidad?: apontes para uma discusión, In: CARREGA, Gloria; SIERRA, lavador. (org) **Debates sobre masculinidades: Poder, desarrollo, Políticas Públicas e Ciudadanía**. Universidad Nacional Autonoma de México, México, 2006.

SAEZ, J. El contexto sociopolítico de surgimiento de la teoria queer. De la crisis del sida a Foucault. In: Córdoba, D. Saez, J. Y Vidarte, P. **Teoria Queer. Políticas Bolleras, Maricas, Trans, Mestizas**. Barcelona, Ed. EGALES, 2005.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99. Jul./dez. 1995.

SCHÜLER, O. Psicologia, Sociologia e Antropologia do Trabalho. Em: Vieira, S. I. **Medicina Básica do Trabalho**. Curitiba: Editora Gênese, 1996, p. 379-443.

SEDWICK, E. K. Epistemologia do armário. In: **Cadernos pagu**. Tradução de Plínio Dentzun. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da Masculinidade: Representação, Identidade e Diferença no Âmbito da Masculinidade Bissexual**. Porto Alegre: Tese de Doutorado do Programa de Pós Graduação de Educação da UFRGS, 2003.

_____. **Fazer com Homem, Fazer com Mulher: a escorregadia masculinidade bissexual**. In: LOPES, Denilson; BENTO, Berenice; ABOUD, Sergio et al. (Org) *Imagem e Diversidade Sexual: Estudos da homocultura*. São Paulo: Nojosa, 2004a, p.434-436.

_____. Masculinidad, bissexualidad masculina y ejercicio de poder: tentativa de comprensión, modalidades de intervención. In: CARREGA, Gloria; SIERRA, lavador. (org) **Debates sobre masculinidades: Poder, desarrollo, Políticas Públicas e Ciudadanía**. Universidad Nacional Autonoma de México, México, 2006.

_____. Representações da Masculinidade Bissexual: um estudo a partir dos informantes da Rede Bis- Brasil. In: CACERES, Carlos Fernando et al. (Ed.) **Ciudadanía Sexual en America Latina: abriendo El debate**. Lima: Universidad Peruana Cayetano Heredia, 2004b, p.219-238.

SEVÁ, Oswaldo. **Estranhas catedrais. Notas sobre o capital hidrelétrico, a natureza e a sociedade**. *Cienc. Cult.* [online]. 2008, vol. 60, no. 3, pp. 44-50. ISSN 0009-6725. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v60n3/a14v60n3.pdf> Acesso em: 18 de outubro de 2008.

SPINK, Peter. Trabalho um discurso em fragmentação. Em: BERNARDES, Jeferson e MEDRADO, Benedito (Org.) **Psicologia social e políticas de existência: fronteiras e conflitos**. Maceió: Abrapso, 2009.

ROSA, João Guimarães. A Terceira Margem do Rio. Em: _____. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, pp. 79 – 85.

_____. **Grande Sertão: Veredas**. 3ª edição, Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

TEDESCO, Leticia da Luz. **Explorando o negócio do sexo: uma etnografia sobre as relações afetivas e comerciais entre prostitutas e agenciadores**

em Porto Alegre/RS. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

TITTONI, Jaqueline. **Trabalho, poder e sujeição: trajetórias entre o emprego, o desemprego e os "novos" modos de trabalhar.** Porto Alegre: Dom Quixote, 2007.

TITTONI, Jaqueline; NARDI, Henrique Caetano. Subjetividade e trabalho. In: CATTANI, A. D.; HOLZMANN, L. (Ed.) **Dicionário de Trabalho e Tecnologia.** Porto alegre: Ed. Da UFRGS, 2006, p. 277-280.

VITELLI, Celso. **Jovens Universitários e Discursos sobre Masculinidades Contemporâneas.** Tese de Doutorado da Pós Graduação de Educação da UFRGS, Porto Alegre, 2008

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos feministas Pagu**, v. 2., 2001

_____. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: Sechupum, Mônica Raísa. **Masculinidades.** São Paulo: Boitempo Editorial: Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004

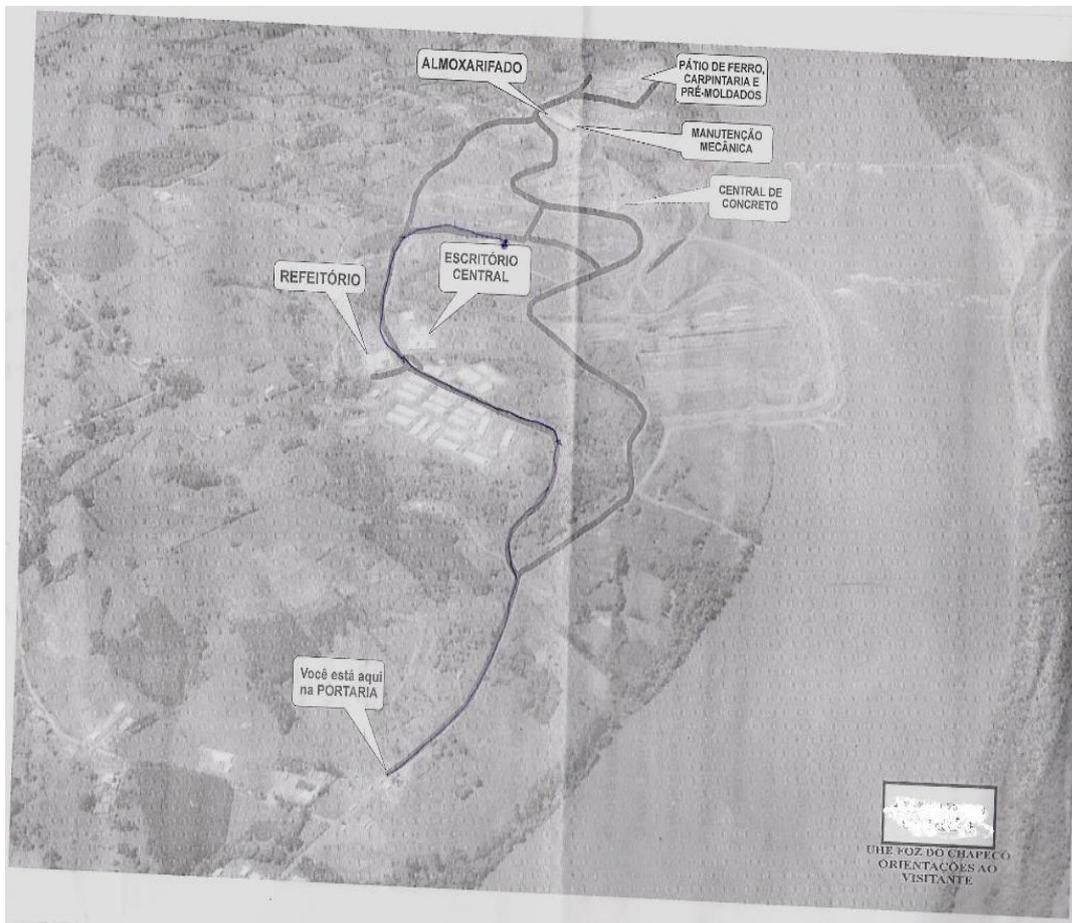
WIGLEY, Mark. A desconstrução do espaço. Em: Shinitman, Dora Shcnitman. (Org.) trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

WITTIG, Monique. **La pensée straight.** Paris: Éditions Balland, 1992.

ZAMBRANO; Elizabeth. Parentalidades "impensáveis": pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 12, n. 26, p. 123-147, jul./dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v12n26/a06v1226.pdf>

6) Apêndices

APÊNDICE 1 - MAPA DA OBRA:



APÊNDICE 2 – ÁREA ADMINISTRATIVA E ESCRITÓRIOS DE ENGENHARIA:



APÊNDICE 3 – SETOR DE PSICOLOGIA – SALA ONDE SÃO REALIZADAS SELEÇÕES E TREINAMENTOS:



APÊNDICE 4 – SEGURANÇA DO TRABALHO – ANDAIME PARA TREINAMENTO:



**APÊNDICE 5 – JARDIM ENTRE O SETOR DE PSICOLOGIA, SEGURANÇA DO
TRABALHO E ESCOLA – EJA:**



APÊNDICE 6 – AMBULATÓRIO MÉDICO E POSTO ODONTOLÓGICO:



**APÊNDICE 7 – SALA DE AULA DA ESCOLA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS –
EJA:**



APÊNDICE 8 – REFEITÓRIO DA MARGEM DIREITA:



APÊNDICE 9 – DISPOSIÇÃO DOS BLOCOS DOS ALOJAMENTOS:



**APÊNDICE 10 – QUARTO DOS
HORISTAS/PEÕES:**



**APÊNDICE 11 – QUARTOS DOS
MENSALISTAS/ENCARREGADOS:**



**APÊNDICE 12 – FISCALIZAÇÃO DOS
ALOJAMENTOS:**



APÊNDICE 13 – CABINES TELEFÔNICAS:



APÊNDICE 14 – LAVANDERIA:



APÊNDICE 15 – LANCHONETE/MERCADO:



APÊNDICE 16 – SALÃO DE BELEZA:



APÊNDICE 17 - QUADRA DE ESPORTES:



APÊNDICE 18 – SALA DE JOGOS:



APÊNDICE 19 – ROTEIRO PRÉVIO DAS ENTREVISTAS SEMI-DIRIGIDAS:

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Questões guias da Entrevista Semi-Dirigida:

1. Idade:
2. Escolaridade:
3. Naturalidade:
4. Estado Civil:
5. História Profissional:
6. Função desempenhada no trabalho:
7. Tempo de trabalho:
8. Tempo que reside nos alojamentos:
9. Como é trabalhar neste lugar?
10. Como é morar neste lugar?
11. Como são as regras para a vivência no alojamento?
12. Qual a sua relação com a família?
13. Como é “ser homem” no espaço dos alojamentos do canteiro de obras na construção de hidrelétricas?
14. Como poderia descrever uma cena do seu cotidiano?

**APÊNDICE 20 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO –
TCLE:**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: “AS CONSTRUÇÕES DAS MASCULINIDADES DE
TRABALHADORES EM ALOJAMENTOS NO OESTE CATARINENSE”

Prezado Participante,

Esta é uma pesquisa sobre as construções das masculinidades de trabalhadores que permanecem em alojamentos em decorrência da construção de hidrelétricas, realizada como parte da Dissertação de Mestrado que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Os objetivos desta pesquisa são conhecer e analisar os processos de subjetivação no que se refere às masculinidades e às sexualidades de trabalhadores que permanecem em alojamentos.

A sua participação consistirá em participar de uma entrevista individual, que poderá ser gravada, mas somente os pesquisadores terão acesso ao conteúdo das entrevistas. A participação neste estudo é voluntária, portanto não envolve custos aos pesquisados. Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto. Mas espera-se que o estudo proporcione maior visibilidade da realidade dos trabalhadores que permanecem em alojamentos. Caso você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. Os resultados deste estudo poderão ser, eventualmente, publicados, mas seu nome não aparecerá e será mantido sigilo de informações que possam identificá-lo. Caso houver dúvidas em relação a esta pesquisa, entre em contato com a pesquisadora, através dos telefones: (51) 9675-6921, (54) 9964-8099, ou ainda pelo e-mail ppavandetoni@gmail.com. Quaisquer dúvidas poderão ser esclarecidas diretamente com a pesquisadora ou pelo telefone: (51) 3308-5066 do Comitê de Ética em Pesquisa.

Solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa, em duas vias, uma para o pesquisado e uma para o pesquisador.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, _____
_____.

(Nome do Participante da Pesquisa) de forma
livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da
pesquisa.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Pesquisadora: Priscila Pavan Detoni

Orientador: Henrique Caetano Nardi

APÊNDICE 21 - TERMO DE CONCORDÂNCIA INSTITUCIONAL – TCI:

TERMO DE CONCORDÂNCIA INSTITUCIONAL

Título da Pesquisa: “AS CONSTRUÇÕES DAS MASCULINIDADES DE TRABALHADORES EM ALOJAMENTOS NO OESTE CATARINENSE”

Prezado Colaborador,

Esta é uma pesquisa sobre as construções das masculinidades de trabalhadores que permanecem em alojamentos em decorrência da construção de hidrelétricas, realizada como parte da Dissertação de Mestrado que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Os objetivos desta pesquisa são conhecer e analisar os processos de subjetivação das masculinidades e das sexualidades de trabalhadores que permanecem em alojamentos, para dentro destas especificidades, proporcionar maior visibilidade para formulação de intervenções de saúde para este grupo.

A sua colaboração consiste em possibilitar o acesso à pesquisa e a possibilidade de serem realizadas as entrevistas com os trabalhadores, mediante este termo em duas vias, uma para a empresa e outra para os pesquisadores. Caso a instituição decida não participar, ou queira desistir de colaborar com a pesquisa em qualquer momento, tem a absoluta liberdade de fazê-lo.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. Os resultados deste estudo poderão ser, eventualmente, publicados, mas será mantido sigilo de informações no que tange a identificação dos participantes e da empresa. Caso houver dúvidas em relação a esta pesquisa, entre em contato com os pesquisadores, através dos telefones: (51) 9675-6921, (54) 9964-8099, ou ainda pelo e-mail ppavandetoni@gmail.com. Quaisquer dúvidas poderão ser esclarecidas diretamente com a pesquisadora ou pelo telefone do Comitê de Ética em Pesquisa: (51) 3308-5066.

Atenciosamente, _____

Assinatura do Representante da
Instituição

Priscila Pavan Detoni

Assinatura da Pesquisadora

Henrique Caetano Nardi

Assinatura do Orientador

Instituição:

Data:

APÊNDICE 22 – CAMPANHA GRUPO DE APOIO AOS PORTADORES DE AIDS – GAPA:

